



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA – FACULDADE DE ARQUITECTURA

***PROJECTAR COM O LUGAR, PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA A
QUINTA DOS ALFINETES***



Filipe Henriques Bicha Marques

(Licenciado)

Projecto final para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura

Orientador científico: Professor Doutor Amílcar de Gil e Pires

Júri :

Presidente : Dra. Ana Santos Guerreiro

Vogais :

Dr. Amílcar Pires

Dr. José Centeno Gorjão Jorge

Especialista : Carlos Lemonde de Macedo

Lisboa, FAUTL, Maio, 2011



UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA – FACULDADE DE ARQUITECTURA

RESUMO

A presente dissertação procura registar uma reflexão de apoio teórico acerca do lugar de intervenção, a Quinta dos Alfinetes, de modo a fundamentar uma proposta de Projecto alternativa à de Oscar Niemeyer para a sede da Fundação Luso-Brasileira neste lugar.

A reflexão inicia-se com uma aproximação ao conceito de lugar e da importância deste, numa perspectiva pública para a conservação da memória colectiva. De seguida, discorreremos acerca do problema da acção de reabilitação dos lugares na actualidade, focando: o perigo de fundamentações não adequadas, a dualidade entre cultura local e cultura universal, a imprescindibilidade de um processo de leitura, a questão da cópia de estilos antigos e os problemas que surgem durante a intervenção propriamente dita e que devem merecer a atenção do arquitecto.

Posto isto, será abordado o tema da quinta de recreio num enquadramento histórico e enumeração dos seus principais elementos programáticos, em especial os arranjos exteriores, programa que mais caracterizava a quinta de recreio. Num segundo capítulo estuda-se a Quinta dos Alfinetes propriamente dita e, aqui, aproximamo-nos da área de intervenção, recuando no tempo tanto quanto possível, na tentativa de lhe entender a original relação com o território, da casa com a propriedade e sua configuração geométrica.

De seguida faremos, um reconhecimento das actuais condições em que se encontra o recinto da Quinta dos Alfinetes, uma apreciação crítica à proposta de Oscar Niemeyer e enumeraremos os recursos compositivos fundamentais à nossa proposta de projecto.

Por fim estabeleceremos as características fundamentais da Quinta dos Alfinetes que pretendemos manter e explicitaremos, de que forma os recursos compositivos anteriormente enumerados, se aplicam á proposta por nós apresentada

Palavras Chave: lugar, território, contexto.



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

**TECHNICAL UNIVERSITY OF LISBON – UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA – COLLEGE OF
ARCHITECTURE**

ABSTRACT

The present thesis has the purpose of exhibiting a theoretical support reflection on the intervention spot, the Quinta dos Alfinetes, in order to validate an alternative proposal to the one by Oscar Niemeyer for the Fundação Luso-Brasileira (Portuguese-Brazilian Foundation)'s facilities, on the same spot.

This reflection starts with an approach to the concept of place and its importance, as seen from a public perspective on the conservation of the collective memory. We shall thereafter reason out the issue of current spot rehabilitation, focusing on: hazardous inadequate grounds, duality between local and universal culture, an indispensable reading process, the issue of old style building reproduction, as well as the during-intervention occurring problems, which are to be seen to by the architect.

This said, the recreation farm subject will be approached within a historical perspective and its main programmatic elements will be enumerated, special attention being given to outer settings, the programme which used to characterise the recreation farm best. This chapter is an introduction to the following one, about the Quinta dos Alfinetes itself and at that point we address ourselves to the intervention area by receding in time as far back as possible, attempting to understand Quinta dos Alfinetes' original relationship with the territory, and the one between the house itself and its premises, as well as the geometric configuration of the house.

Eventually, we will acknowledge the present condition of the Quinta dos Alfinetes enclosure, also explaining the relationship between the Quinta and the Portuguese-Brazilian Foundation. We will also draw a critical appreciation of Oscar Niemeyer's proposal. The fundamental composition resources in our proposal for the Quinta dos Alfinetes spot will as well be enumerated.

Key Words: spot, territory, context

Índice Geral

1. Introdução	1
1.1 Objecto do trabalho	1
1.2 Enquadramento do tema	1
1.3 Justificação do tema	1
1.4 Metodologia proposta e a sua validação	3
1.5 Delimitação do universo de estudo	3
1.6 Estrutura base da organização da redacção do documento apresentado	4
2. Estado da arte	7
3. Desenvolvimento	11
3.1 Aproximação ao estudo da ideia de lugar em Arquitectura	11
3.1.1. A fundação do lugar por facto Arquitectónico	11
3.1.2. A consideração de lugares e não de lugar	12
3.1.2.1 Christian Norberg – Schulz e o espaço existencial	13
3.2. Aproximação à acção de reabilitação de lugares fundados por facto arquitectónico	15
3.2.1 Os problemas da reabilitação de lugares nos dias de hoje	15
3.2.2 O processo de leitura e reconhecimento do lugar	16
3.2.3 O projecto de hoje para a salvaguarda do lugar de ontem e de sempre	17
3.2.3.1 A questão da cópia	18
3.2.3.2 Os problemas de concordância construtiva e os factos inesperados	19
3.3 As quintas de recreio	20
3.3.1 Enquadramento histórico	20
3.3.2 A ideia de lugar na quinta de recreio	21
3.3.3 Os arranjos paisagísticos da quinta de recreio	23
3.3.1 O sistema de rega	23

3.3.2 O Jardim, pomar (horto de recreio)	24
3.3.3 O pomar e horto	24
3.3.4 A mata	25
3.3.5 As arquitecturas de prazer	25
3.3.6 O jardim da quinta de recreio e o jardim Europeu seu contemporâneo	26
3.4 A leitura original do Lugar da Quinta dos Alfinetes	27
3.4.1 A relação da Quinta dos Alfinetes com o território	27
3.4.1.1 A implantação da casa, suas dependências e a relação com a propriedade	28
3.4.2 A casa	31
3.4.2.1 A matriz geométrica da casa	32
3.4.3 Os jardins	33
3.4.3.1 O jardim formal e horto de recreio	33
3.4.3.2 A área de produção e a Mata	33
3.4.4 Os pátios	34
3.4.4.1 O pátio de honra	34
3.4.4.2 O pátio traseiro	35
3.5 A Quinta dos Alfinetes na actualidade	36
3.5.1 A actual relação de acessibilidade da cidade à Quinta	36
3.5.2 O estado do recinto	37
3.5.2.1 O recinto e sua envolvente	37
3.5.2.2 O interior do recinto	39
3.6 A Quinta dos Alfinetes e a fundação Luso-Brasileira	40
3.6.1 A aproximação da Fundação Luso-Brasileira à Quinta dos Alfinetes	40
3.6.2 O posicionamento da proposta de Oscar Niemeyer	40
3.6.3 Crítica ao projecto de Oscar Niemeyer	41
3.7 Os recursos compositivos da solução	43
3.7.1 A Hierarquia	43
3.7.1.1 A localização como remate de um eixo	44
3.7.2 O plano base	45
3.7.2.1 O plano de base elevado	46

3.7.2.2 O plano de base rebaixado	46
3.7.2.3 O plano de base superior	47
3.7.3 Casos de estudo	48
3.7.3.1 Projecto de Transformação de um Santuário	48
3.7.3.2 Projecto para o Grande Museu do Cairo	49
3.7.3.3 Edifício da nova biblioteca municipal de Viana do Castelo	50
4. Síntese descritiva e conclusiva do desenvolvimento conceptual do projecto	52
4.1 Os elementos essenciais da Quinta dos Alfinetes	53
4.1.1 O recurso ao eixo	56
4.1.2 O recurso ao eixo de simetria	57
4.1.3 O recurso ao plano de base	57
4.1.4 O recurso ao plano base rebaixado	58
4.1.5 O recurso ao plano base superior	59
4.2 A articulação dos recursos compositivos de diferenciação programática, com recurso comparativo aos casos de estudo	60
	62
BIBLIOGRAFIA	
ÍNDICE DE IMAGENS	65
ANEXOS	
Anexo 1 – Memória Descritiva do Projecto	
Anexo2 – Peças desenhadas da proposta	

1. INTRODUÇÃO

1.1 Objecto do trabalho

O presente trabalho pretende reflectir sobre os valores do lugar da Quinta dos Alfinetes, de forma a propor uma solução arquitectónica para a Sede da Fundação Luso-Brasileira e Instituto de Pós-Graduação em Direito Comunitário dos países de língua oficial portuguesa.

1.2 Enquadramento do tema

O tema surge no contexto do mestrado integrado em Arquitectura, desenvolvido na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa e insere-se no tema: "Projectar com o lugar a partir de uma preexistência".

A área de intervenção situa-se em Lisboa na zona de Chelas, a norte da Linha de Caminho de Ferro do Norte, e consiste no que resta da antiga propriedade pertencente à Quinta dos Alfinetes (*Fig1*).



Fig.1 – Lugar de estudo

A área da antiga propriedade da Quinta dos Alfinetes é dominada por um antigo Palacete, implantado na cota mais alta. Esta propriedade foi adquirida pela Fundação Luso-Brasileira em 1991 para aqui estabelecer a sua Sede, cujo projecto foi desenvolvido por Oscar Niemeyer, e para estabelecer o Instituto de Pós-Graduação em Direito Comunitário e Ensino da Língua Portuguesa, desenvolvido pelo arquitecto Capinha Lopes.

É no seguimento de uma leitura crítica da proposta de Oscar Niemeyer que iremos propor uma alternativa de projecto considerando outro entendimento dos valores do lugar da Quinta dos Alfinetes.

1.3 Justificação do tema

O tema, “Projectar com o lugar a partir de uma preexistência”, abordado pela via prática de um projecto, encontra a sua importância científica e académica na interpretação dos valores do lugar alvos de intervenção por parte dos arquitectos. Esta interpretação, procura atingir uma proposta fundamentada na análise do lugar, enaltecendo os seus valores, através de uma implantação adequada.

Relativamente ao caso de estudo, a presente proposta, oferece uma solução que procura valorizar as especificidades do caso concreto da Quinta dos Alfinetes.

Do ponto de vista social, a solução procura em primeiro lugar preservar um raro exemplo de arquitectura barroca doméstica, da antiga área rural de Lisboa, sobrevivente ao terramoto de 1755. Em segundo lugar, e tendo em vista a actual envolvente, a proposta procura oferecer à população um equipamento cultural complementado por um espaço público de jardim, cuja dimensão o caracterize como espaço de referência na cidade de Lisboa. Por outro lado, esta é uma oportunidade para incentivar o desenvolvimento deste descaracterizado sector da cidade, dominado por blocos de habitação e desprovido de equipamentos culturais.

1.4 Metodologia proposta e a sua validação

O processo de abordagem teve início com a recolha de todos os elementos possíveis referentes ao lugar, passando por uma experiência física do lugar, levantamento fotográfico, execução de um levantamento arquitectónico, consulta de cartografia antiga (Levantamento da cidade de Lisboa executado pelo Engenheiro Silva Pinto em 1904) e actual, leitura de documentação relativa a este caso específico e de outros elementos bibliográficos que oferecessem um panorama teórico sobre a questão da intervenção e reabilitação de lugares.

Após esta recolha, procedeu-se um reconhecimento em três campos. Um primeiro, procurou determinar a razão da localização e do papel original da Quinta em relação à cidade; o segundo, determinou os limites, acessos e caminhos originais da mesma, para assegurar possíveis áreas de intervenção que, embora actualmente não sejam parte integrante do recinto, outrora integraram a área da propriedade, podendo vir a servir (através da sua requalificação) para a valorização do recinto e do Palacete; o terceiro campo focou-se no Palacete e nas áreas exteriores anexas: o Jardim formal/Horto de recreio e o Pátio de honra.

Após este reconhecimento, foi estabelecido um conceito orientador da intervenção – o pódio, o eixo de remate e o eixo de simetria.

Tendo-se completado esta primeira etapa, iniciou-se o processo estudo de uma solução arquitectónica, estabelecendo premissas essenciais fundamentadas nas observações anteriores, até se chegar ao conceito: o pódio para a casa. Após o primeiro conjunto de peças desenhadas, fez-se um ensaio em maquete para estudar a implantação, do qual foram retiradas as conclusões que conduziram à solução final. Este processo foi acompanhado de desenhos a escalas sucessivas e cada vez mais pormenorizadas.

1.5 Delimitação do universo de estudo

O trabalho teve a duração de 10 meses, indo do início do segundo semestre do ano lectivo de 2009/2010 a Janeiro de 2011. A área de estudo e tem por limites espaciais o que resta da antiga propriedade pertencente à Quinta dos Alfinetes.

As circunstâncias específicas do lugar e da documentação disponível não permitiram um reconhecimento que se considere totalmente satisfatório.

A presença física no Palacete da Quinta dos Alfinetes cingiu-se apenas ao exterior, pois os vãos encontram-se emparedados. A ilegibilidade da cartografia antiga que nos foi possível consultar (Levantamento da cidade de Lisboa executado pelo Engenheiro Silva Pinto em 1904) não é totalmente explícita no que diz respeito aos limites originais da propriedade. A esta circunstância agrava-se o facto de já naquela época passar neste território o caminho de ferro do Norte, deixando dúvidas sobre as dimensões originais da quinta.

No que diz respeito à recolha de peças gráficas relativas ao anterior projecto para a Fundação Luso-Brasileira, as da proposta de Oscar Niemeyer do foram cedidas pela respectiva fundação, tendo o diagrama de áreas da proposta de Capinha Lopes sido fornecido pelo orientador científico do presente trabalho.

1.6 Estrutura base da organização da redacção do documento apresentado

O presente relatório encontra-se estruturado de acordo com o documento aprovado a 12 de Maio de 2010, pelo Concelho Científico da FA.UTL. Este documento é o guia para a elaboração dos Mestrados Integrados, onde constam os mínimos de referência para a elaboração e formatação da Dissertação/Relatório Final.

Desta forma, a presente dissertação é constituída por um resumo, uma introdução, um esclarecimento de fundo bibliográfico sobre o estado dos conhecimentos, desenvolvimento e conclusão na forma de uma síntese sobre a evolução conceptual do projecto.

No final do documento as peças desenhadas da solução proposta são colocadas em anexo.

O desenvolvimento, onde consta o estudo que suporta a elaboração do projecto de arquitectura, organiza-se em capítulos. O primeiro capítulo tem um cariz estritamente teórico e debruça-se sobre o conceito de lugar na arquitectura e sobre o papel dos lugares na sociedade.

O segundo capítulo concentra-se nas questões relativas à problemática da intervenção em lugares que contêm valor patrimonial.

O terceiro capítulo faz uma abordagem histórica sobre as quintas de recreio e dos respectivos valores de lugar associados, caracterizando os seus arranjos paisagísticos e a forma como este universo de elementos aparentemente isolados e não similares, constituíam um todo.

O quarto capítulo direcciona a análise para o caso específico da Quinta dos Alfinetes, procurando reconhecer os limites originais, a relação do palacete com o território e a relação das áreas anexas com o palacete. Finalmente, procura-se entender a configuração original da casa e decifrar uma possível matriz geométrica.

No quinto capítulo são estudadas as circunstâncias actuais da propriedade. É considerada a relação de comunicabilidade que o espaço da Quinta possa vir a estabelecer com a cidade de Lisboa, procedendo-se a uma descrição do estado actual do recinto e da casa.

O sexto capítulo relata a relação da Fundação Luso-Brasileira com a Quinta dos Alfinetes, fazendo posteriormente uma observação crítica sobre a proposta de Oscar Niemeyer.

O sétimo e último capítulo enumera bibliograficamente, com recurso a exemplos, os elementos formais e conceptuais da proposta.

Através da obra de Francis K. Ching "*Arquitectura, forma, espaço e ordem*"¹, expomos os sistemas de diferenciação hierárquica da composição arquitectónica que entendemos suportarem a proposta finalmente apresentada.

Por fim, a síntese descritiva e conclusiva do desenvolvimento conceptual do projecto, discrimina os elementos fundamentais das preexistências a valorizar, e o modo como os elementos compositivos de diferenciação hierárquica se aplicam à solução arquitectónica proposta.

¹ Ching, Francis D.K. Ching; "*Arquitectura, forma, espaço e ordem*"; Editora Martins Fontes; 3ª edição; 2002 pp 100-114, 320-338

2. ESTADO DA ARTE

A consulta de documentação bibliográfica para apoio à fundamentação teórica e conceptual proposta em desenvolvimento, procurou analisar a abordagem ao tema do Lugar em arquitectura, desde as práticas teóricas até às práticas concretas de projecto (das quais serão apresentados por exemplos). O objectivo era encontrar autores tivessem lidado com problemas semelhantes (relação hierárquica entre o existente e o novo), dos quais pudéssemos observar metodologias conceptuais de intervenção.

Este encadeamento bibliográfico pode ser dividido em três grupos:

O primeiro grupo foca-se na abordagem teórica do Lugar. Socorrendo-se de casos práticos ou iniciando os seus estudos a partir destes os autores desenvolvem as suas teses, o que nos permitiu ter uma reflexão mais operativa sobre este tema.

O segundo grupo, procura constituir uma investigação histórica do contexto cultural em que surgiram as quintas de recreio e, finalmente, chegar a conclusões sobre o seu carácter funcional e programa tipo. O mesmo tipo de abordagem, é dirigido ao caso concreto da Quinta dos Alfinetes, tentando perceber o seu papel no território e a razão da fundação do centro deste lugar onde a casa se encontra.

Finalmente, o terceiro e último grupo compreende a fundamentação prática e teórica sobre o problema da intervenção em lugares fundados por facto arquitectónico. Analisa-se os problemas de intervenção nos lugares e faz-se um reconhecimento de recursos compositivos, direccionados para a organização hierárquica equilibrada entre as preexistências e a nova intervenção.

Embora todas as fontes bibliográficas tenham contribuído para aprofundar conhecimentos relativos a esta temática, umas foram mais prementes que outras. Para o primeiro grupo bibliográfico tiveram particular importância a reflexão do orientador

científico, Amílcar de Gil e Pires, “*carácter da Arquitectura e do lugar*”², o texto do professor Rui Barreiros Duarte, “*Os Valores do lugar*”³, a tese de mestrado da autoria de Faria Célia “*A construção do lugar arquitectónico – A significação da forma arquitectónica na experiência do sujeito*”⁴, e, finalmente, a obra “*Existencia, espacio y arquitectura*”⁵ da autoria de Christian Norberg-Schulz.

Estas fontes bibliográficas foram determinantes na reflexão dos elementos constituintes do Lugar, na compreensão deste como facto fundado arquitectonicamente e, conseqüentemente, como criador de um domínio espacial e simbólico. Finalmente, através do conceito de espaço existencial, da autoria de Christian Norberg-Schulz, podemos entender o Lugar, como parte integrante de uma rede de lugares partilhados publicamente por um grupo de indivíduos.

que diz respeito ao segundo grupo bibliográfico tiveram maior importância as seguintes fontes documentais: “*Vilegiatura e Lugar na Arquitectura Portuguesa*”⁶; “*O Lugar da quinta de recreio na periferia de Lisboa*”⁷, “*A casa rural dos arredores de Lisboa no séc. XVIII*”⁸; “*Da essência do Jardim Português*”⁹.

Embora as duas primeiras referências bibliográficas, deste grupo, se enquadrem com melhor no âmbito dos estudos teóricos do Lugar, tiveram no presente estudo um papel preponderante na compreensão do modo como as quintas de recreio se relacionavam com o território. Com o contributo de “*A casa rural dos arredores de*

² Pires, Amílcar de Gil e; *Carácter da Arquitectura e do Lugar*; Artitextos; Julho 08; pp.107-120

³ Barreiros Duarte, Rui; *Os Valores do Lugar*; *Arquitectura e Vida*, nº 26, pp.66 - 69.

⁴ Célia, Faria; *A construção do lugar arquitectónico – A significação da forma arquitectónica na experiência do sujeito*; FA.UTL; 2009. Pp. 7-63

⁵ Norberg-Schulz, Christian; *Existencia, Espacio e Arquitectura*; Editorial Blume; 1975 pp. 19-83

⁶ Pires, Amílcar de Gil e; *Vilegiatura e Lugar na Arquitectura Portuguesa*; Tese para obtenção do grau de Doutor; FA.UTL; 2008. Pp. 17-30, 87-138,349-459.

⁷ Pires, Amílcar e; *O Lugar da quinta de recreio na periferia de Lisboa*; in: *Arte e Teoria – Revista do Mestrado em teorias da Arte da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa*; 2007;nº 9; pp.79 - 91

⁸ Caldas, João Vieira; *A casa rural dos arredores de Lisboa no séc. XVIII*; FAUP Publicações; 1999 pp. 333-364

⁹ Carapinha, Aurora Da Conceição Parreira; *Da Essência do Jardim Português*; Tese para obtenção do grau de Doutor; pp. 201- 363

*Lisboa no séc. XVIII*¹⁰ foi possível situar o caso específico, num tipo partilhado por outras três quintas situadas na periferia de Lisboa.

A última fonte documental, *“Da essência do Jardim Português”*¹¹, ofereceu-nos um panorama histórico relativo à origem das quintas de recreio, permitindo-nos também conhecer os elementos e articulações dos jardins que tão bem caracterizavam estas propriedades.

Por fim, o último grupo, introduziu-nos no problema concreto da acção de reabilitação nos lugares que constituem património e fez-nos conhecer e reflectir sobre as condicionantes e consequências desta acção na actualidade, o que nos levou a reflectir sobre os modos de actuar e “dialogar” compositivamente com as preexistências. Os problemas e condicionantes de acções de reabilitação dos lugares são introduzidos pelas questões *“o que restaurar, como restaurar e porque restaurar?”* que o professor Pedro Marques de Abreu coloca na sua tese de doutoramento intitulada: *“Palácios da Memória II. A revelação da arquitectura”*¹². Neste trabalho, estas questões remetem para um processo de leitura pré-projecto cujos elementos a reconhecer são fisicamente experimentados e documentalmente adquiridos.

Dirigindo-nos já para o campo de acção, o artigo de Christian Norberg-Sculz *“A paisagem e obra do Homem”*¹³ ofereceu-nos um meio para retirar das preexistências ambientais os estímulos da nossa composição, estabelecendo com o elenco natural existente um diálogo, factor determinante à constituição de qualquer lugar fundado por facto arquitectónico.

A problemática do posicionamento para com as acções de reabilitação de lugares, finda com o tema da articulação entre uma expressão material contemporânea e os

¹⁰ Caldas, João Vieira; *A casa rural dos arredores de Lisboa no séc. XVIII*; FAUP Publicações; 1999 pp. 333-364

¹¹ Carapinha, Aurora Da Conceição Parreira; *Da Essência do Jardim Português*; Tese para obtenção do grau de Doutor; pp. 201-363

¹² Abreu, Pedro Marques; *Palácios da Memória II A revelação da arquitectura*; Tese para obtenção do grau de Doutor, pp. 35-68

¹³ Norberg-Schulz, Christian; *A paisagem e a obra do homem*; Revista Arquitectura, nº 102 de 1968, pp. 52-58

estilos do passado. Este ponto da problemática tem como suporte bibliográfico a reflexão de Kenneth Frampton em “*História Crítica da Arquitectura Moderna*”¹⁴ acerca do seu conceito de regionalismo crítico e as reflexões de Fátima Fernandes e Michel Cannatá em “*Construir no Tempo - Souto de Moura, Rafael Moneu, Giorgio Grassi*”¹⁵.

O fim deste grupo tem a sua fonte documental em “*Arquitectura, Espaço, Forma e Ordem*”¹⁶ de Francis K. Ching onde foram reconhecidos temas de projecto adequados ao caso particular.

¹⁴ Frampton, Kenneth; *História crítica da arquitectura moderna*; Editora Martins Fontes; São Paulo; 2003, pp. 317-331

¹⁵ Fernandes, Fátima, Cannata, Michele; *Construir no Tempo – Souto de Moura, Rafael Moneu, Giorgio Grassi*; Editora Estar; 1999. Pp. 7-21

¹⁶ Ching, Francis D.K. Ching; *Arquitectura, forma, espaço e ordem*; Editora Martins Fontes; 3ª edição; 2002, pp. 100-114, 320-338

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 Aproximação ao estudo da ideia de lugar em arquitectura

3.1.1 A fundação do lugar por facto arquitectónico

O Espaço é o suporte contextualizado para a fundação de lugares, e estes contribuem para a contínua contextualização daquele, vinculando-o interpretativamente às necessidades essenciais da vida do homem. A vinculação entre o homem e o contexto de um determinado espaço forma o lugar. O lugar fundado por facto arquitectónico resulta da valorização significativa das circunstâncias preexistentes, por via deste mesmo facto arquitectónico, que inicia um processo de deposição de memórias ao longo do tempo.

A valorização significativa referencia um espaço instituindo-lhe um domínio humanizado dentro do próprio espaço contextualizado em que o Lugar se fundou. Explicitemos melhor este aspecto com auxílio da acepção Aristotélica de Lugar (Topos), que define o Lugar como algo que referencia e institui espaço, cria um domínio espacial, através da importância simbólica que cumpre na vida do homem.

Como foi referido, a fundação de um Lugar tem origem na vinculação interpretativa do homem às circunstâncias preexistentes. No entanto surge a questão: *o que fundamenta a interpretação do homem na criação de um Lugar?*

Do ponto de vista da produção do objecto arquitectónico, a fundação de um lugar é a materialização e exposição de um modo de estar no mundo, isto é, de um enquadramento cultural e social através do qual o habitamos. É, portanto, testemunho da posição de um grupo de sujeitos em relação ao habitar.

Então, podemos considerar que o meio cultural em que o homem se encontra é o fundo que está subjacente à interpretação que o sujeito faz do mundo. Entendendo, segundo a fenomenologia, que a existência dos objectos está sujeita a uma acção de

consciência interpretativa por parte do sujeito e então, podemos afirmar que não existe objecto sem sujeito, não existe Lugar sem sujeito, pois este nasce e é vivido por meio do fenómeno de consciência exercido por um mesmo sujeito pertencente a um determinado contexto cultural e social.

O fenómeno de consciência é um processo interpretativo que faz cair possibilidades sobre o objecto, sobre a fundação e vivência dos lugares. Não existe Lugar, se este não nascer da necessidade de impor ao meio físico a satisfação dos aspectos essenciais à vida, por via interpretativa e atribuição de um sentido simbólico, no qual os sujeitos encontram afinidades reconhecíveis e por si compreendidas.

A constituição de um Lugar, sendo uma apropriação do mundo físico pelo homem, esclarece o carácter da sua localização, apreende o seu espírito, o "*genius locci*". Isto é, faz uso das características fundamentais do local de implantação para exprimir a condição do homem em relação a este. Pois o Lugar só nasce de uma concordância dialogante entre os aspectos físicos preexistentes e a imposição construída que lhe é feita pelo homem.

3.1.2 A consideração de lugares e não de lugar

A Importância do Lugar para o indivíduo não se revê apenas no seu número singular, mas também no seu número plural, Lugares, pois, se é verdade que a fundação de um Lugar é a deposição de uma conjuntura cultural e social, através da qual habitamos o mundo, então a caracterização física desse contexto far-se-á através de Lugares cuja "organização aparece como espécie de garante de manutenção e transmissão da memória de um grupo"¹⁷.

Os Lugares são submetidos a uma organização hierárquica se partilharem entre si as suas semelhanças físicas, tanto nos locais de fundação como nas ligações entre estes, do mesmo modo que nos lugares "geométricos e matemáticos corresponde ao conjunto de pontos do espaço que possuem uma mesma propriedade matemática

¹⁷ Citação de Maurice Halbwachs em Faria, Célia; *A construção do lugar arquitectónico – A significação da forma arquitectónica na perspectiva da experiência do sujeito*; FA.UTL; 2009. pp. 41

qualquer”¹⁸. Contudo, a organização dos Lugares de uma cultura humana, serve a orientação dos sujeitos em relação aos lugares de sua cultura fisicamente circunscrita. Lugares “...em que nós experimentamos os significativos eventos da nossa existência...”¹⁹. Isto é, ao conjunto de propriedades físicas do lugar está atribuído um valor de afinidade.

A organização hierárquica dos lugares é determinante na orientação do indivíduo no seu meio cultural e social. Este assimila a relação dos lugares entre si e forma um mapa mental de orientação. A este mapa mental estipulado pelos lugares físicos sujeitos a valores simbólicos, essenciais aos indivíduos, Christian Norberg – Schulz denominou, em *Existência, espacio y arquitectura*, de “espaço existencial”²⁰.

3.1.2.1 Christian Norberg-Schulz e o espaço existencial

O conceito de espaço existencial é composto pelos seguintes elementos: o centro e lugar, a direcção, o caminho, a área e a região.

As regiões são áreas cultural, social e fisicamente contextualizadas, dentro das quais existem os lugares que partilham similaridades entre si. Os lugares e centros, por sua vez, são o elemento principal do espaço existencial, visto referenciarem o sujeito a múltiplos centros existentes no ambiente circundante, sendo o lar o lugar estruturante da referência, pois a este existe um eterno retorno. É a partir deste centro que outros se juntaram ao espaço existencial do homem iniciando, assim, uma rede de centros.

Os caminhos e direcções unem os centros da estrutura existencial do indivíduo e oferecem-nos a noção de contexto, pois une os lugares que partilham características em comum.

¹⁸ Ibidem; pp. 35

¹⁹ Norberg-Schulz, Christian; *Existencia, Espacio e Arquitectura*; Editorial Blume; 1975; pp. 38

²⁰ Ibidem; pp. 19

A combinação destes elementos no espaço, converte-o “numa dimensão real da existência humana”²¹. Estes elementos influenciam-se reciprocamente e instituem relações simbólicas ao funcionamento do espaço. Consideremos a noção de região, que têm um limite determinado topologicamente que, por sua vez, contextualiza morfológicamente o acesso aos lugares situados em pontos, que na sua relação com as características do local adquirem significado.

O interesse da reflexão de Christian Norberg-Schulz, situa-se na noção de bem cultural colectivo, que os lugares fundados por facto arquitectónico constituem. Esta reflexão situa a urgência da preservação dos lugares a nível colectivo, público e não individual.

²¹ *Ibidem*; pp. 29

3.2 Aproximação à acção de reabilitação de lugares fundados por facto arquitectónico

3.2.1 Os problemas da reabilitação de lugares nos dias de hoje

A importância da preservação dos Lugares para o homem assenta no seu valor de património cultural pertencente a uma comunidade, e que deve ser legado para gerações futuras, constituindo-se como testemunhos referenciadores do passado.

Hoje a preservação dos Lugares fundados por facto arquitectónico é interpelada por dois aspectos. O primeiro prende-se com o desprezo de uma “visão antropológica”²², como fundamento maior desta acção. O segundo reside na dualidade entre o tempo cultural local que o Lugar representa e o tempo cultural universal do presente.

O primeiro destes aspectos influi no juízo de valor, pelo qual os lugares devem ser preservados. Os lugares são merecedores de salvaguarda se ainda for reconhecível a razão da sua fundação, isto é, o modo como exprimiam uma “unidade funcional”²³ com a paisagem, o seu “*genius locci*” – no fundo, a totalidade do Lugar.

A totalidade dos lugares é muitas vezes profanada devido à valorização de necessidades económicas e políticas sobre o fundamento antropológico que deve orientar a acção de salvaguarda do património. Isto resulta numa usurpação dos testemunhos físicos da memória colectiva, através da massificação construtiva das áreas não edificadas dos Lugares, perdendo-se o seu “*gennius locci*”. O lugar deixa de poder contar a sua história, correndo o risco de não haver razão para a sua salvaguarda.

Introduzimos o segundo aspecto através da questão paradoxal de Paul Ricouer “como tornar-me moderno e voltar às raízes, como, reviver uma civilização antiga e adormecida e participar da civilização mundial”²⁴. Esta questão de Paul Ricouer à qual

²² Marques de Abreu, Pedro; *Palácios da Memória II. A revelação da arquitectura*; Tese para obtenção do grau de Doutor; pp. 58

²³ Norberg-Schulz, Christian; *A paisagem e a obra do homem*; Revista Arquitectura, nº 102; pp. 52

²⁴ Frampton, Kenneth; *História crítica da arquitectura modern*; Editora Martins Fontes; São Paulo; 2003; pp.381

Kenneth Frampton recorre, para introduzir o seu conceito de regionalismo crítico, não pode ser entendida como instigadora de um conflito, mas antes como pacificadora, por via da tomada de consciência, de que as acções de reabilitação dos lugares não podem hoje deixar de assimilar as produções de uma cultura universal no seio dos fundamentos essenciais dos Lugares.

O modo como podemos garantir a totalidade de um Lugar, recorrendo aos inevitáveis meios de uma cultura universal, depende de um processo de leitura e reconhecimento dos seus valores de Lugar, e este processo constitui a primeira fase do projecto de reabilitação do lugar.

3.2.2 O processo de leitura e reconhecimento do lugar

Qualquer intervenção num lugar fundado por facto arquitectónico está, assim, sujeita a uma recolha de elementos que permitam um reconhecimento dos valores que determinarão as circunstâncias da intervenção.

Para o processo de leitura concorrem todos os dados recolhidos pelos sentidos por via da experiência física do Lugar. Alfonso Munoz Cosme sintetiza os factores a ter em conta no reconhecimento do Lugar - "O lugar é uma das condicionantes prévias mais decisivas do projecto. Ao configurar-se o sítio físico e o entorno da obra arquitectónica, a natureza desse lugar está indissociavelmente unida a essa arquitectura que surge, por sua vez, como criadora de lugares e modificadora do entorno.

O lugar inclui muitos aspectos inter-relacionados, a topografia, o relevo, o solo, as condições climatéricas e ambientais, a pluviometria, inclui ainda a vista, o entorno, a paisagem, a orientação solar e outros factores físicos perceptíveis, por fim o lugar tem ainda uma história, uma tradição e uma sociedade que o vive e habita."²⁵

²⁵ Cosme, Munoz; *El Proyecto de Arquitectura Concepto, Proceso y Representacion*; colecção: Estudios Universitários de Arquitectura; Editorial Reverté nº16; pp.65

O processo de leitura procura uma reestruturação original do lugar e da sua vida, para poder garantir uma verdadeira salvaguarda do património de acordo com as suas especificidades.

“...as qualidades pelas quais a arquitectura merece ser preservada – poderiam ser muito heterogéneas”²⁶. Como qualidades paisagísticas que podem estar estritamente relacionadas com o centro do lugar (facto arquitectónico fundador), como por exemplo uma “fortificação medieval”²⁷.

As especificidades relativas ao Lugar conduzirão no fim do processo de leitura a um “juízo de preservação”²⁸ que, segundo Pedro Marques de Abreu, conta com dois aspectos. O primeiro visa garantir a sobrevivência das qualidades essenciais do lugar, sem as quais não é possível identificar a razão da fundação do mesmo, o segundo diz respeito ao afloramento e preservação de aspectos relacionados com a vida do lugar ao longo do tempo, através dos quais o significado é reforçado por intervenções ocorridas em diferentes períodos da vida do Lugar.

3.2.3 O projecto de hoje para a salvaguarda do Lugar de ontem e de sempre.

Este ponto do presente capítulo aborda o problema da relação entre a preexistência arquitectónica e paisagística com a nova intervenção.

A boa prática da reabilitação de lugares fundados por factos arquitectónicos, tem de ter presente que estes factos determinam a essência daqueles e que as adições devem-se submeter hierarquicamente ao centro. Para isso, a intervenção deve saber reconhecer o carácter desse Lugar e integrar-se como mais um episódio da sua vida, reforçando a razão da fundação do mesmo.

A qualidade desta acção dependerá do grau de afinidade que a intervenção terá com a paisagem preexistente do lugar, de forma a com este expressar uma “unidade

²⁶ Marques de Abreu, Pedro; *Palácios da Memória II. A revelação da arquitectura*. Tese para obtenção do grau de Doutor; FA.UTL; 2007; pp.58

²⁷ *Ibidem*. pp.58

²⁸ *Ibidem*. pp.58

funcional”²⁹, como outrora o facto arquitectónico o fez, numa adequação “ às direcções determinantes quer pela topografia, quer pela morfologia e estrutura do território – linhas de água, linhas de fecho, cumes, vales, encostas, mais ou menos declivosas, superfícies mais ou menos desertas – quer por relações de proximidade ou distância com outros lugares”³⁰.

É necessário, portanto, que o autor analise os valores formais da paisagem e das suas preexistências naturais e arquitectónicas no sentido de lhes discernir uma conceptualização potenciadora da existência da arquitectura. É pois necessário que a forma seja ordenada de acordo com as “proximidades, similiaridades ou dissimilaridades”³¹, que a ordem topológica convoca a fim de lhe extrair uma ordem geométrica compositiva.

3.2.3.1 A questão da cópia

Os factos arquitectónicos do passado são preservados pela sua integração no presente e não pela cópia, pois o tempo cultural de hoje não é o tempo cultural da fundação do lugar pelo facto arquitectónico.

“Não obstante as dúvidas que assaltam o arquitecto contemporâneo, esta parece ser uma das poucas certezas sobre as quais se pode basear o nosso ofício: acreditamos, firmemente, que no nosso passado se encontra tudo aquilo que necessitamos para seguir em frente, na condição de que o objectivo desse olhar para trás não seja apenas o de tornar fruíveis para o nosso tempo, conteúdos e formas de épocas históricas anteriores, caso em que não passaríamos de falsários.

Nós não olhamos para o passado em busca de algo tranquilizador. O que está morto está morto para sempre e querer ressuscitá-lo poderá ser apenas um passo de mágica,

²⁹ Norberg-Schulz, Christian; *A paisagem e a obra do homem*; Revista Arquitectura; 1968; nº 102; pag.52

³⁰ Pires, Amílcar e; *O Lugar da quinta de recreio na periferia de Lisboa*; in: Arte e Teoria – Revista do Mestrado em teorias da Arte da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa; 2007; nº 9; pp.89

³¹ Norberg-Schulz, Christian; *A paisagem e a obra do homem*; Revista Arquitectura; 1968; nº 102; pp. 53

mas a preciosa lição, que nos oferece o passado, essa não morre, essa fica e aguarda que alguém a colha e a transporte para o futuro”³².

O valor do passado reflecte-se na forma como nos apropriamos do território e nele espelhamos a nossa existência. No entanto, a valorização do património arquitectónico no nosso tempo cultural, pretende deixar um testemunho do presente subordinado ao facto fundador do passado. E é necessário que tal diferenciação seja clara pois, só assim, podemos continuar a escrever a história dos lugares ao longo do tempo evitando dúvidas temporais.

3.2.3.2 Os problemas de concordância construtiva e os factos inesperados

A intervenção em preexistências arquitectónicas tem ao longo do seu desenvolvimento dois tipos de problemas. O primeiro é a difícil concordância entre sistemas construtivos diferentes; o segundo são os factos inesperados, ou seja, preexistências que estavam escondidas pelo tempo e não foram possíveis de identificar no processo de leitura.

Os primeiros aspectos exigem uma atenção redobrada, para que se faça com o necessário rigor a relação entre a forma de construir do presente com a do passado que pode, em alguns casos, ser desconhecida. Os segundos aspectos exigem dos autores do projecto uma reflexão em processo de obra, no sentido de incorporar no projecto em construção, reminiscências que vão aparecendo ao longo deste e que podem constituir testemunhos valorosos para a história da vida do lugar.

³² Fernandes, Fátima, Cannata, Michele; Construir no Tempo – Souto de Moura, Rafael Moneo, Giorgio Grassi; Editora Estar; 1999; pp. 11

3.3 As quintas de recreio

3.3.1 Enquadramento histórico

As quintas de recreio eram propriedades rurais periféricas às cidades e ligadas a estas por boas vias de comunicação. Juntavam no mesmo recinto as áreas de produção e áreas de lazer. Estas propriedades detinham assim uma dupla finalidade: o lucro com a comercialização de produtos agrícolas à cidade e o refúgio temporário dos seus proprietários, para desfrute da vida rural, ou fuga de epidemias concentradas nos centros urbanos.³³

As quintas de recreio começaram a ser erigidas no séc. XV e encontram no séc. XVII e XVIII momentos particulares para o seu enriquecimento formal. Cada um destes séculos representa situações económicas e políticas distintas que estimularam estas construções.

As primeiras quintas de recreio do séc. XV foram construídas por retornados da Índia, que viam na exploração agrícola destas propriedades a boa aplicação da sua fortuna. Na segunda metade do séc. XVII estas edificações são a afirmação do estatuto de nobres, que regressam á corte após a guerra da restauração. Finalmente no séc. XVIII as quintas de recreio espelham o interesse no intercâmbio cultural Europeu.

Embora sejam períodos diferentes, em alguns casos acabam por se fundir pois, se havia nobres que no séc. XVII adquiriam propriedades e nelas construíam de raiz, outros houve que compraram propriedades já com casa construída, actualizando estas propriedades ao seu estatuto e gosto humanista vigente na época³⁴, que estimulava o imaginário idílico das qualidades da bela e tranquila vida rural em oposição á vida agitada nas cidades.

³³ Carapinha, Aurora Da Conceição Parreira; *Da Essência do Jardim Português*; Tese para obtenção do grau de Doutor; pp.198

³⁴ *Ibidem* pp.197

3.3.2 A ideia de Lugar na quinta de recreio

A ideia de Lugar na quinta de recreio entende-se na sua relação com o território e com o contexto preexistente da sua localização, uma vez que a sua formalização enquanto “obra do homem”³⁵ resultava de uma adequação às condições naturais com que acabava por exprimir uma “unidade funcional”³⁶ que fazia valer o “*genius locci*”.

Podemos referir-nos à quinta de recreio como uma região integrada numa outra maior, territorial. À região da quinta de recreio está subjacente um “espaço existencial”,³⁷ na medida em que a porção do mesmo que constitui a quinta é composto por vários lugares e centros topologicamente hierarquizados e estruturados entre si por caminhos e latadas.

O recinto da quinta de recreio é caracterizado pelo contraste entre a ordenação geométrica da casa e seus elementos adjacentes com áreas de jardim e produção, que encontram na irregularidade topográfica a sua acomodação desprendida de qualquer ordenação geométrica. A ambas áreas da quinta é comum o facto de terem como pano de fundo uma interpretação topológica no seu acto de fundação.

O centro da região da quinta, o lugar que submete hierarquicamente todos os outros dentro do recinto é a habitação e as suas dependências anexas, pois é a primeira construção a executar no recinto e a que ocupa uma localização de destaque, visualmente acessível de todos os pontos. Este acto fundador do Lugar estabelecia com a “forma da paisagem”³⁸ uma relação de recíproca caracterização. Segundo Amílcar de Gil e Pires, docente e arquitecto, a implantação da habitação e das suas dependências anexas encontra vários modos de se fundir com relação ao contexto natural. O modo mais comum na periferia de Lisboa, faz situar a casa na cota mais baixa de uma encosta, isto é, na zona mais plana do declive. A superfície da encosta constitui aqui o fundo sobre o qual é colocado a habitação e a sua fachada principal,

³⁵ Norberg-Schulz, Christian; *A paisagem e a obra do homem*; Revista Arquitectura; 1968; nº 102; pp. 52

³⁶ *Ibidem*; pp.52

³⁷ Norberg-Schulz, Christian; *Existencia, Espacio e Arquitectura*; Editorial Blume; 1975; pp.19

³⁸ Norberg-Schulz, Christian; *A paisagem e a obra do homem*; Revista Arquitectura; 1968 nº 102; pp.52

perceptível a longa distância. Porém, existem outros modos de fundiar a casa e as suas dependências mais próximas, podendo a mesma implantar-se na cota mais baixa de uma encosta, encostar-se a um declive, ocupar um promontório e linha de festo ou ainda alinhar-se por uma linha de água³⁹.

A todos estes modos de se relacionar com o contexto existente, é comum a proximidade de uma via pública ou privada que instituía junto à casa um limite de propriedade. A casa, apesar de ser o centro da propriedade, não o era planimetricamente, colocando a maioria da propriedade lateralmente à casa. Este aspecto era determinante na relação entre os espaços destinados á habitação e os espaços destinados ao programa anexo. Podemos afirmar que a casa adossa a si, três ou quatro elementos fundamentais do seu programa. São estes o pátio de honra, o horto de recreio ou jardim formal, a capela (se existir), e o pátio traseiro⁴⁰.

Estes elementos nunca são sequenciados, são antes âncoras da relação da casa com a envolvente. Assim, o pátio de honra que recebe as pessoas, é o momento central que liga a entrada da casa ao portão da propriedade.

O horto de recreio, sempre situado lateralmente à casa sob um patamar, relaciona-se com o resto da propriedade e encontra na casa fundamento geométrico para o seu desenho planimétrico.

A capela, por sua vez, relaciona a casa com a sua via fronteira da propriedade, sendo em alguns casos acessível à população.

Nas traseiras, por fim, encontrava-se o pátio traseiro. Este podia ter vários destinos programáticos consoante a vontade dos proprietários (normalmente era uma área exterior de apoio à cozinha).

³⁹ Pires, Amílcar e; *O Lugar da quinta de recreio na periferia de Lisboa*, in: Arte e Teoria – Revista do Mestrado em teorias da Arte da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa; 2007; nº 9; pp.89

⁴⁰ *Ibidem*; pp. 82

Todos estes elementos envolvem a casa sendo esta o “dado”⁴¹ que os segurava. Trata-se na verdade de uma composição, que reforçava a centralidade do lugar por via da casa, fazendo-lhe corresponder a cada face um programa diferente.

3.3.3 Os arranjos paisagísticos da quinta de recreio.

O arranjo paisagístico da quinta de recreio fundamenta-se nas especificidades físicas do território e no contexto cultural em que se insere.

Um suporte cultural humanista aliado às características biofísicas atlânticas e mediterrâneas levou à produção de uma “paisagem ideal”⁴² que, por via do cariz utilitário, fosse bela. Segundo Aurora Carapinha, Arquitecta Paisagista, Docente na Universidade de Évora, a índole compositiva do jardim português, do qual a quinta de recreio é o melhor exemplo, encontra no termo Luso-Brasileiro “Chácara”⁴³ a sua definição, que consiste na “organização do espaço de ludicidade associado ao espaço de produção”⁴⁴.

O jardim da quinta de recreio é um contraste entre o universo regrado da casa com o seu horto de recreio e a adaptação topográfica do pomar, horta e mata. No entanto, esta disparidade é toda unificada pelo sistema de rega, por latadas cobertas de pérgolas que a vegetação invadiu, treliças e áleas arbóreas de laranjeiras que uniam em percursos toda a propriedade, sendo estes percursos pontuados pela presença da água, bancos coroados de alegretes e arquitecturas de prazer.⁴⁵

⁴¹ Ching, Francis D.K. Ching; *Arquitectura, forma, espaço e ordem*; Editora Martins Fontes; 3ª edição; 2002; pp. 346 - 355

⁴² Carapinha, Aurora Da Conceição Parreira; *Da Essência do Jardim Português*; Tese para obtenção do grau de Doutor; pág. 198

⁴³ Entrevista de Chartes Monteiro a Aurora Carapinha; *Arquitectura e vida*; Janeiro, 2008; nº 89; pp. 20 - 21

⁴⁴ *Ibidem*. pp. 20-21

⁴⁵ Carapinha, Aurora Da Conceição Parreira; *Da Essência do Jardim Português*; Tese para obtenção do grau de Doutor; pp. 358

3.3.3.1 O sistema de rega

A forma como o sistema de rega se dispõe topograficamente determina a matriz que irá organizar todas as áreas de cultura e fruição. Esta matriz coloca um conjunto de polarizações que, ligadas por latadas e treliças, articulam e relacionam as diferentes áreas de cultivo do jardim, colocando entre elas espaços de fruição enriquecidos pela presença da água.⁴⁶

Podemos classificar o uso da água em duas escalas: uma maior e responsável pela irrigação de toda a propriedade e uma menor onde a água serve o desfrute visual e auditivo do gotejar da água.⁴⁷

Da primeira escala fazem parte os elementos dedicados ao armazenamento e distribuição da água. São os tanques, poços, noras, aquedutos e caleiras adornadas por um envolto verde, painéis de azulejos, esculturas e embrechados. Da segunda escala pertencem os chafarizes com taça central, taças de água, onde os trabalhos são um pouco mais sofisticados, nunca chegando porém, à sofisticação da engenharia hidráulica dos jardins do centro e norte da Europa.⁴⁸

3.3.3.2 O Jardim, pomar (Horto de recreio)

O horto de recreio implantava-se sobre um patamar que se podia dividir em outros patamares conforme as circunstâncias topográficas exigissem. Trata-se de uma área específica que formava com a casa uma unidade compositiva, formalizada por um eixo que fazia comunicar a casa ao horto. O horto integra-se na ordenação da casa pelos seus limites ortogonais que estipulavam uma estrutura axializada, que dividia as

⁴⁶Entrevista de Chartes Monteiro a Aurora Carapinha; *Arquitectura e vida*; Janeiro de 2008; nº 89, pp. 22

⁴⁷ Carapinha, Aurora Da Conceição Parreira; *Da Essência do Jardim Português*; Tese para obtenção do grau de Doutor; pp.314

⁴⁸ *Ibidem*; pp.316

culturas e desenhava os percursos por entre estes. Estes caminhos eram reforçados por pérgolas, alinhamentos arbóreos e podiam ser finalizados por fontes de água.⁴⁹

3.3.3.3 O pomar e hortos

Este grupo de cultivo situa-se no intermédio entre a mata e o horto de recreio. Localizava-se numa cota média entre os dois e podia implantar-se no terreno, tirando partido da sua pendente para a rega ou estar sujeito a um terraceamento (pouco comum) mediante o qual se divide ortogonalmente o pomar e horta e em cujos os interstícios se estendiam as latadas.⁵⁰

3.3.3.4 A mata

De limites claros, mas não geométricos, a mata era um aglomerado arbóreo de folha perene atravessada por caminhos diagonal ou radialmente.

A mata pode ser local de fruição por nela se encontrarem um lago, bancos, ao longo dos seus percursos, no entanto a sua importância para a produção residia no papel determinante que tinha na regularização climática, retenção da água no solo e defesa da erosão.⁵¹ A mata desempenhava um papel importante na gestão dos recursos hídricos, factor essencial no clima quente do sul do país.

3.3.3.5 As arquitecturas de prazer

⁴⁹ Ibidem; pp.322

⁵⁰ Ibidem; pp. 269

⁵¹ Entrevista de Chartes Monteiro a Aurora Carapinha; Arquitectura e vida; Janeiro de 2008; nº 89; pp.24

As casas de prazer são de dois tipos. Podem ser construídas com material inerte ou material vivo como os caramachões. São construções que oferecem momentos de pausa no passeio pelo jardim.⁵²

São construções vazadas, por vezes enriquecidas por vistas e quase sempre ritmadas por “*loggias*”. Estes locais, onde a cadência da água tem presença em taças, bicas ou gárgulas, convidam ao repouso e introspecção.

3.3.3.6 O jardim da quinta de recreio e o jardim europeu seu contemporâneo.

O jardim da quinta de recreio é uma unidade de contrastes ligados por elementos. Afasta-se do jardim tratadístico do centro e norte da Europa, que separava área de produção da área de lazer, sendo raro encontrar a influência destes no território nacional. No entanto, casos há, onde elementos dos jardins do norte podem ser encontrados, tais como a Quinta de Serralves que tem uma pequena gruta, ou o paço real de Caxias em que existem trabalhos de topiária. Contudo, as características do jardim da quinta de recreio são muito próprias sendo a sua integração num todo europeu muito pontual.⁵³

⁵² Carapinha, Aurora Da Conceição Parreira; *Da Essência do Jardim Português*; Tese para obtenção do grau de Doutor; pp.341

⁵³ *Ibidem*; pp. 346

3.4 A leitura original do Lugar da Quinta dos Alfinetes

3.4.1 A relação da quinta dos Alfinetes com o território

A Quinta dos Alfinetes, construída no séc. XVIII, localiza-se no troço norte de Marvilla. Esta Quinta (como todas as da periferia de Lisboa) abastecia a capital de produtos hortícolas. Este abastecimento era feito por meio de vias de comunicação que ligavam as várias quintas de Marvilla à marginal ribeirinha que, por sua vez, conduzia à cidade.

A Quinta dos Alfinetes tinha originalmente dois acessos: um primeiro para a casa, acedido pela azinhaga dos Alfinetes que descia ao rio e encontrava uma estrada paralela a este que por sua vez comunicava com a estrada de Marvilla, nas proximidades do convento do poço do Bispo a oriente e a ocidente com o convento dos Grilos (*Fig2*).



Fig.2 – Relação da Quinta dos Alfinetes, mancha vermelha com a estrada de Marvilla e os conventos, a amarelo

O segundo acesso era feito por uma estrada que encontrava a estrada de Marvilla apenas junto ao convento dos Grilos. É possível sugerir, por duas razões (mas não provar) que esta seria a entrada que servia o abastecimento para a cidade. A primeira

deve-se ao facto de este acesso servir directamente a área de produção, a segunda prende-se com o facto do mesmo apenas comunicar com a estrada de Marvilla na intersecção mais ocidental, ou seja, o mais perto da cidade possível, junto ao convento dos Grilos.

3.4.1.1 O tipo de implantação da casa, suas dependências e a relação com a propriedade

A casa da Quinta dos Alfinetes, e suas dependências anexas implantam-se em função da linha de fecho da cota mais alta da propriedade. Deste promontório a casa orienta panoramicamente a sua fachada principal ao rio e domina toda a área da propriedade como centro do lugar.

A propriedade (*Fig.3*) era e é limitada, a Poente pelo prolongamento da Azinhaga dos Alfinetes, (*Fig.4*), a Nascente encontrava-se o Horto de recreio/jardim formal (*Fig.5*) seguido das áreas de produção (hortas e pomares), que fazia contrastar a sua adaptação topológica com a ordenação geométrica do Palacete e seus anexos, a Norte localiza-se o pátio traseiro (*Fig.6*) e a Sul o Pátio de honra, ao qual se acedia axialmente à casa pela Azinhaga dos Alfinetes.

Segundo João Vieira Caldas, em “A casa rural dos arredores de Lisboa”⁵⁴, esta última característica integra a Quinta dos Alfinetes num grupo tipológico ao qual pertencem a Quinta do Monteiro Mor, a Quinta da Fonte do Anjo e a Quinta do Armador. Este grupo tipológico caracteriza-se por uma organização formalizada por eixos que atravessavam a propriedade e conduziam até a casa. A característica mais marcante deste tipo reside no eixo de simetria que ligava, num “*percurso em profundidade*”⁵⁵, o portão, até à porta principal do Palacete antecedida pelo Pátio de honra, e instituía na fachada do edifício uma ordenação simétrica (*Fig.7 e Fig.8*). De todos os casos pertencentes a este género, os mais explícitos são a Quinta dos Alfinetes e a Quinta do Monteiro-Mor, pois, se a Quinta da Fonte do Anjo faz ligar o seu percurso axial desde o

⁵⁴ Caldas, João Vieira; *A casa rural dos arredores de Lisboa no séc. XVIII*; FAUP Publicações; 1999; pp. 132-135

⁵⁵ *Ibidem*; pp. 133

portão até á porta da capela, ou a casa da Quinta do Armador remata o eixo ao centro de umas escadarias de acesso à porta principal, no caso da Quinta dos Alfinetes e Quinta do Monteiro-Mor o fim o do percurso longitudinal é, de facto, a porta principal do Palacete.

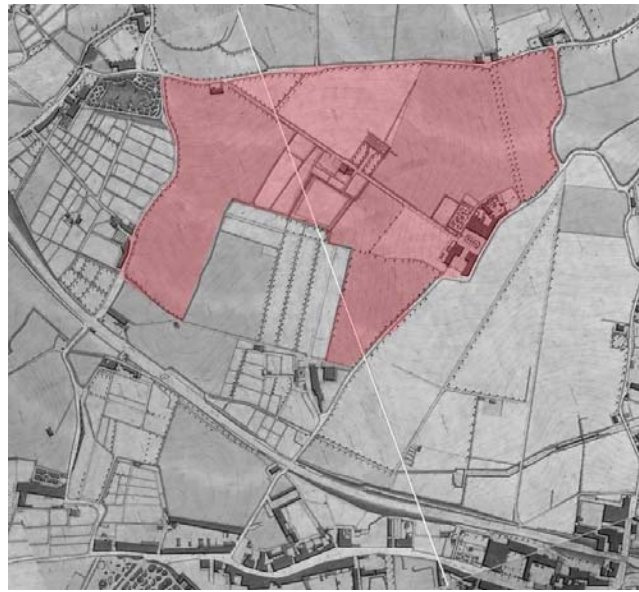


Fig.3 – Possível Limite de propriedade

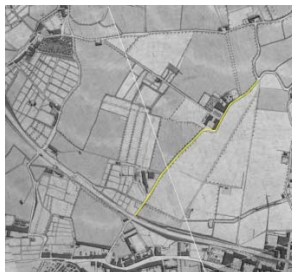


Fig.4



Fig.5



Fig.6



Fig.7 – Portão do Palacete da Quinta dos Alfinetes

Fig.8 – Vista do pátio de honra para a fachada principal do Palacete da Quinta dos Alfinetes

A centralidade do lugar da Quinta dos Alfinetes tem o seu ponto geométrico no pátio. Esta centralidade era formalizada pelo encontro, neste pátio do percurso Sul – Norte, vindo da azinhaga dos Alfinetes com o percurso Nascente - Poente que atravessava a área de cultivo. (Fig.9)

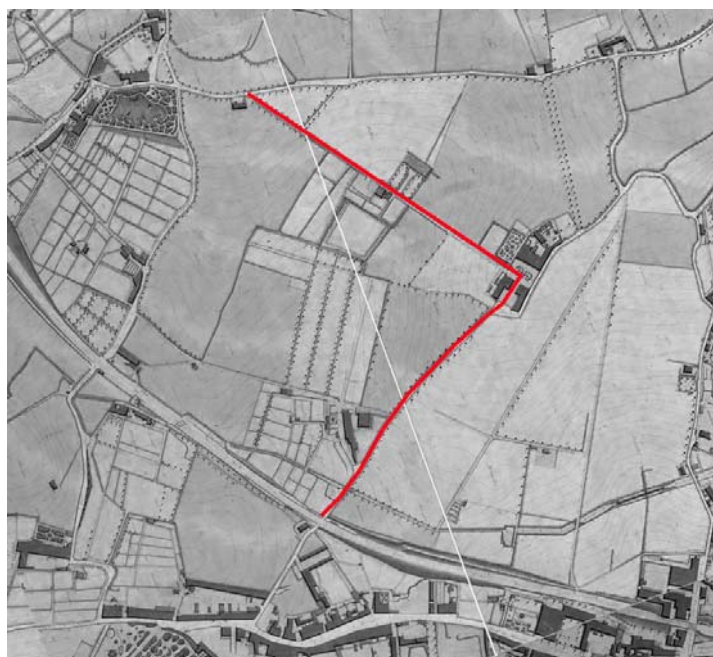


Fig.9

O primeiro percurso até ao Pátio de honra caracteriza-se por quatro momentos temporais. O primeiro momento enquadra a casa no topo do promontório; o segundo encontra o portão de armas; o terceiro passa axialmente por entre os volumes simétricos das cavalariças; o quarto, finalmente, desagua no pátio de honra em frente à fachada principal da casa.

O segundo percurso tem cinco momentos: o primeiro é a entrada pelo portão Nascente (acesso de abastecimento referido no primeiro ponto do presente capítulo), esta entrada enquadra a casa ao longe; o segundo momento é o encontro do que suspeitamos ter sido uma casa de fresco (arquitectura de prazer); o terceiro passa lateralmente ao jardim formal e horto de recreio; o quarto atravessa um portão

secundário no muro Nascente da casa; o quinto acaba no Pátio de Honra tendo, em frente o muro Poente do pátio.

3.4.2 A casa

“Toda a organização de conjunto, tal como hoje se vê, resultou de arranjos setecentistas”⁵⁶. A configuração da casa que nos chega até hoje foi o somatório de adições ao longo do tempo. Sabe-se segundo João Vieira Caldas que “*o corpo perpendicular, nas traseiras, ao longo da azinhaga*”⁵⁷ foi obra feita no fim do séc. XVIII ou início do séc. XIX. (Fig.10 e Fig.11)

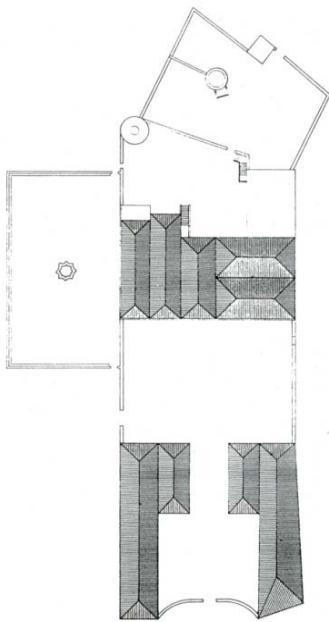


Fig.10 – Planta de coberturas

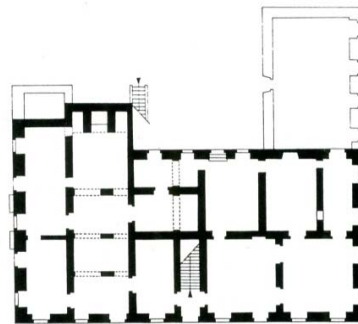


Fig.11 – Planta do piso térreo

A habitação desenvolvia-se em dois pisos, sendo o segundo o piso nobre, os tectos em masseira, e onde ainda hoje a lareira tem um trabalho decorativo em pedra. A casa contava ainda com um sótão coberto por telhados múltiplos. (Fig.10)

⁵⁶ Caldas, João Vieira; *A casa rural dos arredores de Lisboa no séc. XVIII*; FAUP Publicações; 1999; pp. 87

⁵⁷ *Ibidem*; pp.87

3.4.2.1 A matriz geométrica da casa

Para esta análise teremos de situar dois pontos abstractamente. Um primeiro (já anteriormente referido) no pátio de recepção, e um outro no centro do jardim e horto de recreio, coincidente com o lago. Por cada um destes dois pontos passa um eixo que se encontra ortogonalmente no centro da casa. Estes eixos instituem um princípio de ordem simétrica nas fachadas do edifício.

O eixo de simetria da fachada principal divide ao meio um rectângulo no qual se inscreve o perímetro original da casa, dispensando os acrescentos (área de lareira e cozinha). Este rectângulo, se dividido pelo seu eixo de simetria, revela dois quadrados que, por sua vez, se divididos cada um em outros quatro quadrados resultam numa matriz de composição em que as arestas coincidem com as paredes principais da planta da casa. Esta matriz não é só bidimensional mas também tridimensional, visto a projecção destes quadrados na fachada principal determinar os limites exactos desta. Assim, podemos afirmar que a matriz original da casa (sem os acrescentos posteriores) e tendo em conta os dois pisos da mesma (não contando com o sótão coberto por telhados múltiplos), se resume a dezasseis cubos, isto é, oito cubos sobrepostos a outros oito (*Fig.12*).

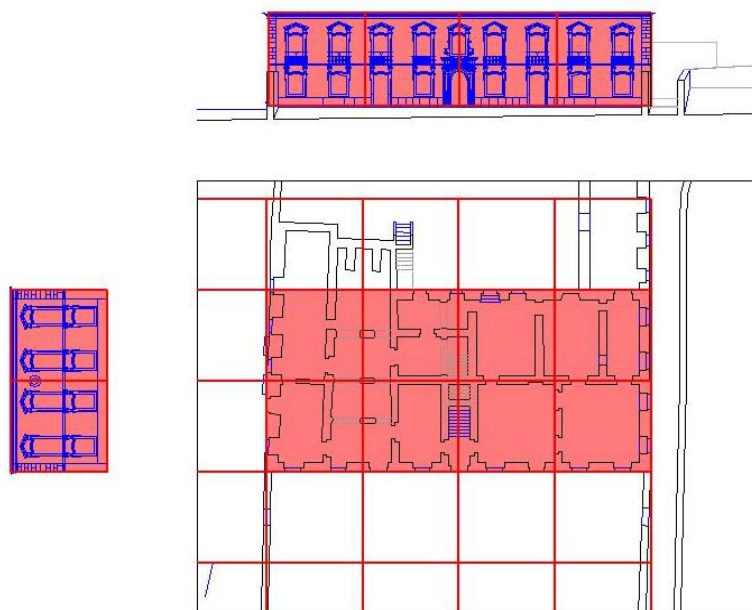


Fig.12

3.4.3 Os jardins

3.4.3.1 O Jardim Formal/Horto de Recreio

O Jardim formal/Horto de recreio era terraceado em dois patamares, sendo que o patamar superior corresponde à cota de soleira da casa (Fig.13). Esta relação com a casa não era só de acessibilidade física mas também uma relação compositiva, estando um pequeno lago centrado na área deste patamar do jardim e alinhado com o eixo central da fachada lateral da casa. Os limites ortogonais do jardim eram delineados por um muro de altura baixa, corrido em toda a sua extensão por um banco que lhe era adorado.



Fig.13 – Patamares do Jardim formal/Horto de recreio, fotografia tirada antes do início da construção do projecto de Oscar Niemeyer. Documento cedido pelo Arqt. Gastão da Cunha Ferreira

3.4.3.2 O Área de produção e a Mata

Os dados cartográficos mais datados que dispomos impedem a identificação desta área e das culturas que aqui se desenvolviam. No entanto, apoiando-nos na Tese de Doutoramento da Arquitecta paisagista Aurora Carapinha podemos estipular hipóteses

para a localização desta área na propriedade. Segundo Aurora Carapinha a área de produção era composta pelo Pomar/Horto e situava-se na área Nascente das propriedades numa cota intermédia, entre o Jardim formal/Horto de recreio, situado nas cotas altas junto à casa⁵⁸, e a mata, esta ultima sempre localizada nas cotas mais baixas.

As áreas agrícolas da Quinta dos Alfinetes encontram-se todas do lado Nascente da propriedade, onde se existe um declive topográfico, que tem na cota mais alta o Palacete. Estas circunstâncias originais da propriedade permitem-nos supor, com fundamento na tese de doutoramento de Aurora Carapinha⁵⁹, que a mata localizar-se-ia no extremo mais a Nascente da propriedade, por aqui se encontrarem as cotas mais baixas onde se depositavam os resíduos hídricos. O Pomar/Horto, por sua vez, poderia encontrar-se entre o Jardim formal/Horto de recreio, situado na cota mais alta do recinto, e a mata na cota mais baixa.

3.4.4 Os pátios

3.4.4.1 O pátio de honra

O pátio de honra é fechado a Norte pela fachada principal da casa, a Nascente por um muro com dois portões, sendo que um acede ao Jardim formal/Horto de recreio e outro ao percurso Poente - Nascente, (*Fig.14*). A poente o pátio é limitado por um outro muro que comunica visualmente por dois vãos com a azinhaga dos Alfinetes. (*Fig.15*) A sul estavam as cavaliças com as respectivas entradas.



Fig.14 – Portões do Pátio de honra a Nascente



Fig.15 – Vãos do Pátio de honra a Poente

⁵⁸ Ibidem; pp. 211

⁵⁹ Ibidem; pp. 266

3.4.4.2 O pátio traseiro

Este pátio era encerrado por muros e nele pontuavam elementos singulares como o pombal (*Fig.16*), o poço e ainda um pequeno espaço construído, adossado ao seu muro nascente (*Fig.17*).

Este espaço era dedicado à produção hortícola para a casa, relacionando-se directamente com a cozinha, que consistia num acrescento à casa e fazia frente para a azinhaga dos Alfinetes.⁶⁰



Fig.16 – pátio traseiro com o pombal ao centro



Fig.17 – Construção adossada ao muro Nascente

⁶⁰ Caldas, João Vieira; *A casa rural dos arredores de Lisboa no séc. XVIII*; FAUP Publicações; 1999; pp. 56

3.5 A Quinta dos Alfinetes na Actualidade

3.5.1 A actual relação de acessibilidade da cidade à Quinta

A evolução do tecido urbano apagou o modo original como a Quinta dos Alfinetes se relacionava com a cidade. A densificação construtiva na envolvente da Quinta e o caminho de ferro do Norte inviabilizaram a azinhaga dos Alfinetes como artéria comunicativa entre a casa e a marginal ribeirinha, que por sua vez conduzia à cidade.

O crescimento da cidade levou à execução de novas vias mais aptas a responder ao fluxo viário dos dias de hoje. A evolução do tecido urbano com os planos das Avenidas Novas, Alvalade e mais tarde Chelas, levaram à execução de infra-estruturas viárias que ligassem estas etapas, temporalmente distintas de crescimento da cidade. Consequentemente, o modo como actualmente a Quinta dos Alfinetes pode relacionar-se viariamente com a cidade de Lisboa é bem diferente do original.

Encontramos em Entrecampos, Av. Dos Estados Unidos da América, Av. António Marechal de Spínola e Av. Paulo Sexto um encadeamento de artérias viárias que hoje pode relacionar eficazmente o lugar da Quinta dos Alfinetes com a cidade de Lisboa. Esta sequência inicia-se em Entrecampos ligado por meio das Avenidas Novas ao centro da cidade. Em Entrecampos tem início a Av. dos Estados Unidos da América que, por sua vez, inicia a Av. António Marechal de Spínola encontrando a meio do seu trajecto Norte-Sul, um desvio onde tem início a Av. Paulo Sexto. Cruzando com a rua Dinah Silveira Queiroz, dá com o lugar da Quinta dos Alfinetes (*Fig.18*).

A Azinhaga dos Alfinetes que ligava a propriedade à marginal ribeirinha não encontra condições para actualmente desempenhar este papel, pois o caminho de ferro do Norte seccionou a azinhaga a meio do seu percurso e estabeleceu duas realidades urbanas que cresceram independentemente uma da outra. Assim, ao facto do percurso da azinhaga dos Alfinetes ter sido interrompido, junta-se-lhe uma densificação construtiva do lado sul da linha de caminho de ferro do Norte e estas ocupações, foram maioritariamente indústrias, que aproveitavam as infra-estruturas viárias do caminho-de-ferro e da marginal, para se ligarem ao norte do país e à cidade

de Lisboa. Esta densificação construtiva com o tempo ocultou a ligação da azinhaga dos Alfinetes à marginal ribeirinha, a partir da qual se fazia a ligação à cidade.

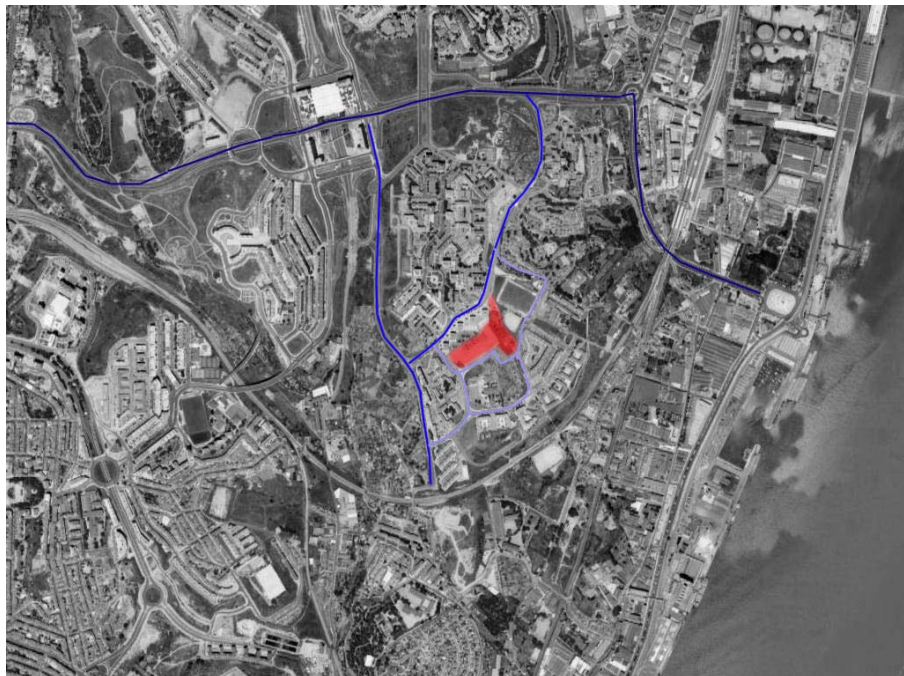


Fig.18 – Acessibilidade viária à Quinta dos Alfinetes

3.5.2 O estado do recinto

3.5.2.1 O recinto e sua envolvente

Actualmente, a área original da propriedade foi em grande parte ocupada pela densificação construtiva em redor Do Palacete da Quinta dos Alfinetes, o que lhe retirou a relação visual com o rio. Contudo, as áreas envolventes à propriedade e pertencentes a esta que sobreviveram, ainda nos permitem ler a relação da casa da quinta com a restante área da antiga propriedade e território envolvente.

A área da propriedade, que nos chega até hoje, corresponde a um troço da área de produção que se estende a nascente da casa. A área envolvente, que ainda partilha com a propriedade uma relação original, é o percurso da Azinhaga dos Alfinetes rematado pela fachada principal do Palacete. (Fig.19)



Fig.19 – Vista da azinhaga dos Alfinetes



Fig.20 – Vista da Rua Dinah Silveira Queiroz

O recinto é hoje limitado a nascente pela rua Dinah Silveira de Queiroz (*Fig.20*) e pela rua Mário Botas, a Sul (*Fig.21*). Da primeira rua, ainda é possível avistar o domínio do Palacete sobre o seu promontório, à semelhança do que aconteceu no passado. Em relação à segunda rua, esta substitui o antigo percurso Nascente - Poente, encontrando um desvio que rasga transversalmente a azinhaga dos Alfinetes.



Fig.21 – Vista do Palacete desde a Rua Mário Bottas

3.5.2.2 O interior do recinto

- A área de produção

Por via do início da construção do projecto de Oscar Niemeyer, perdeu-se nesta área nascente da propriedade a topografia original e os patamares do Jardim formal/Horto de recreio. Estas, as únicas reminiscências desta área que sobreviveram, foram substituídas há 20 anos pelas fundações e pilares da obra inacabada do Arquitecto Brasileiro.

- O Palacete e áreas anexas

Fora a excepção do Jardim formal/Horto de recreio, o Palacete e suas restantes dependências, chegam-nos até hoje na sua condição de relação entre si.

O percurso desde o portão de armas, que passa pelas cavaliças até ao Pátio de honra ainda existe, sendo este, ainda cercado pela fachada principal da casa, portas da cavaliça e muros Nascente e Poente com os respectivos vãos.

O pátio traseiro continua a ser fechado pelos seus muros e neste ainda existem os elementos que ao longo do tempo foram construídos nesta área, o pombal, o poço, o acrescento da cozinha, o espaço encerrado adoçado ao muro Nascente e um aglomerado de pequenas construções ligadas a este espaço, cujo programa é desconhecido.

O Palacete mantém as suas paredes originais tendo, contudo, perdido os pavimentos, as escadas e cobertura de telhados múltiplos.

3.6 A Quinta dos Alfinetes e a Fundação Luso-Brasileira

3.6.1 A aproximação da Fundação Luso-Brasileira á Quinta dos Alfinetes

A fundação Luso-Brasileira nasce no ano de 1993 com o intuito de, em aliança com o governo brasileiro, fomentar um organismo de cooperação económica, social, e cultural entre Portugal e Brasil.

O primeiro presidente da fundação, o Dr. Pedro Rebelo de Sousa, esclareceu-nos em entrevista, os motivos da escolha da Quinta dos Alfinetes.

Segundo o Dr. Pedro Rebelo de Sousa a escolha deste recinto para instalar a sede da Fundação Luso-Brasileira prendeu-se com o facto da proximidade do evento da Exposição Mundial de 1998. Embora distante do recinto, a Exposição Mundial teria estimulado, segundo Pedro Rebelo de Sousa, uma infra-estruturação de comunicações de todo o lado oriental da cidade. O segundo motivo foi o facto de este ser o único terreno possível de adquirir com o dinheiro dos patrocinadores e curadores, com dimensões suficientes para a fundação.

A fundação pretendia para o terreno três programas. Seria necessário um edifício para a instalação da sede propriamente dita, um edifício para exposições, teatro e pequeno auditório, e, finalmente, localizado na habitação da Quinta dos Alfinetes, o Instituto de Pós-Graduação em Direito Comunitário e de Ensino da Língua Portuguesa.

O projecto dos dois primeiros programas foi atribuído (por convite) ao Arquitecto Oscar Niemeyer. O terceiro foi atribuído ao arquitecto Capinha Lopes, cujo trabalho não foi para além de um diagrama de áreas programáticas, não sendo por isso esta proposta abordada no presente estudo.

3.6.2 O posicionamento da proposta de Oscar Niemeyer

A proposta de Oscar Niemeyer pretendia criar uma praça sobrelevada no terreno que albergaria por baixo um vasto estacionamento automóvel e um pequeno centro

comercial. Sobre esta praça colocaria em frente de rua afastada o edifício da sede, que seria flanqueado do lado Poente, pelo antigo Palacete, e do lado Nascente pelo edifício que conteria a área de exposições e o teatro (Fig.22).

É uma atitude já várias vezes tomada por Oscar Niemeyer – tome-se a título de exemplo a praça dos três poderes que, segundo este Arquitecto, respondendo à solicitação de vegetação nesta praça, diz que a valorização da arquitectura numa praça exige que esta esteja desimpedida.



Fig.22 – Maqueta da solução de Oscar Niemeyer

3.6.3 Crítica ao projecto de Oscar Niemeyer

Consideramos a proposta de Oscar Niemeyer desadequada às circunstâncias determinadas pelo lugar e envolvente. São quatro, as razões pelas quais não consideramos a proposta de Niemeyer correctamente fundamentada.

A primeira razão recai sobre o facto da praça sobrelevada implantar-se na restante totalidade do que no passado fora o jardim de produção, retirando desde logo do programa qualquer intenção de arranjo paisagístico.

A segunda razão é relativa à hierarquia e ao domínio territorial da porção de espaço do lugar da Quinta dos Alfinetes, pois é retirado o protagonismo ao Palacete, visto que este já não domina referencialmente a restante área correspondente à antiga propriedade. Esta perda de protagonismo deve-se ao facto da praça constituir um pódio para os novos edifícios, retirando clareza à hierarquia entre os dois novos edifícios e o preexistente. Esta ilegibilidade hierárquica é ainda acentuada pela localização do edifício cultural na área mais a Nascente do terreno, junto à rua Dinah Silveira Queiroz, visto no passado ser daqui possível visualizar o Palacete como elemento dominante da propriedade.

A terceira razão deve-se ao facto de Niemeyer ter destruído os patamares do Horto de recreio/Jardim formal, que constituem um património tipo para a descrição da vida levada nas quintas de recreio.

Por último, a quarta razão vê na solução de Niemeyer, a divisão da área de projecto em dois mundos num lugar que sempre fora uno. Isto é, a relação entre o novo e o antigo é gratuita e somente visual, no sentido em que o Palacete não participa na solução de reabilitação do lugar.

3.7 Os recursos compositivos da solução

A solução desenvolvida teve como suporte conceptual o recurso a elementos compositivos que fazem parte do léxico da arquitectura. Estes elementos – o eixo de simetria e o pódio – encontraram na obra “Arquitectura, espaço e ordem”⁶¹ de Francis K. Ching a base do seu reconhecimento, e nos exemplos escolhidos a observação da sua aplicação. A forma como esta matriz conceptual influenciou a solução de projecto proposta está descrita na Síntese do Desenvolvimento Conceptual do Projecto.

Os temas compositivos que para além do reconhecimento do lugar auxiliam a solução são o plano de base e os princípios de ordem do eixo, simetria e hierarquia. Para adequar os recursos compositivos que Francis k. Ching explicita às exigências da proposta em desenvolvimento, ignoramos a ordem com que o autor as dispõe. Começamos então pela primeira exigência que pretende estabelecer uma adequada hierarquia entre o preexistente e a nova intervenção.

3.7.1 A Hierarquia

A hierarquia, segundo este autor, é um princípio de ordem subjacente à necessidade de articular espaços e formas segundo o seu valor simbólico e funcional. Assim, consideramos que existem partes da composição com maior valor que outras. Como tal, é necessário hierarquizar as partes da composição de acordo com o seu valor, fazendo sobressair visualmente o protagonismo das mais valiosas. Segundo Francis K. Ching esta importância visual é formalizada de três modos. São estes a hierarquia pela dimensão (na qual um espaço ou forma podem sobrepor-se significativamente a outros pela sua notória maior dimensão), a hierarquia pela forma (na qual um espaço ou forma adquire uma configuração que se diferencia dos outros que compõem o todo) e finalmente, a que mais nos interessa, a hierarquia pela localização (na qual o valor do objecto depende da localização estratégica onde se encontra). Esta

⁶¹ Ching, Francis D.K. Ching; *Arquitectura, forma, espaço e ordem*; Editora Martins Fontes; 3ª edição; 2002, pp. 100-102, 322-30

localização pode ser na finalização de um eixo, no centro de uma organização central e radial, ou no topo, ou em primeiro plano de uma composição.⁶²

Das quatro localizações estratégicas propostas por FrancisK. Ching interessa-nos a primeira e a última.

3.7.1.1 A localização como remate de um eixo

O remate de um eixo por um objecto a valorizar estabelece uma clara hierarquia entre os acontecimentos arquitectónicos que findam o eixo e aqueles que tomam lugar ao longo do seu comprimento.

Segundo Francis k. Ching, um eixo pode ser rematado de quatro formas. Por pontos verticais rectilíneos, por fachadas ou frentes de edifícios simétricos antecidos por um átrio ou espaço aberto, espaços de geometria regular e centralizados ao eixo e portões que se abrem em direcção a uma vista e paisagem.⁶³

- O eixo e a simetria

A existência de um eixo pode reforçar uma simetria, visto que nenhuma solução simétrica é possível sem que esta esteja subordinada a um eixo. Isto, porque a simetria implica uma estrutura espelhada idêntica de ambos os lados de um eixo bissector.

Segundo Francis K. Ching, existem dois tipos de simetria. A simetria bilateral e a simetria radial. A simetria bilateral consiste na idêntica composição de dois lados equidistantes do mesmo eixo central.

As soluções simétricas dificilmente são totais, isto é, haverá um momento na composição, por múltiplas razões inerentes às circunstâncias de projecto que a simetria não se cumprirá. Assim, a simetria como recurso estruturante do desenho

⁶² Ibidem; pp. 338-348

⁶³ Ibidem; pp. 322-329

arquitectónico pode ser confinado a áreas mais importantes e representativas da solução.

3.7.2 O plano base

O plano de base é, segundo Francis K. Ching, um elemento arquitectónico de diferenciação hierárquica e funcional. E portanto um elemento que serve o princípio de ordem da hierarquia.

O papel diferenciador do plano de base consiste no facto de este definir um campo de espaço sobre uma superfície. Este campo de espaço, por sua vez, pode ser enfatizado de duas formas. Por via da sua diferenciação vertical em relação ao plano de fundo e pela intensificação ou clareza dos seus limites, ou mesmo e preferencialmente ambas. A diferenciação vertical em relação ao plano de fundo assume três possibilidades: O plano de base elevado, o plano de base rebaixado e o plano superior.

O plano de base elevado, consiste na extrusão deste plano, de modo a tornar-se num prisma assente no plano de fundo e enfatizando, desta forma, a separação entre a sua área de espaço e o fundo circundante

O plano de base rebaixado é o inverso do primeiro, ou seja, é a extrusão negativa. Assim, o plano de base abate-se sobre o fundo subtraindo-lhe uma área prismática que define um volume negativo de espaço.

O plano superior é a elevação da face do plano de base acima do fundo, definindo assim um espaço entre fundo e base.

A percepção do plano de base exige que este seja claro, relativamente aos seus limites, para definir a sua área de acção. O plano de base deve ter as suas arestas claramente definidas, ou ter uma coloração contrastante com o fundo.

3.7.2.1 O plano de base elevado

Esta diferenciação do fundo pela elevação do plano de base define intencionalmente um regime distinto do espaço que o envolve, no entanto para discriminar totalmente estes dois universos as faces verticais devem contrastar cromaticamente, ou pela textura, deste modo ausentamo-nos do plano abstracto e em vez de um plano de base elevado temos agora um pódio.

O pódio é um elemento de composição arquitectónica sobre o qual assenta um edifício, ou discrimina elementos do próprio edifício interiormente ou externamente. Interessa-nos aqui a distinção do edifício no seu todo em relação à envolvente.

A execução de um pódio pode ser levada a cabo sobre três posturas: o plano sobrelevado, ser uma preexistência topográfica do local de intervenção, ser construído para, em cima construir um edifício, ou para realçar um edifício já existente.

Segundo Francis k. Ching, o pódio assume três possibilidades tipológicas dependendo do grau de continuidade espacial fisicamente acessível e visual que o autor pretende.⁶⁴

O primeiro tipo pretende garantir uma continuidade visual do observador ao edifício, completada pelo fácil acesso a este.

O segundo garante a continuidade visual, sendo acessível por via vertical.

O terceiro, em que a continuidade espacial e visual é interrompida, e o pódio, é também edifício e contém programa.

3.7.2.2 O plano de base rebaixado

Assim como o plano elevado, o plano de base rebaixado diferencia uma porção de espaço de um contexto espacial onde se implanta, no entanto, enquanto o primeiro define o seu limite por meio de uma massa perceptível, o segundo estabelece o seu domínio por meio de um limite de onde originam planos limites.

⁶⁴ Ibidem; pp.103

Este tipo de plano de base partilha, com o primeiro, os mesmos recursos enfáticos, ou seja, o campo de espaço do plano horizontal abatido no solo pode ser reforçado pelo contraste com o plano espacial envolvente, bem como as paredes contrastarem com ambos os planos horizontais, isto é, o plano envolvente e plano abatido.

Contrariamente ao plano de base elevado, o plano de base rebaixado não pretende uma natureza extrovertida do espaço que define mas antes introvertida, onde se encontra abrigo do ruído e vento e se encontra luz que penetra numa solução arquitectónica executada no subsolo.

Assim, como o plano de base elevado, também o plano de base rebaixado tem três tipos estabelecidos por Francis k. Ching. Se o último plano de base é o negativo de outro, então os seus tipos serão os negativos tipológicos do primeiro. No entanto, como o primeiro, estes tipos estão dependentes da continuidade espacial entre o solo envolvente e área rebaixada.⁶⁵

O primeiro tipo consiste numa interrupção no solo que de baixo para cima seja acessível quer visualmente quer fisicamente.

O segundo tipo empobrece a relação visual com o solo envolvente e torna a sua acessibilidade dependente de circulações verticais.

O terceiro tipo, por sua vez, corta totalmente a relação visual com o plano de solo sendo este acessível por circulação vertical.

3.7.2.3 O plano de base superior

O plano de base superior, ao contrário dos seus congéneres anteriores, representa uma inversão de papéis, pois, se os anteriores determinam um campo de acção na sua base, o plano de base superior cria um domínio espacial entre o seu plano e o solo.

O limite de espaço gerado pelo plano de base superior está dependente dos seus elementos estruturais verticais que determinam visualmente o seu domínio.

⁶⁵ Ibidem; pp.109

Assim podemos afirmar, que a clara leitura do domínio espacial estabelecido por este plano, é dependente da estrutura que o suporta, e segundo Francis.k.Ching, os elementos de suporte vertical devem ser explícitos por ordem a delinear o seu domínio.⁶⁶

3.7.3 Casos de estudo

O presente ponto deste capítulo pretende expor casos de projecto em que os anteriores recursos compositivos sejam determinantes no conceito inerente à solução de intervenção num lugar.

3.7.3.1 Projecto de Transformação de um Santuário (Fig.23)

Localização : Shibuya, Tóquio, Japão

Autor: Tadao Ando

O presente projecto da autoria de Tadao Ando adequa-se ao tema de trabalho (Reabilitação de um lugar fundado por uma preexistência arquitectónica) pela importância de salvaguardar um monumento, um santuário Xintoísta, cujo tipo se repete pela cidade de Tóquio e constituem, na região, polarizações integradas no espaço existencial dos cidadãos. “Se a praça é o centro da cidade europeia, os santuários xintoístas e os templos budistas representam espaços públicos idênticos no coração da cidade japonesa”⁶⁷.

Os problemas inerentes à reabilitação deste lugar, são a necessidade de acomodar um vasto programa no lugar, mantendo a principal razão da localização do templo. Estando este localizado num promontório, que domina a envolvente topograficamente

⁶⁶ Ibidem; pp.115

⁶⁷ Dal Co, Francesco; Tadao Ando; *As obras, os textos, a crítica*; Editora. Dinalivro; pp.316

mais baixa e fazendo desta lugar, pela relação de acessibilidade visual e física que com esta mantém.

A relação acima descrita foi mantida pelo arquitecto, que recorreu a um plano de base elevado e a um eixo de simetria para reforçar a condição do templo em relação à sua envolvente. O templo assenta sobre o plano de base e o eixo reforça a relação visual com templo. Sob o plano de base elevado encontra-se a entrada para o novo programa que se encontra no subsolo.

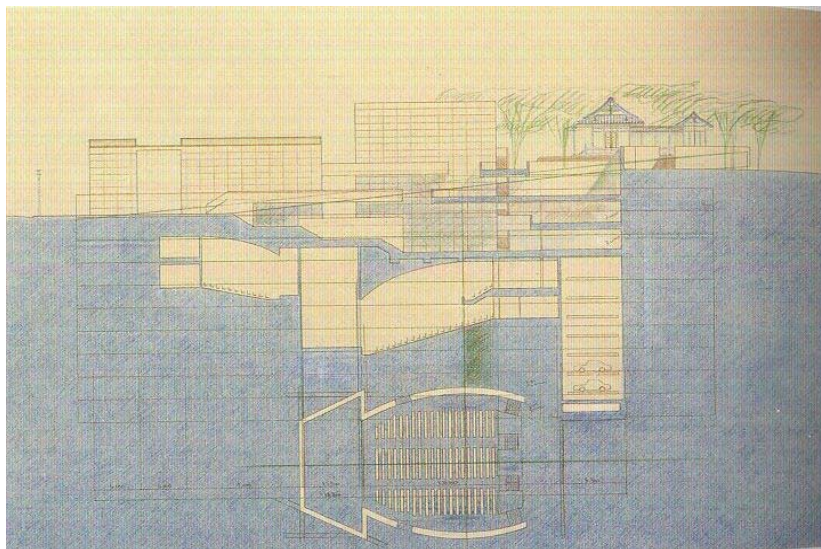


Fig.23 – Secção longitudinal da proposta de Tadao Ando

3.7.3.2 Projecto para o Grande Museu do Cairo (Fig.24)

Autores: Atelier Aires Mateus

Localização: Cairo, Egipto

A proposta de concurso, do atelier Aires Mateus, para o grande museu do Cairo intervém num lugar dominado pela pirâmide de Gizé que assenta sobre um pódio natural.

Os autores do projecto, interpretaram numa das arestas da pirâmide, um eixo de simetria desta, que se estende por vários metros até encontrar um promontório natural desocupado, neste promontório é implantada uma plataforma dividida ao

meio pelo eixo. A plataforma contém o programa museológico e o eixo atravessa-a e é rematado pela pirâmide que assenta visualmente sobre a nova plataforma, fazendo desta um pódio.

A plataforma é assim um pódio para o objecto arquitectónico avistado ao longe sendo a sua localização reforçada pelo remate do eixo.

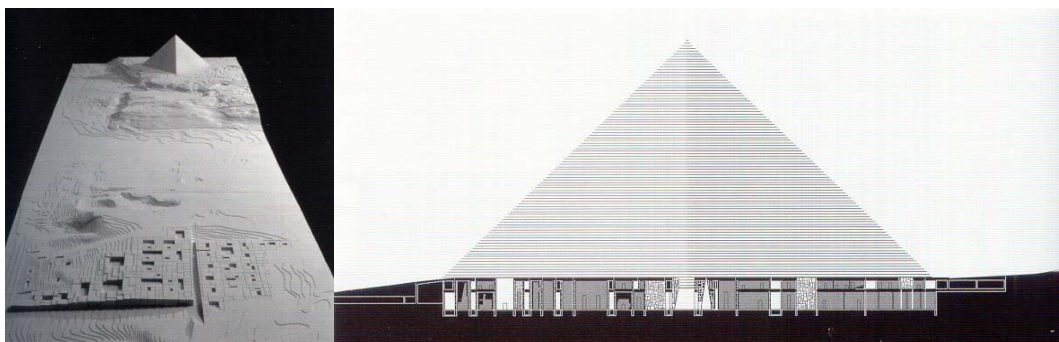


Fig.24 – Maqueta e secção transversal da proposta do atelier Aires Mateus

3.7.3.3 Edifício da nova biblioteca municipal de Viana do Castelo (Fig.25)

Autor: Álvaro Siza Vieira

Localização: Viana do Castelo, Portugal

A presença da água foi razão para o estabelecimento de populações. Nestes assentamentos, perto de recursos hídricos, o homem imprime no território a adaptação deste às suas necessidades, conferindo-lhe o estatuto de lugar.

A solução, para a implantação da biblioteca municipal de Viana do Castelo, tem como maior preocupação, a menor obstrução visual para o rio Lima por parte dos utentes do espaço público ribeirinho.

No respeito por esta relação preexistente, Álvaro Siza recorre a um plano de base superior que faz elevar acima do solo a maior parte do edifício, garantindo um enquadramento visual para o rio.

Certo é que não existe qualquer preexistência construída, que seja centro de um lugar, no entanto essa centralidade pode-se assumir como a extensão ribeirinha essencial na orientação dos indivíduos na região.



Fig.25 – Área exterior da biblioteca que antecede a entrada

4. SÍNTESE DO DESENVOLVIMENTO CONCEPTUAL DO PROJECTO

O estudo que acompanhou o desenvolvimento de uma proposta de intervenção na Quinta dos Alfinetes, levou-nos a ganhar consciência da importância de uma estratégia para uma acção que considere e preserve o Lugar enquanto elemento que transporta a sedimentação dos episódios da vida de um território ocupado pelo homem.

O sector norte da zona de Chelas onde se encontra a Quinta dos Alfinetes (Marvilla), aparece referenciado como outrora ocupado por várias quintas de recreio que, numa adequada relação com as características da paisagem, apreenderam o seu "*Genius locci*".

A proposta de intervenção que aqui apresentamos para a reabilitação da Quinta dos Alfinetes fundamentou-se em três etapas para a constituição de um conjunto de princípios orientadores do projecto:

- A primeira etapa procurou, através de um processo de leitura do Lugar, reconhecer os seus aspectos fundamentais, a fim de averiguar se estas características essenciais continuam a ser encontradas e sentidas no Lugar, para que a acção de reabilitação encontre os seus fundamentos;
- A segunda etapa, consistiu na elaboração de um programa adequado aos serviços da Fundação Luso-Brasileira, tendo por base o estudo da proposta de Oscar Niemeyer (ver ANEXO 1 – Memória descritiva do Projecto – Programa). Para ir de encontro às necessidades programáticas esta proposta construiu em território anteriormente desocupado, factor que foi criticado no desenvolvimento;
- Finalmente, a terceira etapa estipulou os recursos compositivos do projecto por nós desenvolvido, a fim de que a intervenção nova se adequasse hierarquicamente às preexistências.

O processo de leitura correspondente à primeira etapa, tem como suportes documentais o levantamento cartográfico de Silva Pinto datado de 1904, a descrição que João Vieira Caldas fez da casa da Quinta dos Alfinetes, a classificação deste edifício em “ A Casa Rural dos arredores de Lisboa”⁶⁸ (do mesmo autor), a fotografia cedida pelo Arquitecto Gastão da Cunha Ferreira que regista o estado do lugar antes da construção (inacabada) da proposta de Oscar Niemeyer (esta fotografia, permite uma aproximação às condições originais do recinto) e, por fim, a tese de doutoramento da Arquitecta paisagista Aurora Carapinha⁶⁹, documento que nos possibilitou uma especulação sobre a possível localização da Mata e Pomar/Horto no recinto original da Quinta.

4.1 Os elementos essenciais da Quinta dos Alfinetes.

Os dados fornecidos pelo levantamento cartográfico de Silva Pinto, possibilitaram-nos reconhecer:

1. A topografia original do lugar.
2. Confirmar que o Palacete e as suas dependências anexas sempre se implantaram em função de uma linha de festo.
3. O limite Nascente da propriedade.
4. Uma entrada Nascente na propriedade que atravessava a área de produção.
5. O acesso principal ao Palacete pela azinhaga dos Alfinetes.
6. O Jardim formal/Horto de Recreio terraceado em dois patamares.
7. A existência de um pátio traseiro.

A localização da casa sobre uma linha de festo e percurso Nascente Poente, que atravessa a propriedade até ao Pátio de Honra, foram confirmados pelo registo fotográfico cedido pelo Arquitecto Gastão da Cunha Ferreira; o Jardim formal/ Horto de Recreio, terraceado em dois patamares, junto à fachada Nascente do Palacete,

⁶⁸ Caldas, João Vieira; *A casa rural dos arredores de Lisboa no séc. XVIII*; FAUP Publicações 1999; pp.132-135

⁶⁹ Carapinha, Aurora Da Conceição Parreira; *Da Essência do Jardim Português*; Tese para obtenção do Grau de Doutor; pp. 211, 266

foram também confirmadas por estas fotografias e pela descrição de João Vieira Caldas em “A casa rural dos arredores de Lisboa do séc. XVIII”⁷⁰.

A existência do acesso principal ao Palacete pela azinhaga dos Alfinetes e o Pátio traseiro foram confirmados “in situ”.

Relativamente ao Palacete, sabemos por via de João Vieira Caldas que este edifício tinha três pisos – um térreo, um primeiro piso e um sótão coberto por telhados múltiplos. Esta característica não encontra confirmação em nenhum outro elemento documental consultado.

Por fim podemos supor pela tese da Arquitecta paisagista Aurora Carapinha, que a Nascente se encontraria a Mata e, entre esta e o Jardim formal/Horto do Recreio, estaria o Pomar/Horto.

Assim, com base neste reconhecimento, podemos considerar que as características originais e essenciais do lugar da Quinta dos Alfinetes são:

1. A localização do Palacete.
2. A acessibilidade ao Palacete através do acesso Nascente da Propriedade.
3. O acesso ao Palacete a partir da Azinhaga dos Alfinetes.
4. O avistamento do Aglomerado construído, a partir dos acessos já referidos.
5. A simetria da fachada Sul, instituída pelo eixo formalizado pela Azinhaga dos Alfinetes, que desagua no Pátio de Honra.
6. A relação panorâmica da fachada principal com o rio Tejo.
7. O Jardim formal/Horto do Recreio terraceado em dois patamares.
8. O Pátio traseiro, com o pombal, o Poço e um novo acrescento, a cozinha.

Identificadas as principais características originais do lugar da Quinta dos Alfinetes, efectuou-se o reconhecimento “in situ”, não as sendo possível encontrar todas tal como existiram no passado. Contudo, existe ainda um troço Nascente da Propriedade que se estende até ao seu antigo limite, hoje a rua Dinah Silveira Queirós. Desta rua é possível avistar o Palacete assente num promontório, a azinhaga dos Alfinetes, que

⁷⁰ Caldas, João Vieira; *A casa rural dos arredores de Lisboa no séc. XVIII*; FAUP Publicações 1999; pp. 132-135

ainda se estende até ao portão principal da Propriedade e ao Pátio de Honra, encontrando ao fundo a fachada Sul do edifício.

No que diz respeito ao Palacete e suas dependências, o Jardim formal/Horto de recreio já não existe, assim como a cobertura de telhados múltiplos, resistindo ainda o Pátio traseiro com o poço, o pombal e o acrescento da cozinha.

Pese embora a perda parcial da área da propriedade, o que desta foi poupada ao crescimento urbano ainda nos possibilita compreender a relação original do Palacete com as áreas exteriores, que no passado pertenceram à propriedade.

Deste modo, foi elaborada uma listagem de princípios para a salvaguarda das características fundamentais da Quinta dos Alfinetes na actualidade. Estes princípios são:

1. A preservação da relação visual da área Nascente da propriedade com o Palacete.
2. Qualquer intervenção volumétrica, na área Nascente da antiga propriedade, deve ser reduzida ao mínimo possível, de modo a libertar área para que se possa dotar este espaço de um arranjo paisagístico, com recurso temático à Mata e ao Pomar/Horto.
3. A intervenção deve submeter-se hierarquicamente ao Palacete e áreas exteriores da propriedade.
4. A intervenção deve recuperar a existência do Jardim formal/Horto de recreio, desenvolvido em patamares junto à fachada Nascente do Palacete.
5. A intervenção deve tornar clara a relação entre a Azinhaga dos Alfinetes.
6. Qualquer intervenção no Palacete propriamente dito deve manter, tanto quanto possível, a sua estrutura interna e recuperar a existência de um terceiro piso.

De forma a ir de encontro ao cumprimento dos princípios estipulados, servimo-nos de um conjunto de recursos compositivos de diferenciação hierárquica que Francis K.

Ching estipula em “*Arquitectura, forma, espaço e ordem*”⁷¹, e que no presente relatório expomos no sétimo subcapítulo do Desenvolvimento. Estes recursos são o eixo e a simetria e o plano de base nas suas três variantes.

4.1.1 O recurso ao eixo

O Palacete da Quinta dos Alfinetes assume uma localização que, em relação ao restante território, cria um domínio hierárquico resultante da sua implantação na cota mais alta da propriedade, sendo possível avistá-lo de longas distâncias e convocando eixos rematados pelo Palacete – como remate de eixos, o palacete está sujeito a um valor hierárquico superior.

Este recurso compositivo é já formalizado pela azinhaga dos Alfinetes, cujo percurso e eixo, é rematado pela fachada principal da casa, antecedida de um Pátio de honra.

Porém, a relação entre a fachada Nascente e a área da propriedade que se lhe estende, permite a sujeição do Palacete ao remate de um eixo, que o sobrepõe hierarquicamente à restante propriedade. (*Fig.26 e 27*)

Este eixo existe enquanto eixo visual e pode ser matéria de valorização do Palacete por via da requalificação do espaço público a Nascente do mesmo.

⁷¹ Ching, Francis D.K. Cing; *Arquitectura, forma, espaço e ordem*; Editora Martins Fontes; 3ª edição; 2002, pp. 100-114, 322-330



Fig.26 – Vista da fachada Nascente



Fig.27 – Alçado nascente de proposta por nós defendida

4.1.2. O recurso ao eixo de simetria

Embora o edifício encontre condições para ser o remate de um eixo, também é detentor de características geométricas que devem ser tidas em conta para determinar a correcta localização desse eixo, uma vez que a fachada Nascente tem na sua configuração original, fora acrescentos, uma ordenação simétrica. Esta simetria permite-nos localizar com correcção o eixo que irá ser rematado pelo Palacete (*Fig.27*).

4.1.3 O recurso ao plano de base

O recurso ao plano de base procura, através da ênfase hierárquica da localização do Palacete, resolver o programa para a sede da Fundação Luso-Brasileira.

O plano de base elevado, sobre o qual, na nossa proposta, assenta o Palacete, constitui um pódio que reforça a diferença altimétrica a que aquele se encontra em relação à envolvente. Este pódio procura cumprir formalmente os requisitos que Francis K. Ching estipula em *“Arquitectura, forma, espaço e ordem”*⁷². Assim os limites do pódio são claros por via da sua geometria regular e superfícies cegas. (Figs. 27 e 28)

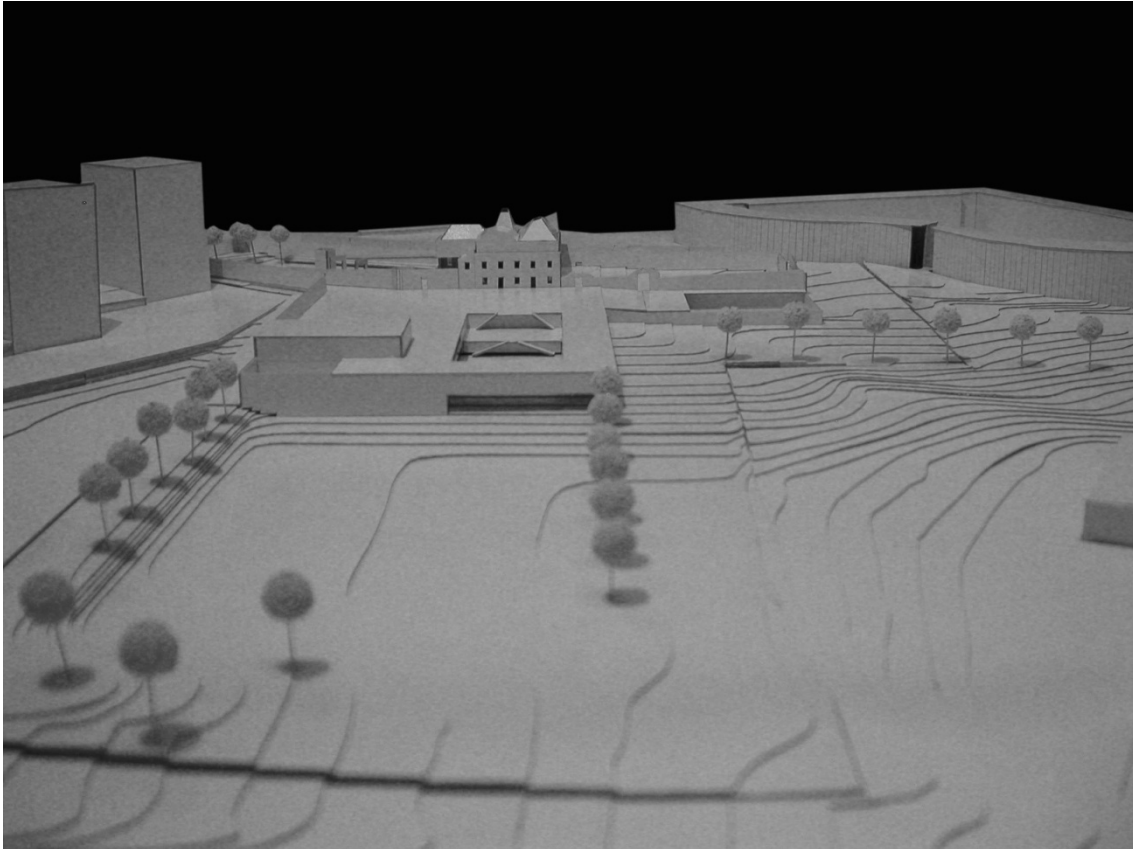


Fig.28 – Fotografia da maquete, o Palacete assente sobre o pódio

4.1.4 O recurso ao plano base rebaixado

O recurso ao plano base rebaixado procurou definir um domínio espacial onde é feita a entrada principal e secundária para a Fundação Luso-Brasileira. Deste espaço é também possível aceder ao Palacete por uma escadaria exterior, pautada por dois patamares que procuram a reminiscência do antigo Jardim formal/Horto de recreio.

⁷² *Ibdem*; pp 102

Este domínio espacial formaliza-se no novo Pátio de honra, que procura, através do seu rebaixamento, isolar-se do vento e ruídos exteriores a este espaço (Fig.29). Segundo Francis K. Ching, este tipo de plano rebaixado, pertence à terceira possibilidade desta variante de plano de base, em que se corta totalmente a relação visual com o plano do solo.

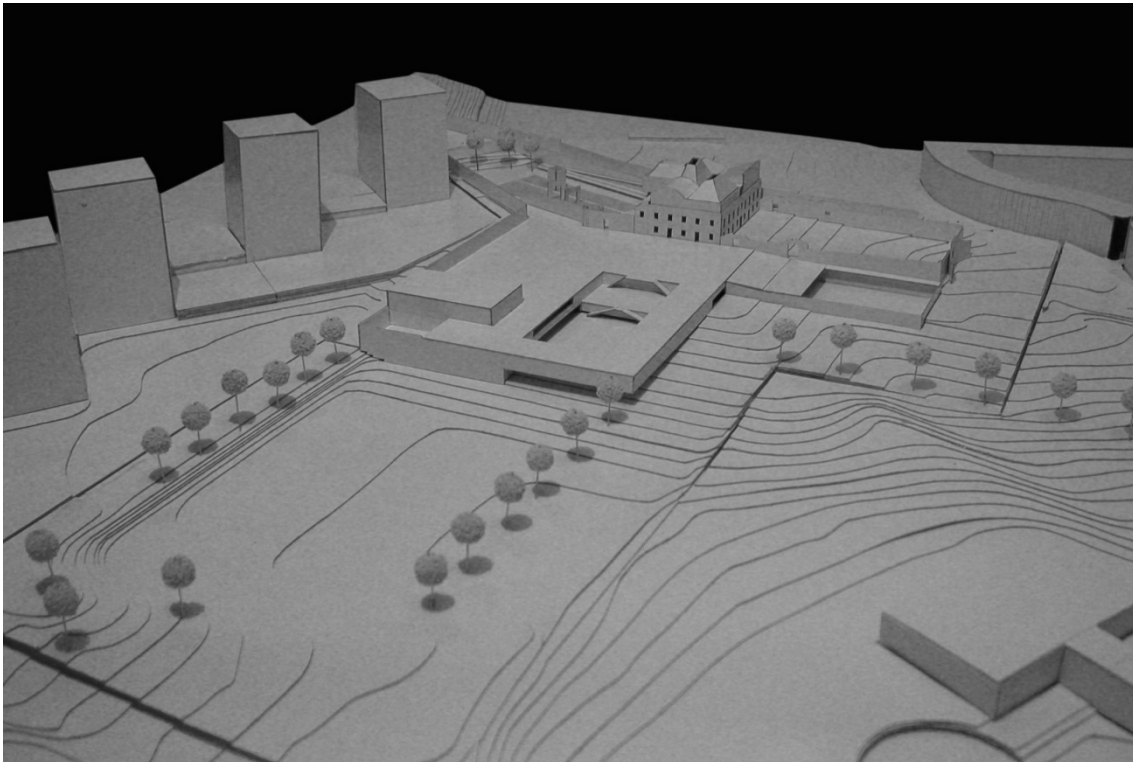


Fig.29 – Fotografia da maquete, o novo pátio de honra ao centro da nova volumetria

4.1.5 O recurso ao plano base superior

O recurso, ao plano de base superior, procura reforçar o encerramento do novo Pátio de honra, resultante do recurso ao plano de base rebaixado.

Este objectivo é formalizado pelo plano de base superior, através de um domínio entre o seu plano e o plano do solo. Na proposta o plano de base superior consiste na percepção dos limites exteriores do volume, que encerra os escritórios da sede e envolve o Pátio de honra (Fig.30).



Fig.30 – Secção transversal pelo novo pátio de honra

4.2 A articulação dos recursos compositivos de diferenciação programática, com recurso comparativo aos casos de estudo.

Os recursos compositivos de diferenciação hierárquica compõem, pela sua articulação, um todo conceptual que na solução apresentada, partilha similaridades com os casos de estudo apresentados no sétimo subcapítulo do Desenvolvimento.

A valorização do Palacete face à envolvente é executada com recurso a um eixo que encontra o seu remate na fachada Nascente, que por sua vez assenta sobre um pódio. Por não tocar no solo, este pódio constitui-se como um plano de base superior, no centro do qual se abre um pátio abatido, acedido por um percurso coincidente com o eixo, acima referido, e que coloca no pátio a entrada principal da sede da Fundação Luso-Brasileira, assim como as escadas exteriores de acesso ao Palacete.

Esta articulação de recursos compositivos de diferenciação hierárquica encontra nos casos de estudo apresentados (intervenção em lugares de valor patrimonial) o modelo da sua aplicação.

Nos exemplos referidos, encontramos na transformação do santuário de Shibuya, da autoria de Tadao Ando, e na proposta do atelier Aires Mateus para o Grande Museu do Cairo, o recurso a um eixo de remate e simetria, alinhado com os templos preexistentes que, por sua vez, pousam sobre um pódio.

No primeiro caso (e assim como na solução por nós proposta para a Quinta dos Alfinetes), Tadao Ando recorre a um eixo que remata um templo preexistente, recorrendo a um pódio terraceado para enfatizar a localização do templo. Sob este pódio é resolvido um extenso programa com dois auditórios no subsolo.

No segundo caso de estudo, a colocação da pirâmide de Gizé sobre o pódio faz-se por uma ilusão visual, pois estes distam largos metros um do outro. Neste exemplo interessou-nos a indispensabilidade de um eixo de remate do templo originado na simetria do objecto, formalizado por um percurso até ao templo, factor que se aproxima formalmente do trajecto Nascente-Poente que propusemos, alinhado pelo eixo de simetria do Palacete da Quinta do Alfinetes (*Fig.31*).

Finalmente, um último caso de estudo, a Biblioteca Municipal de Viana do Castelo, cujo plano de base superior define, tal como na nossa proposta, uma área exterior que precede a entrada.

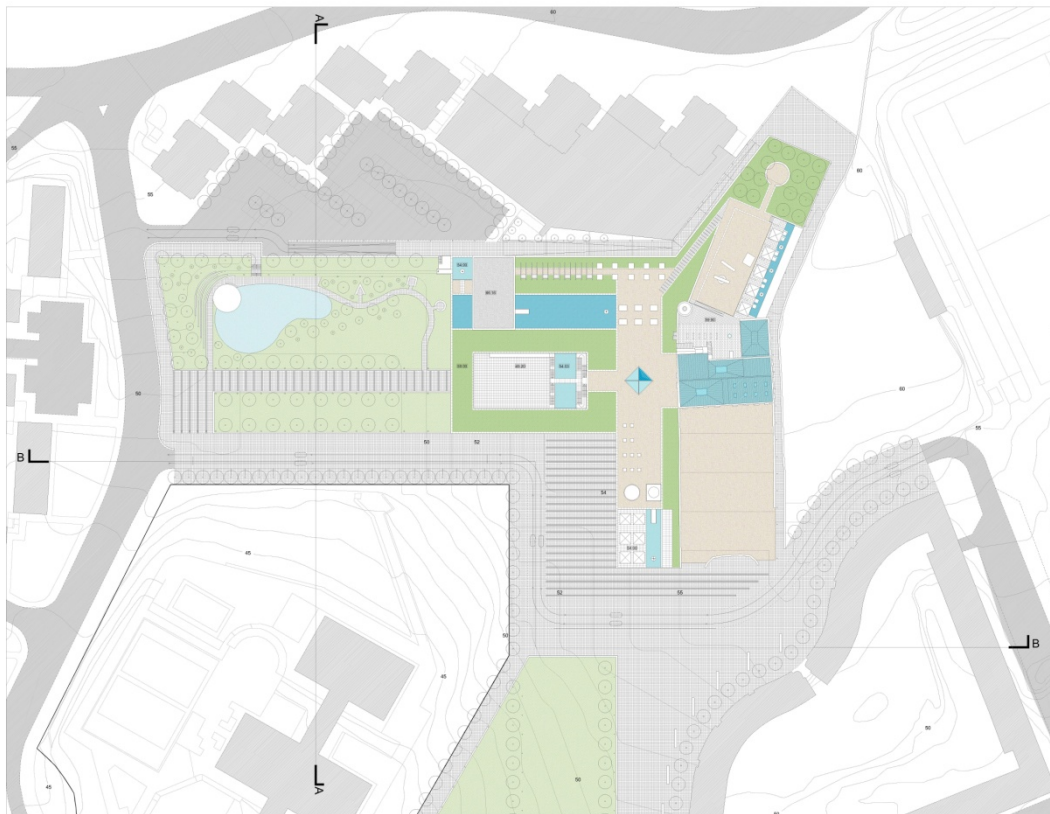


Fig.31 – Planta de implantação

Bibliografia

Abreu, Pedro Marques de; *“Palácios da Memória II. A revelação da arquitectura”*; Tese para obtenção do grau de Doutor na faculdade de arquitectura da universidade técnica de Lisboa.

“Biblioteca Municipal de Viana do Castelo”; in: *Arquitectura* 21; nº 9; Janeiro/Fevereiro 2010

Carapinha, Aurora Da Conceição Parreira; *“Da essência do Jardim Português”*; Tese para obtenção do grau de Mestre.

Célia, Faria; *“A construção do lugar arquitectónico – A significação da forma arquitectónica na perspectiva da experiência do sujeito”*. FA.UTL, 2009

Ching, Francis D. K. *“Arquitectura. Forma, espaço e ordem”*; Ed. Martins Fontes; São Paulo 2002

Co, Francesco Dal; *“Tadao Ando, A obras, os Textos, a critica.”*; Ed. Dinalivro; 1ª edição; Dezembro de 2001

“Diário da República – III Série, nº 300 – 30/12/1992. Artigo 8º”

Duarte, Rui Barreiro; *“A poética do lugar, in Arquitectura e Vida”*; Nº 23; Janeiro 2002

Duarte, Rui Barreiros; *“Os valores do lugar”*, in: *Arquitectura e Vida*, nº26, Abril 2002

Entrevista a Aurora Carapinha por Charters, José Monteiro e Raposo, Manuela de Magalhães; In: *Arquitectura e Vida*, nº89, Janeiro de 2008.pp 18-25

Fernandes, Fátima; Cannatá, Michele, *“Construir no Tempo – Souto de Moura, Rafael Moneu, Giorgio Graci”*; Estar 1999.

Frampton, Kenneth; *“História crítica da arquitectura moderna”*; Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2003

França, José Augusto. *“Lisboa: urbanismo e arquitectura”*; Ed. Livros horizonte; 5ª edição; 2005

“Fundação Luso-Brasileira para o desenvolvimento do Mundo da Língua Portuguesa. A primeira década. 1993-2003”

Mangucci, Celso. *“Quinta de Nossa Senhora da Piedade, História do seu palácio, Jardins e Azulejos”*; Janeiro de 1998.

Mateus, Manuel Aires; Mateus, Francisco Aires; Byrne, Gonçalo; Sousa, Valentino Capelo de; *“An informal conversation. Place”*; in: 2G, nº 28, 2003

Mateus, Manuel Aires; Mateus, Francisco Aires; Byrne, Gonçalo; Sousa, Valentino Capelo de; *“An informal conversation, Time”*; in: 2G, nº 28, 2003

Muñoz, Cosme. *“Alfonso. El Proyecto de arquitectura”*. Ed. Reverté

Norberg-Schulz, Christian; *“Existência, espacio y arquitectura”*; Ed. Blume, Barcelona, 1975

Norberg-Schulz, Christian; *“A paisagem e a obra do homem”*; in: Revista arquitectura, nº102

Norberg-Schulz, Christian. *“Arquitectura Ocidental”*. Ed. Gustavo Gili

Pires, Amílcar de Gil e; *“Vilegiatura e lugar na arquitectura portuguesa”*; Tese para obtenção do grau de doutor; FA.UTL; 2007

Pires, Amílcar de Gil e; *“O carácter da Arquitectura e do lugar”*; in Artitextos, nº6

Pires, Amilcar de Gil e; *“O lugar da Quinta de Recreio na periferia de Lisboa”*

Rodeia, João Belo e Baeza, Campo; *“The Grand Egyptian museum, Cairo”*; in: 2G, nº 28; 2003

Telles, Gonçalo Ribeiro. *“Jardim do Palácio dos Marqueses de Pombal, Oeiras”*; in: Architéti, nº 25, Junho/Julho/Agosto 1994

Vieira Caldas, João; *“A casa rural dos arredores de Lisboa no séc. XVIII”*; FAUP Publicações, 1999.

Índice de imagens

Fig.1 Ortofotomapa localizador da área do lugar de estudo Fonte: Centro Cartográfico da Universidade Técnica de Lisboa	1
Fig.2 Relação original da Quinta dos Alfinetes com os conventos de Marvilla, imagem trabalhada pelo autor sobre o levantamento Cartográfico de Silva pinto de 1904 Fonte: Centro Cartográfico da Universidade Técnica de Lisboa	27
Fig.3 Limites originais da Quinta dos Alfinetes, imagem trabalhada pelo autor sobre o levantamento cartográfico de Silva Pinto de 1904 Fonte: Centro Cartográfico da Faculdade de Arquitectura da universidade técnica de Lisboa	29
Fig.4 Traçado original da Azinhaga dos Alfinetes, imagem trabalhada pelo autor sobre o levantamento cartográfico de Silva Pinto de 1904. Fonte: Centro Cartográfico da Faculdade de Arquitectura da universidade técnica de Lisboa	29
Fig.5 Localização do horto de recreio, imagem trabalhada pelo autor sobre o levantamento cartográfico de Silva Pinto de 1904. Fonte: Centro Cartográfico da Faculdade de Arquitectura da universidade técnica de Lisboa	29
Fig.6 Localização do pátio de honra, imagem trabalhada pelo autor sobre o levantamento cartográfico de Silva Pinto de 1904. Fonte: Centro Cartográfico da Faculdade de Arquitectura da universidade técnica de Lisboa	29
Fig.7 Fotografia do portão de armas. Fonte: Fotografia do autor	29
Fig.8 Fotografia da Fachada principal do palacete desde o pátio de honra. Fonte: fotografia tirada pelo autor	29
Fig.9 Centralidade do pátio de honra em relação aos acessos da propriedade, imagem trabalhada pelo autor sobre o levantamento cartográfico de Silva Pinto de 1904. Fonte: Centro Cartográfico da Faculdade de Arquitectura da universidade técnica de Lisboa	30
Fig.10 Planta original de cobertura do palacete. Fonte Vieira Caldas, João; <i>“A casa rural dos arredores de Lisboa no séc. XVIII”</i> ; FAUP Publicações, 1999.pág.88	31
Fig.11 Planta original de piso térreo do palacete. Fonte Vieira Caldas, João; <i>“A casa rural dos arredores de Lisboa no séc. XVIII”</i> ; FAUP Publicações, 1999.pág.88	31
Fig.12 Estudo geométrico do palacete sobre levantamento executado pelo autor Fonte: Levantamento produzido pelo autor	32

Fig.13 Fotografia do recinto anterior ao início da construção da proposta de Oscar Niemeyer	33
Fonte: Fotografia cedida pelo Arquitecto Gastão da Cunha ferreira.	
Fig.14 Fotografia dos portões do Pátio de honra a Noroeste	35
Fonte: fotografia tirada pelo autor	
Fig.15 Fotografia dos vãos do Pátio de honra a Noroeste	35
Fonte: fotografia tirada pelo autor	
Fig.16 Fotografia do pátio	35
Fonte: Fotografia do autor	
Fig.17 Fotografia do muro Noroeste do pátio traseiro	35
Fonte: fotografia tirada pelo autor	
Fig.18 Ortofotomapa de acessibilidades ao recinto da Quinta dos Alfinetes, Imagem trabalhada pelo autor.	35
Fonte: Centro Cartográfico da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.	
Fig.19 Fotografia do actual estado do percurso da Azinhaga dos Alfinetes até ao Portão de armas	37
Fonte: fotografia do autor	
Fig.20 Fotografia da vista do recinto desde a rua Dinah Silveira Queiroz	38
Fonte: Fotografia tirada pelo autor.	
Fig.21 Fotografia do Palacete visto desde a rua Mario Bottas	38
Fonte: Fotografia tirada pelo autor	
Fig.22 Maqueta da proposta de Oscar Niemeyer	38
Fonte: Fotografia cedida pela Fundação Luso-Brasileira	
Fig.23 Secção transversal da proposta de Tadao Ando para o Santuário de Shibuya em Tóquio	41
Fonte: Co, Francesco Dal; <i>"Tadao Ando, A obras, os Textos, a critica."</i> ; Ed. Dinalivro; 1ª edição; Dezembro de 2001 pp.316	

Fig.24 Maqueta e secção transversal da proposta do atelier Aires Mateus para o Museu nacional do Cairo	49
Fonte: Mateus, Manuel Aires; Mateus, Francisco Aires: 2G, nº 28, 2003 pág. 51	
Fig.25 Fotografia da Biblioteca municipal de Viana do Castelo	50
Fonte: Revista <i>En Blanco</i> nº1 ; 2008, pp. 37	
Fig.26 Fotografia da fachada Noroeste	51
Fonte : fotografia tirada pelo autor	
Fig.27 Alçado Noroeste da proposta do	56
Fonte: peça de projecto produzida pelo autor.	
Fig.28 Fotografia da maqueta de implantação proposta pelo autor	57
Fonte: fotografia da maqueta executada pelo autor	
Fig.29 Fotografia da maqueta de implantação	58
Fonte: fotografia da maqueta executada pelo autor	
Fig.30 Secção transversal pelo novo pátio de honra proposto pelo autor	59
Fonte: Peça gráfica de projecto produzida pelo autor.	
Fig.31 Planta de implantação da proposta do autor	61
Fonte: Peça gráfica de projecto produzida pelo autor.	

ANEXOS

Anexo 1 – Memória Descritiva do Projecto

Anexo 2 – Peças desenhadas da proposta

Anexo 1 – Memória Descritiva do Projecto

O presente estudo visa a concepção de uma proposta arquitectónica para a nova sede da Fundação Luso-Brasileira e Instituto de Pós Graduação em Direito Comunitário e Ensino da Língua Portuguesa.

O local de intervenção situa-se na Quinta dos Alfinetes em Marvilla, Chelas no concelho de Lisboa. O lugar é configurado a Sul pela rua Mário Bottas, a Nascente pela Rua Dinah Silveira Queirós, a Norte por um conjunto de edifícios de habitação colectiva e Av. Paulo VI, e a Poente pela azinhaga dos Alfinetes. A área de intervenção é dominada, na sua cota mais alta, pelo Palacete na Quinta dos Alfinetes.

Neste contexto, a nossa solução destina ao antigo Palacete o programa do Instituto e construindo um novo volume para acomodar o programa da Sede. Pretende-se explorar o diálogo entre estes dois elementos, antigo e novo, admitindo como premissa que estes sejam interiormente comunicantes.

Este princípio tem também por objectivo concentrar o programa no mais curto espaço possível, de forma a propor para a restante área da propriedade um arranjo paisagístico e de espaço público, que procure privilegiar a relação visual do Palacete com as áreas exteriores contíguas. Tenta-se assim recuperar (tanto quanto possível) os valores inerentes à relação original do Palacete com a sua envolvente.

O novo volume encostar-se-á ao Palacete no seu lado Nascente e implantar-se-á abaixo da sua cota de soleira, oferecendo-lhe assim um pódio e afirmando-o como elemento de valor hierárquico superior em relação à intervenção nova. Esta atribuição de protagonismo ao edifício preexistente é reforçada pela determinação de um eixo que, interpretado na simetria da fachada Nascente do Palacete, irá conduzir um percurso da rua Dinah Silveira Queiroz à entrada do novo edifício, passando por um pórtico e culminando num Pátio de honra onde se encontra a entrada da sede da Fundação Luso-Brasileira alinhada a eixo de simetria com a fachada Nascente do Palacete.

O recurso ao eixo rematado pela fachada do Palacete, antecedida por um Pátio de honra, é um facto original no lado Sul daquele, visto a sua fachada rematar um eixo formalizado pela azinhaga dos Alfinetes. Assim, no sentido de clarificar esta relação, este trajecto foi alvo de uma requalificação no âmbito de espaço público.

Relativamente ao sector Norte, que envolve o local do projecto, a presença de um parqueamento, entre o jardim nascente e os blocos de habitação colectiva a Norte, foi anulado por um alinhamento de árvores.

O programa

As áreas mais representativas da Sede da Fundação Luso-Brasileira são o sector de escritórios da Sede, o Foyer, o grande auditório, o pequeno auditório, as salas de exposição, a sala polivalente, a biblioteca e o bar/restaurante. As duas últimas áreas programáticas são partilhadas com o Instituto de Pós-Graduação em Direito Comunitário e Ensino da Língua Portuguesa, que na ligação ao edifício da Sede dispõe de quatro salas de trabalho e consulta audiovisual.

Relativamente ao Instituto, este é programaticamente caracterizado pelas salas de aula, sala de estudo, recepção, bar, gabinete do director, gabinete da presidência, gabinetes de docência e sala de descanso para alunos e professores.

A solução programática da Fundação Luso-Brasileira procurou aproximar o Foyer tanto quanto possível do Palacete, de modo a que este desempenhasse um papel estruturante entre o programa do Instituto e o programa da Sede. Para tal, o Foyer, duplica-se em dois pisos, estando cada um relacionado com uma entrada no complexo. Assim, o piso do Foyer, que ocupa a cota menor, é acedido pelo Pátio de honra que coloca sobre si o receptor dos escritórios da Sede (facto fundamental para a localização do Foyer). Neste piso encontra-se uma recepção, os dois auditórios, uma sala polivalente, a loja e uma rampa que acede interiormente ao piso superior do Foyer ou desce para encontrar as salas de exposição.

O piso superior do Foyer pode ser acedido exteriormente por uma entrada a Sul que dá para uma praça por nós proposta e formalizada pelo anulamento de uma rotunda na Rua Mário Botas – dessa praça contempla-se a relação hierárquica entre o Palacete da Quinta dos Alfinetes e a nova volumetria, correspondente à Sede da Fundação Luso-Brasileira. Neste piso superior do Foyer encontramos uma recepção, um bar/restaurante dotado de uma esplanada encerrada por um Pátio e uma biblioteca.

Estas dependências relacionam-se com o Instituto, ao qual se acede através de uma rampa cujos patamares dão acesso aos gabinetes de consulta e registo audiovisual.

O sector correspondente aos escritórios da Sede da Fundação antecede a entrada principal situada no novo Pátio de honra e partilha a cota do segundo piso do Foyer. Este sector envolve o Pátio de honra por dois grandes vãos, onde se encontram os escritórios da Sede no lado Sul e Norte e, do lado Nascente situam-se o gabinete do director da Sede, o gabinete do presidente da Fundação, a sala de reuniões alinhada axialmente com a fachada Nascente do Palacete e a sala de descanso dos funcionários.

O Grande Auditório.

O grande auditório constituído por plateia, camarotes, palco e torre de cena, tornar-se-ia (pela volumetria inerente às suas necessidades técnicas) num elemento de difícil integração pela sua expressão visual. Porém, na solução proposta o seu corpo está integrado na composição sendo, no entanto, inevitável a presença da torre de cena, razão pela qual, para que não existam interferências com o eixo do Palacete, o Grande Auditório se situa o mais a norte possível do complexo.

As Salas de Exposição.

As salas de exposições desenvolvem-se em dois pisos, sendo ambos acessíveis pela rampa que percorre todos pisos da sede. Esta diferenciação em pisos permite a existência de duas exposições a decorrer ao mesmo tempo. O primeiro piso de exposições, acessível pela rampa, obtém iluminação natural por via zenital através de

um lanternim que se estende longitudinalmente à sala. O segundo piso, também acedido pela mesma rampa e com uma área de exposição maior, é iluminado por um pátio abatido no solo.

Área de Serviço (Piso Logístico)

Este piso é acedido subterraneamente pelos veículos de transporte e é programaticamente constituído por um hangar, um cais, um balcão de monitorização, um átrio e um monta-cargas que serve o piso de exposições, o pequeno auditório, a sala polivalente e o restaurante.

O palco do grande auditório e o segundo piso de exposições, acedido pela rampa, têm ligação directa ao piso logístico.

O Instituto

A proposta para o Palacete procura intervir o mínimo na estrutura do edifício antigo. A intenção de o destacar cromaticamente do resto do conjunto e de lhe devolver um terceiro piso, cuja cobertura seja caracterizada por volumetrias diversas (numa reminiscência do que fora no passado a cobertura por telhados múltiplos) vai na continuidade do conceito formal aplicado ao projecto anteriormente referido. Do ponto de vista das acessibilidades, é introduzido um ascensor para apoio aos utentes de mobilidade condicionada.

O piso térreo do Palacete destina-se aos serviços administrativos, zona de estudo e bar do Instituto. Do lado Poente colocaram-se os serviços administrativos, constituídos pela recepção, gabinete de gestão, arquivo e gabinete do director. No lado Nascente encontra-se a sala de estudo, a partir da qual se pode aceder ao jardim situado na cobertura do edifício da Sede, oferecendo um momento de pausa para quem aqui trabalha. Este piso é ainda dotado de um bar, situado no volume da antiga cozinha e que comunica com o jardim do pátio traseiro, onde se encontra a esplanada do bar, bancos de repouso e um pomar de recreio com um banco no seu centro.

Os pisos superiores são destinados à formação, albergando o segundo piso três salas de aula, gabinetes de docência e uma sala de descanso localizada na antiga sala da lareira, e estando o terceiro e último piso equipado com quatro salas de aula. A área volumétrica de cada uma destas salas é diferenciada pelas diferentes coberturas.

Por fim, o edifício é pintado de *bordeux*, no sentido de contrastá-lo cromaticamente com o verde dos jardins e diferenciá-lo do betão branco que caracteriza o volume da Sede da Fundação Luso-Brasileira.

Anexo2 – Peças desenhadas de Proposta

Implantação

01/23 – ortofotomapa de localização, escala gráfica

02/23 – Planta de implantação, escala gráfica

03/23 – Plano de pormenor, escala gráfica

04/23 – Perfis marginais de arruamento, escala gráfica

Proposta do Edifício da Sede da Fundação Luso-Brasileira

05/23 – Planta do piso 0, escala gráfica

06/23 – Planta do piso 1, escala gráfica

07/23 – Planta de coberturas, escala gráfica

08/23 – Planta de piso -1, escala gráfica

09/23 – Plantas dos pisos -2 e -3

10/23 – Cortes longitudinais, escala gráfica

11/23 – Cortes transversais, escala gráfica

12/23 – Cortes transversais, escala gráfica

13/23 – Alçados, escala gráfica

Proposta do Instituto de pós-graduação em direito comunitário e ensino da língua portuguesa

14/23 – Plantas do pisos 0 e 1, escala gráfica

15/23 – Planta do piso 2 e planta de coberturas, escala gráfica

16/23 – Cortes transversais, escala gráfica

17/23 – Cortes transversais, escala gráfica

18/23 – Alçados, escala gráfica

19/23 – Alçados, escala gráfica

Desenhos de execução

20/23 – Corte construtivo do edifício da Fundação Luso-Brasileira, escala gráfica

21/23 – Corte de fachada do edifício da Fundação Luso-Brasileira, escala gráfica

22/23 – Corte construtivo do palacete para Instituto de pós-graduação em direito comunitário, escala gráfica

Demolições (vermelhos, amarelos e negros)

23/23 – Plantas de demolições do palacete da Quinta dos Alfinetes, escala gráfica

Prspectivas

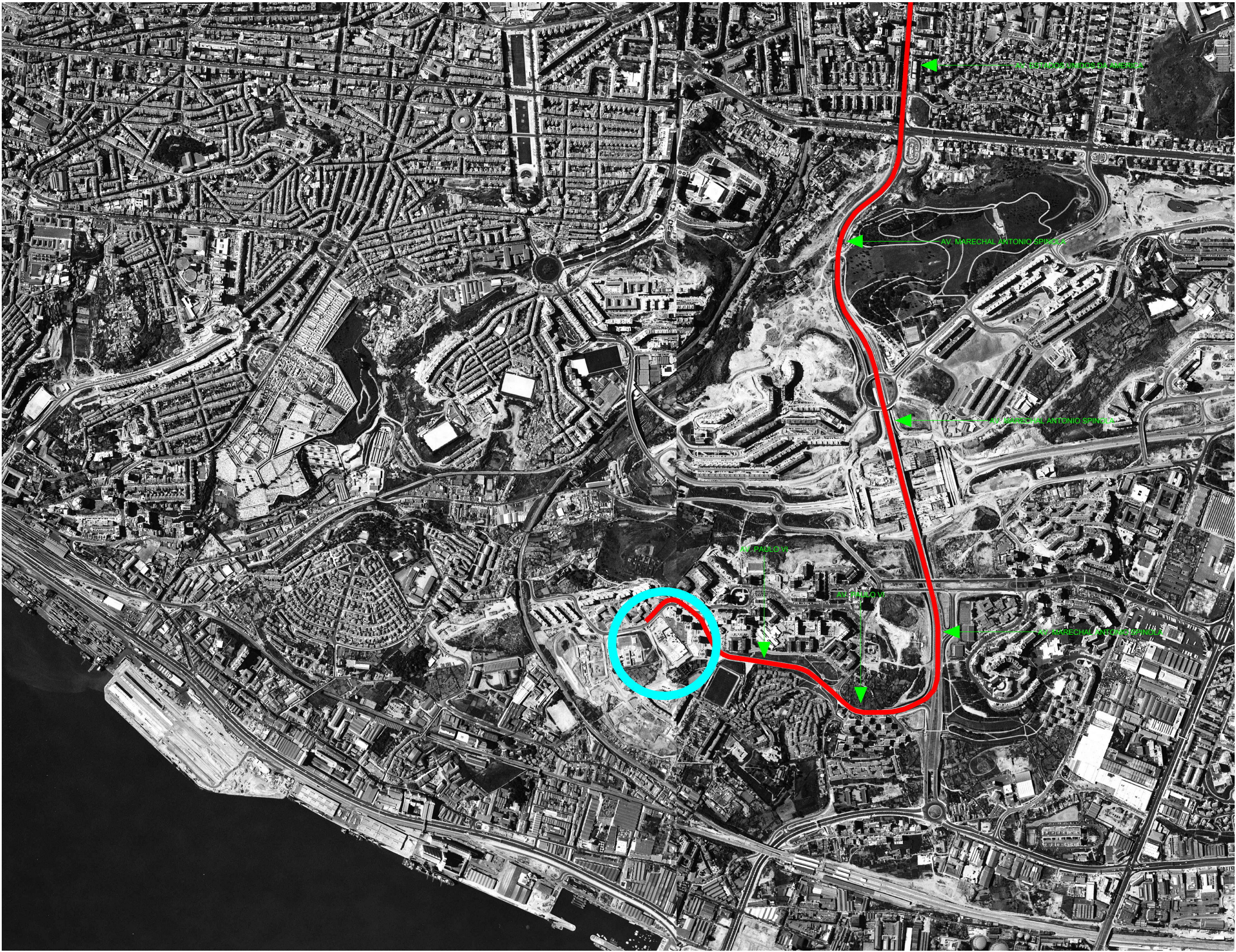
01/03 – Implantação e prspectivas de conjunto

02/03 – Prspectivas nocturnas

03/03 – Prspectivas dos pátios

arterias principais de ligação

localização



Faculdade de Arquitectura - UTL
 Prova de Mestrado Integrado - 2010/2011
 SEDE DA FUNDAÇÃO LUSO-BRASILEIRA
 QUINTA DOS ALFINETES
 Orientador: Filipe Henriques Bicha Marques - 5454
 Orientador científico: Prof. Dr. Amílcar de Gil e Pires
 Coordenador: Prof. Dr. José Duarte Centeno Jorge



Faculdade de Arquitectura - UTL
Prova de Mestrado Integrado - 2010/2011

SEDE DA FUNDAÇÃO LUSO-BRASILEIRA
QUINTA DOS ALFNETES

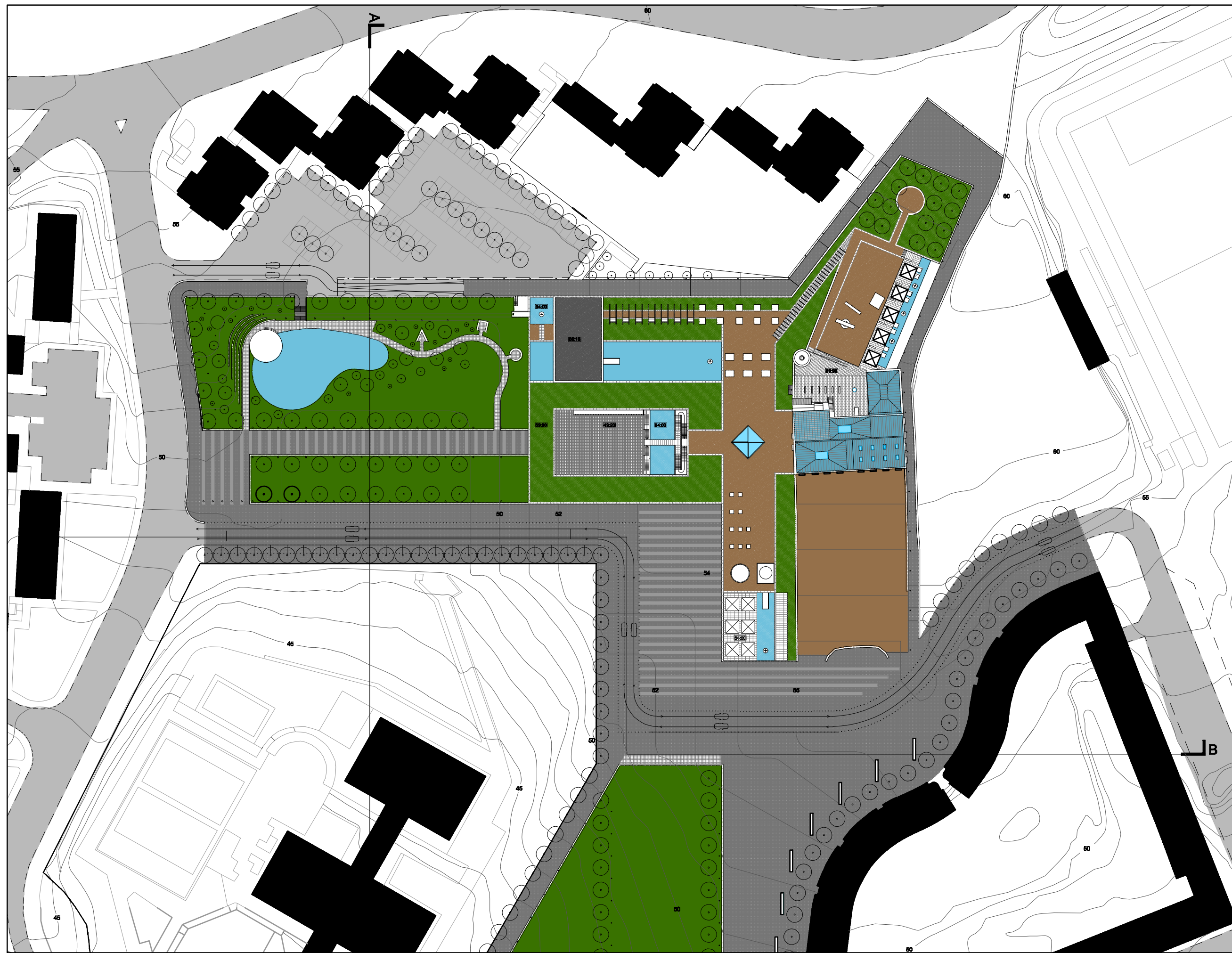
Desenho: Filipe Henriques Bicha Marques - 5454

Orientador científico: Prof. Dr. Amílcar de Gil e Pires
Co-orientador: Prof. Dr. José Duarte Centeno Jorge

MARÇO - 2011



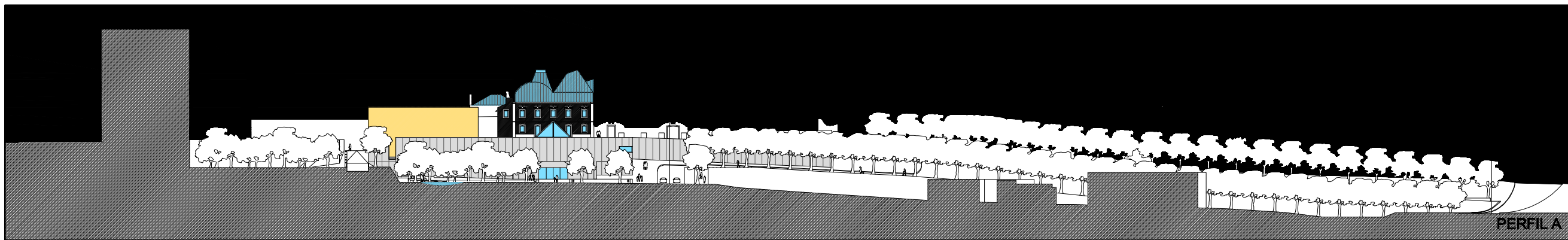
PLANTA DE LOCALIZAÇÃO
ESCALA 1/2000



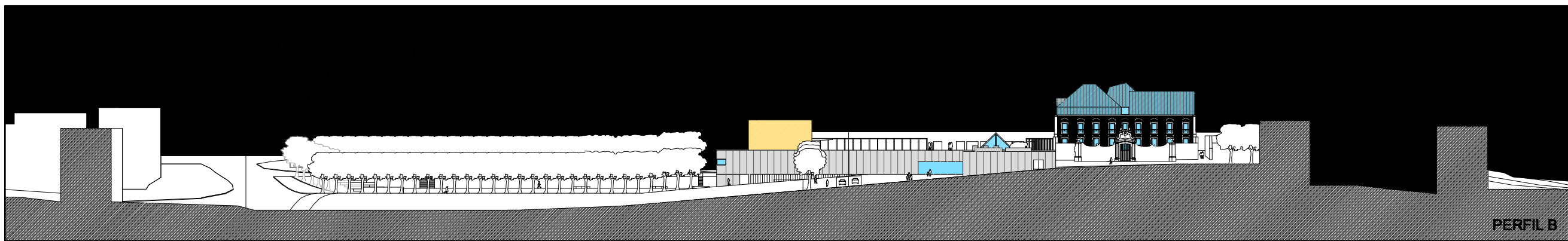
- LEGENDA DE MATERIAIS**
- pavê de basalto
 - pavê de basalto e pedre colorido
 - vegetação natural
 - espelho de água
 - edifício de vidro
numeroso edifício de concreto
 - limite de canteiro
 - estacionamento reservado

Fundação de Arquitetura, UFRJ
 Praça do Maracanã, 20131-911
INSTITUTO DA FUNDACÃO LINO GRIMALDI
 CENTRO DE ARQUITETURA
 Alameda Filipe Henriques Dória Marques, 8454
 Universidade Federal do Rio de Janeiro - P.O. Box 20.121-911
 Rio de Janeiro, RJ
 14/03/2011

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO
 ESCALA 1:500
03/2011



PERFIL A



PERFIL B



PERESPETIVA AÉREA



PERESPETIVA DA AZINHAGA DOS ALFINETES



CORTE C

Faculdade de Arquitetura, UFRJ
 Projeto de Intervenção Integrada - 2016/2017

OBRA DA FUNDAÇÃO LINO BRUNELLA
 CENTRO DOS ALFINETES

Assessor: Flávia Henriques Diniz Marques - 0454

Arquitetos: Prof. Dr. Antônio de Oliveira Filho
 e Associados Prof. Dr. José Duarte Coutinho-Jorge

PERFIL A
 MARÇO 2011

PERFIL MARGARIS FERREI E SA



LEGENDA DE ESPAÇOS

- A01 - entrada de visitantes
- A02 - lobby principal
- A03 - recepção
- A04 - lounge
- A05 - grande auditório
- A06 - piano
- A07 - camarim
- A08 - palco
- A09 - sala polivalente
- A10 - varanda (externa)
- A11 - programação auditório
- A12 - loja
- A13 - camarim de loja
- A14 - sala (espetáculos)
- A15 - sala de espetáculos temporários
- A16 - sala de espetáculos permanentes
- A17 - cozinha de cozinha
- A18 - restaurante
- A19 - espaço café
- A20 - espaço lounge
- A21 - sala de programação
- A22 - biblioteca
- A23 - depósito (biblioteca)
- A24 - sala de eventos teatro-vídeo

- B01 - entrada de sala de fundação
- B02 - entrada de serviço
- B03 - entrada de artistas
- B04 - sala
- B05 - sala técnica
- B06 - sala de ensaio
- B07 - espaço de ensaio
- B08 - sala de fundação
- B09 - hangar de ensaio e descarga
- B10 - sala de ensaio e descarga
- B11 - espaço de manutenção
- B12 - sala-palco
- B13 - sala técnica
- B14 - sala de trabalho (fundação)
- B15 - sala de reuniões
- B16 - sala de espetáculos permanentes
- B17 - sala de produção
- B18 - sala de director
- B19 - sala de desmancha
- B20 - despensa de dia (restaurante)
- B21 - sala de frio (restaurante)
- B22 - cozinha
- B23 - sala de Ban

- C01 - central de elevadores
- C02 - central técnica e sanitária
- C03 - central de arrefecimento
- C04 - sala de APO
- C05 - sala de armazenamento
- C06 - central de arrefecimento
- C07 - sala de transformação

- D01 - sala de teatro
- D02 - sala (sala de espetáculos)
- D03 - sala (sala de desmancha)
- D04 - sala (restaurante)
- D05 - estacionamento

- E01 - La. jardim
- E02 - La. espaço multifunção ext.
- E03 - jardim
- E04 - La. fundação
- E05 - subsistema/ventilador de fundação
- E06 - cozinha
- E07 - ventilação La. exterior

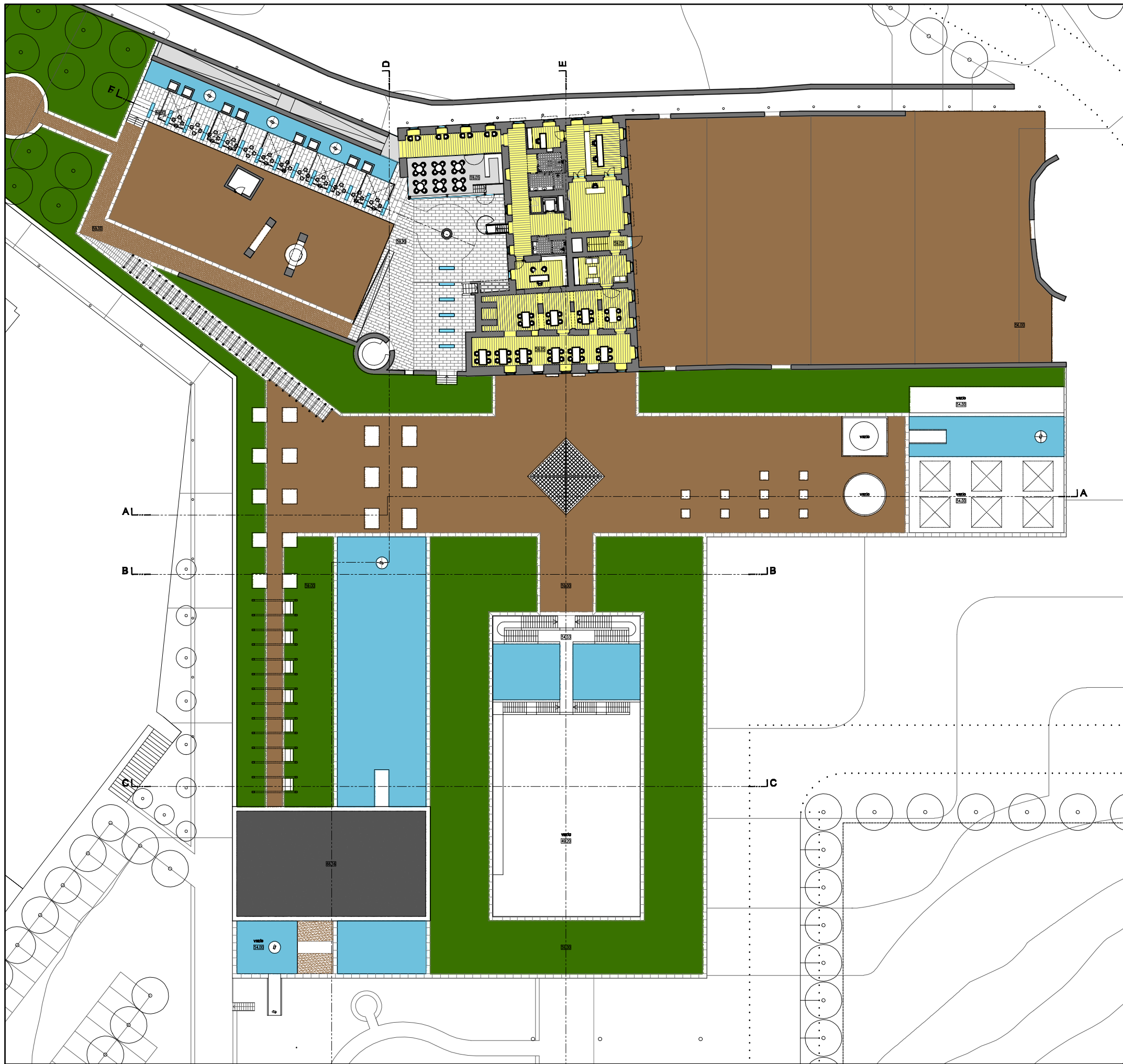
Projetado de Arquitetura, UEL
 Praça do Marquês de Pombal, 20160-911

OBRA DA FUNDAÇÃO LINO GRIMALPA
 CENTRO CULTURAL

Coordenador: Filipe Henrique Diniz Marques - 0404
 Responsável: Prof. Dr. Antônio de Góes Pinheiro
 Coordenador: Prof. Dr. José Duarte Coutinho Jago

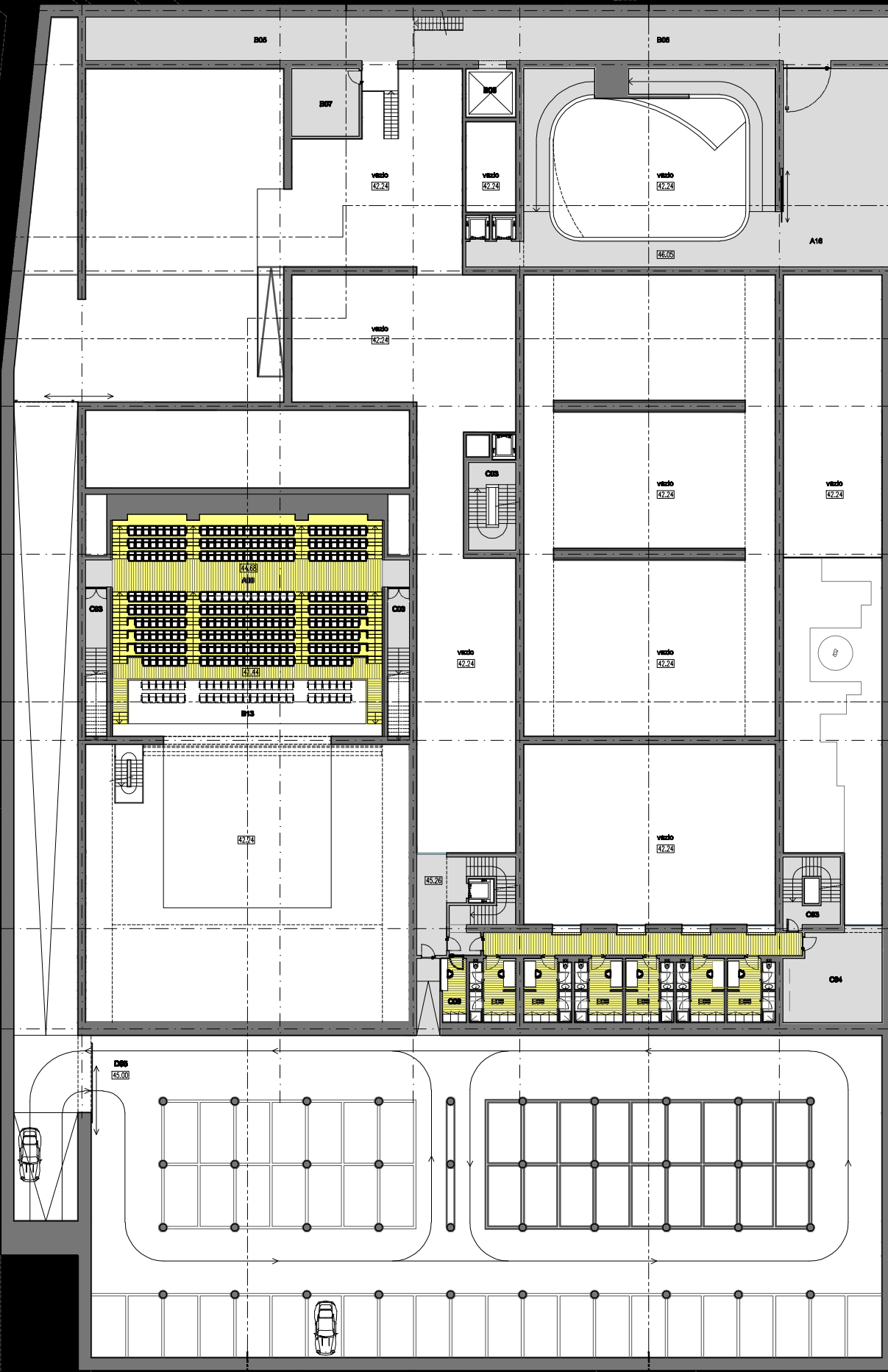
PROJETO DE ARQUITETURA
 MARÇO 2011

PLANTA DO PISO 05



- LEGENDA DE SIMBOLOS**
- A01 - sala de estudo
 - A02 - sala pedagoga
 - A03 - sala de aula
 - A04 - sala de aula
 - A05 - sala de aula
 - A06 - sala de aula
 - A07 - sala de aula
 - A08 - sala de aula
 - A09 - sala de aula
 - A10 - sala de aula
 - A11 - sala de aula
 - A12 - sala de aula
 - A13 - sala de aula
 - A14 - sala de aula
 - A15 - sala de aula
 - A16 - sala de aula
 - A17 - sala de aula
 - A18 - sala de aula
 - A19 - sala de aula
 - A20 - sala de aula
 - A21 - sala de aula
 - A22 - sala de aula
 - A23 - sala de aula
 - A24 - sala de aula
 - A25 - sala de aula
 - A26 - sala de aula
 - A27 - sala de aula
 - A28 - sala de aula
 - A29 - sala de aula
 - A30 - sala de aula
 - A31 - sala de aula
 - A32 - sala de aula
 - A33 - sala de aula
 - A34 - sala de aula
 - A35 - sala de aula
 - A36 - sala de aula
 - A37 - sala de aula
 - A38 - sala de aula
 - A39 - sala de aula
 - A40 - sala de aula
 - A41 - sala de aula
 - A42 - sala de aula
 - A43 - sala de aula
 - A44 - sala de aula
 - A45 - sala de aula
 - A46 - sala de aula
 - A47 - sala de aula
 - A48 - sala de aula
 - A49 - sala de aula
 - A50 - sala de aula
 - A51 - sala de aula
 - A52 - sala de aula
 - A53 - sala de aula
 - A54 - sala de aula
 - A55 - sala de aula
 - A56 - sala de aula
 - A57 - sala de aula
 - A58 - sala de aula
 - A59 - sala de aula
 - A60 - sala de aula
 - A61 - sala de aula
 - A62 - sala de aula
 - A63 - sala de aula
 - A64 - sala de aula
 - A65 - sala de aula
 - A66 - sala de aula
 - A67 - sala de aula
 - A68 - sala de aula
 - A69 - sala de aula
 - A70 - sala de aula
 - A71 - sala de aula
 - A72 - sala de aula
 - A73 - sala de aula
 - A74 - sala de aula
 - A75 - sala de aula
 - A76 - sala de aula
 - A77 - sala de aula
 - A78 - sala de aula
 - A79 - sala de aula
 - A80 - sala de aula
 - A81 - sala de aula
 - A82 - sala de aula
 - A83 - sala de aula
 - A84 - sala de aula
 - A85 - sala de aula
 - A86 - sala de aula
 - A87 - sala de aula
 - A88 - sala de aula
 - A89 - sala de aula
 - A90 - sala de aula
 - A91 - sala de aula
 - A92 - sala de aula
 - A93 - sala de aula
 - A94 - sala de aula
 - A95 - sala de aula
 - A96 - sala de aula
 - A97 - sala de aula
 - A98 - sala de aula
 - A99 - sala de aula
 - A00 - sala de aula

Projeto de Arquitetura - J.L.
 Projeto de Engenharia - J.L.
 Rua da Paz, 1000 - Curitiba - PR - 81200-000
 Telefone: (41) 3333-3333
 E-mail: contato@projeto.com.br
 PLANTA DE COBERTURA
 07m



LEGENDA DE ESPAÇOS

- A01 - entrada de visitantes
- A02 - lobby principal
- A03 - recepção
- A04 - lounge
- A05 - guarda-vestido
- A06 - planta
- A07 - camarim
- A08 - palco
- A09 - sala polivalente
- A10 - varanda (externa)
- A11 - programação auditiva
- A12 - loja
- A13 - camarim de loja
- A14 - sala (espetáculos)
- A15 - sala de espetáculos temporária
- A16 - sala de espetáculos permanente
- A17 - teatro de espaldar
- A18 - sala de ensaio
- A19 - estacionamento
- A20 - espaço café
- A21 - espaço loja
- A22 - sala de programação
- A23 - biblioteca
- A24 - depósito (biblioteca)
- A25 - sala de eventos teatro-visual

- B01 - entrada de sala de fundição
- B02 - entrada de serviço
- B03 - entrada de artistas
- B04 - sala
- B05 - sala técnica
- B06 - sala ensaio
- B07 - espaço de ensaio
- B08 - sala de fundição
- B09 - hangar de ensaio e descarga
- B10 - sala de ensaio e descarga
- B11 - espaço de manutenção
- B12 - sala palco
- B13 - planta elétrica
- B14 - sala de trabalho (fundição)
- B15 - sala de ensaio
- B16 - sala de espetáculos permanente
- B17 - sala de ensaio
- B18 - sala de ensaio
- B19 - sala de ensaio
- B20 - espaço de dia (restaurante)
- B21 - sala de film (restaurante)
- B22 - espaço
- B23 - sala de film

- C01 - central de aquecimento
- C02 - central elétrica e hidráulica
- C03 - central de ar condicionado
- C04 - sala de A/C
- C05 - sala de ar condicionado
- C06 - central de estacionamento
- C07 - posto de transformação

- D01 - sala de teatro
- D02 - sala (sala de espetáculos)
- D03 - sala (sala de ensaio)
- D04 - sala (estacionamento)
- D05 - estacionamento

- E01 - La. gelado
- E02 - La. cozinha multifunção com.
- E03 - cozinha
- E04 - La. Cozinha
- E05 - laboratório/cozinha de fundição
- E06 - cozinha
- E07 - vestiário/La. cozinha

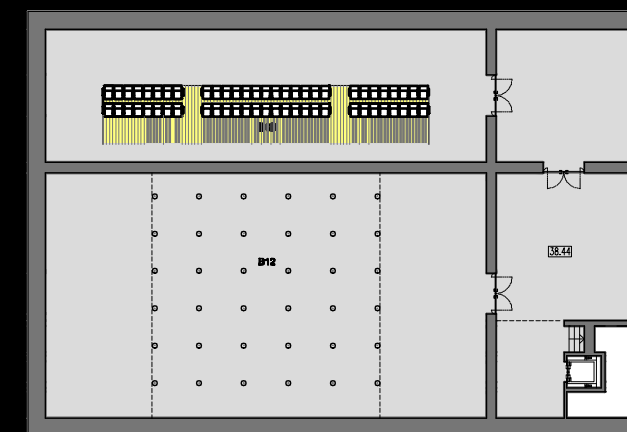
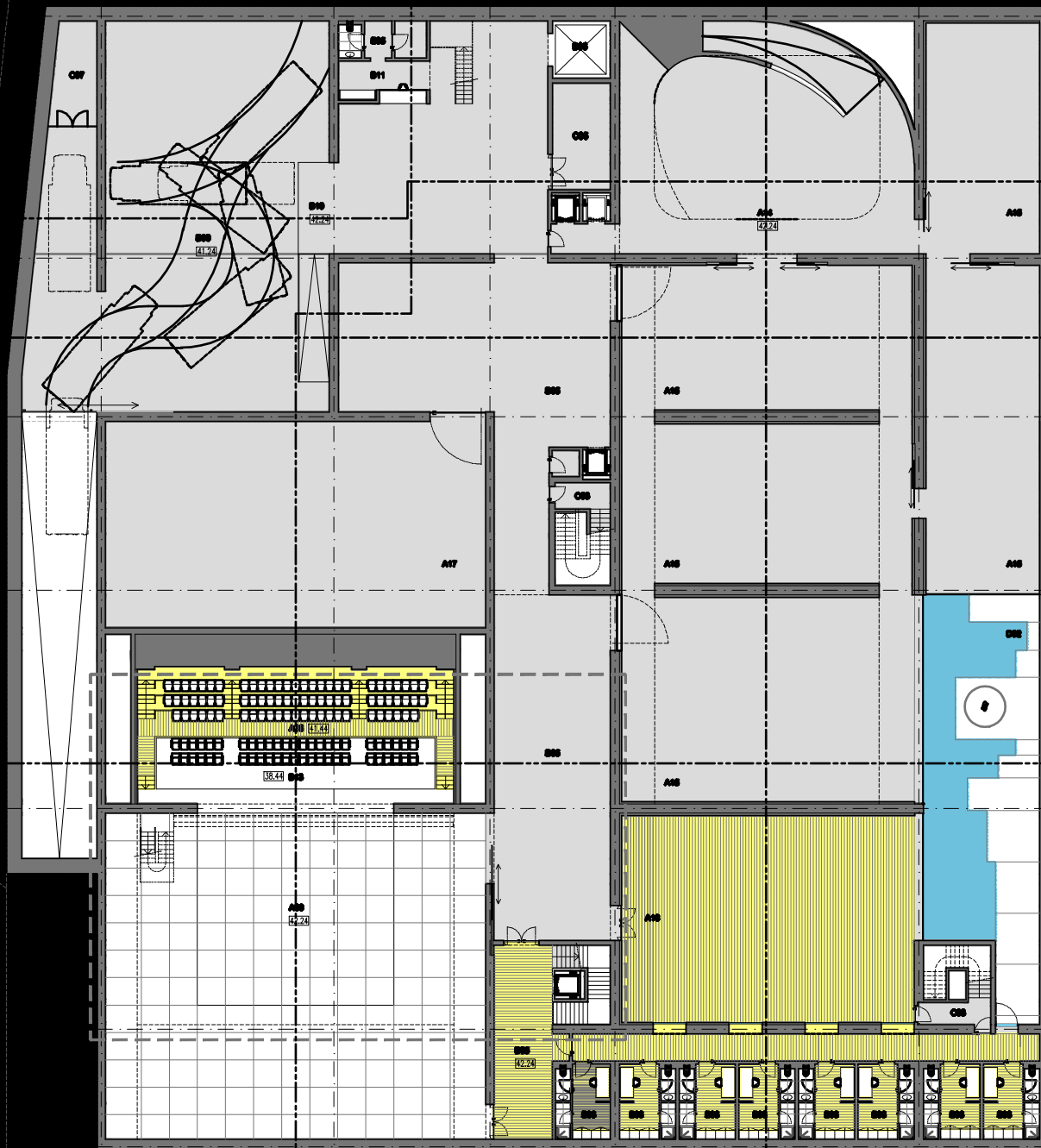
Projetista de Arquitetura, UEL
 Praça do Marquês de São Carlos, 20160-911

OBRA DA FUNDAÇÃO LUIZ GRUENLINA
 CENTRO DE ARTES

Local: Pólo Histórico de São Marcos - 8141
 Coordenador: Prof. Dr. Antônio de Oliveira Filho
 Arquiteto: Prof. Dr. José Duarte Goulart Jago

PROJETO DE ARQUITETURA
 MARÇO 2011

PLANTA DO PISO-1



LEGENDA DE SIGLAS

- A01 - entrada de clientes
- A02 - data principal
- A03 - recepção
- A04 - recepção
- A05 - guarda vestimenta
- A06 - planta
- A07 - sanitários
- A08 - patio
- A09 - sala polivalente
- A10 - varanda (externa)
- A11 - garagem coberta
- A12 - loja
- A13 - sanitários de loja
- A14 - data (respegitiva)
- A15 - sala de exposições temporárias
- A16 - sala de exposições permanentes
- A17 - entrada de expostos
- A18 - sala de jantar
- A19 - estacionamento
- A20 - espaço vazio
- A21 - espaço vazio
- A22 - sala de preparação
- A23 - biblioteca
- A24 - depósito (biblioteca)
- A25 - sala de entrada (sala-vista)

- B01 - entrada de sala de trabalho
- B02 - entrada de serviço
- B03 - entrada de artistas
- B04 - sala
- B05 - sala de trabalho
- B06 - sala de trabalho
- B07 - espaço de trabalho
- B08 - sala de trabalho
- B09 - hangar de carros e descarga
- B10 - sala de carga e descarga
- B11 - espaço de manutenção
- B12 - sala-patio
- B13 - sala de trabalho
- B14 - sala de trabalho (trabalho)
- B15 - sala de trabalho
- B16 - sala de exposições permanentes
- B17 - sala de trabalho
- B18 - sala de trabalho
- B19 - sala de trabalho
- B20 - espaço de trabalho (restaurante)
- B21 - sala de trabalho (restaurante)
- B22 - espaço
- B23 - sala de trabalho

- C01 - sanitários de garagem
- C02 - sanitários de trabalho e biblioteca
- C03 - sanitários de trabalho
- C04 - sala de trabalho
- C05 - sala de trabalho
- C06 - sanitários de estacionamento
- C07 - sala de trabalho

- D01 - sala de trabalho
- D02 - sala de trabalho (sala de trabalho)
- D03 - sala de trabalho (sala de trabalho)
- D04 - sala de trabalho (sala de trabalho)
- D05 - estacionamento

- E01 - La. patios
- E02 - La. sanitários e biblioteca
- E03 - sanitários
- E04 - La. sanitários
- E05 - sanitários e vestimenta de trabalho
- E06 - sanitários
- E07 - sanitários e sanitários

Fundação de Arquitetura, UFRJ
 Praça do Maracanã, 20150-911

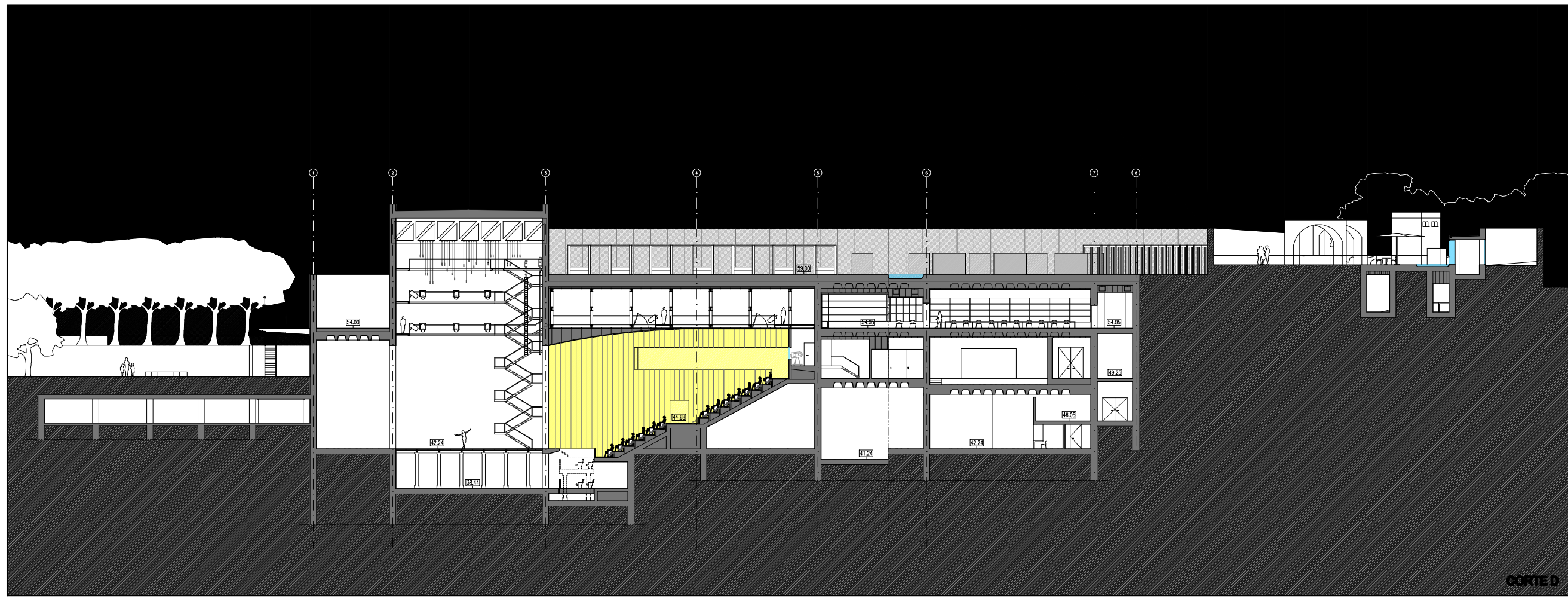
OBRA DA FUNDAÇÃO LINO GONCALVES
 CENTRO CULTURAL

Arquiteto: Flávio Henrique Diniz Marques - 0494

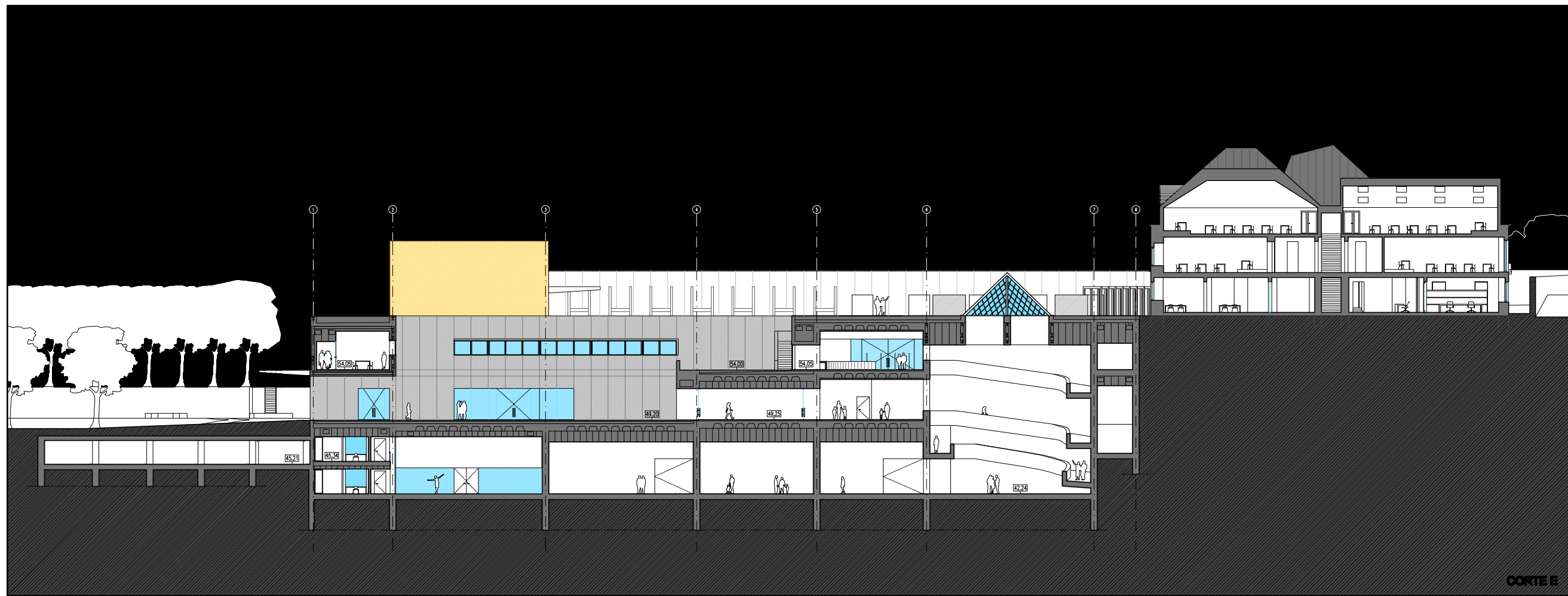
Arquiteta: Prof. Dr. André de Sá Pinheiro
 Arquiteta: Prof. Dr. José Duarte Coutinho Jago

16/05/2011

PLANTA DO PISO-2-e-3



CORTE D



CORTE E

Faculdade de Arquitetura, UFRJ
 Projeto de Habitação Integrada - 2010/2011
 OBRA DA FUNDAÇÃO LINO GRUHLER
 CENTRO DE ARQUITETURA
 Aluno: Filipe Henrique Diniz Marques - 0454
 Orientador: Prof. Dr. Antônio de Oliveira Filho
 Co-orientador: Prof. Dr. José Duarte Coutinho Jogo
 10/05/2011
 CORTES D e E

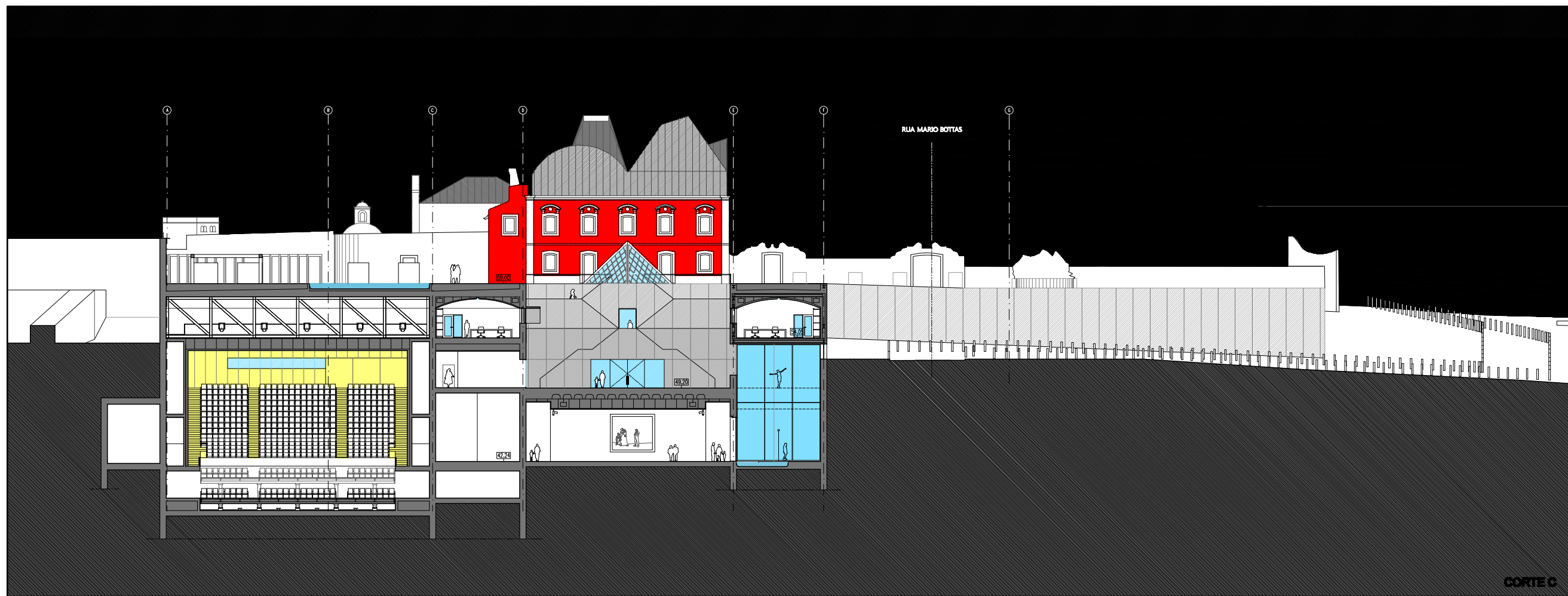


CORTE A



CORTE B

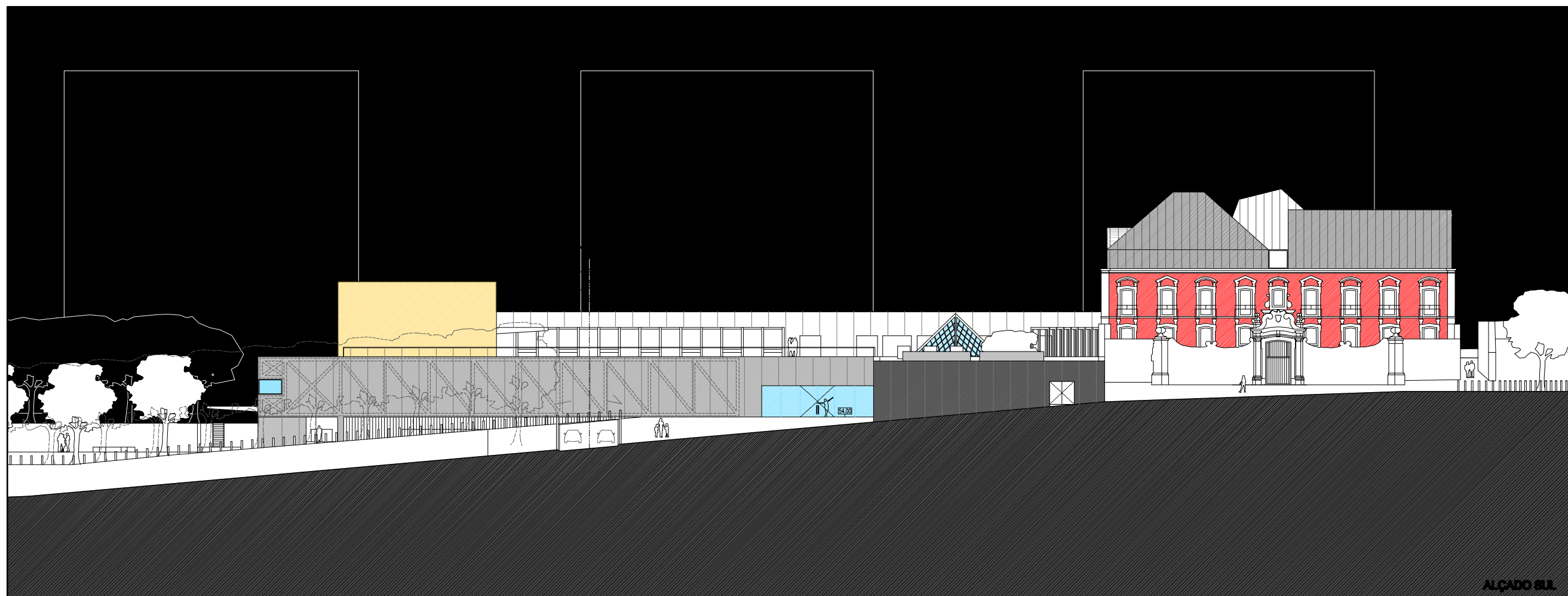
Faculdade de Arquitetura, UFRJ
 Praça do Maracanã, Maracanã - 20131-911
SEDE DA FUNDAÇÃO LINO GRIMALDI
 GUSTAVO GONCALVES
 Autor: Filipe Henrique Daltro Marques - 0454
 Orientador: Prof. Dr. Antônio de Oliveira Filho
 Co-orientador: Prof. Dr. José Duarte Coutinho-Jorge
 2011
CORTES A e B



Faculdade de Arquitetura, UFRJ
 Projeto de Habitação Integrada - 2010/2011
 OBRA DA FUNDAÇÃO LINO GRUENBERG
 CENTRO UNIVERSITÁRIO
 Alameda Filipe Henriques Diogo Marques, 8454
 Universidade Prof. Dr. Antônio Carlos Pinheiro
 Avenida Prof. Dr. José Duarte Coutinho Lago
 20090-900 - Rio de Janeiro, RJ
 14/05/2011
 CORTE C e F



ALÇADO NASCENTE



ALÇADO SUL

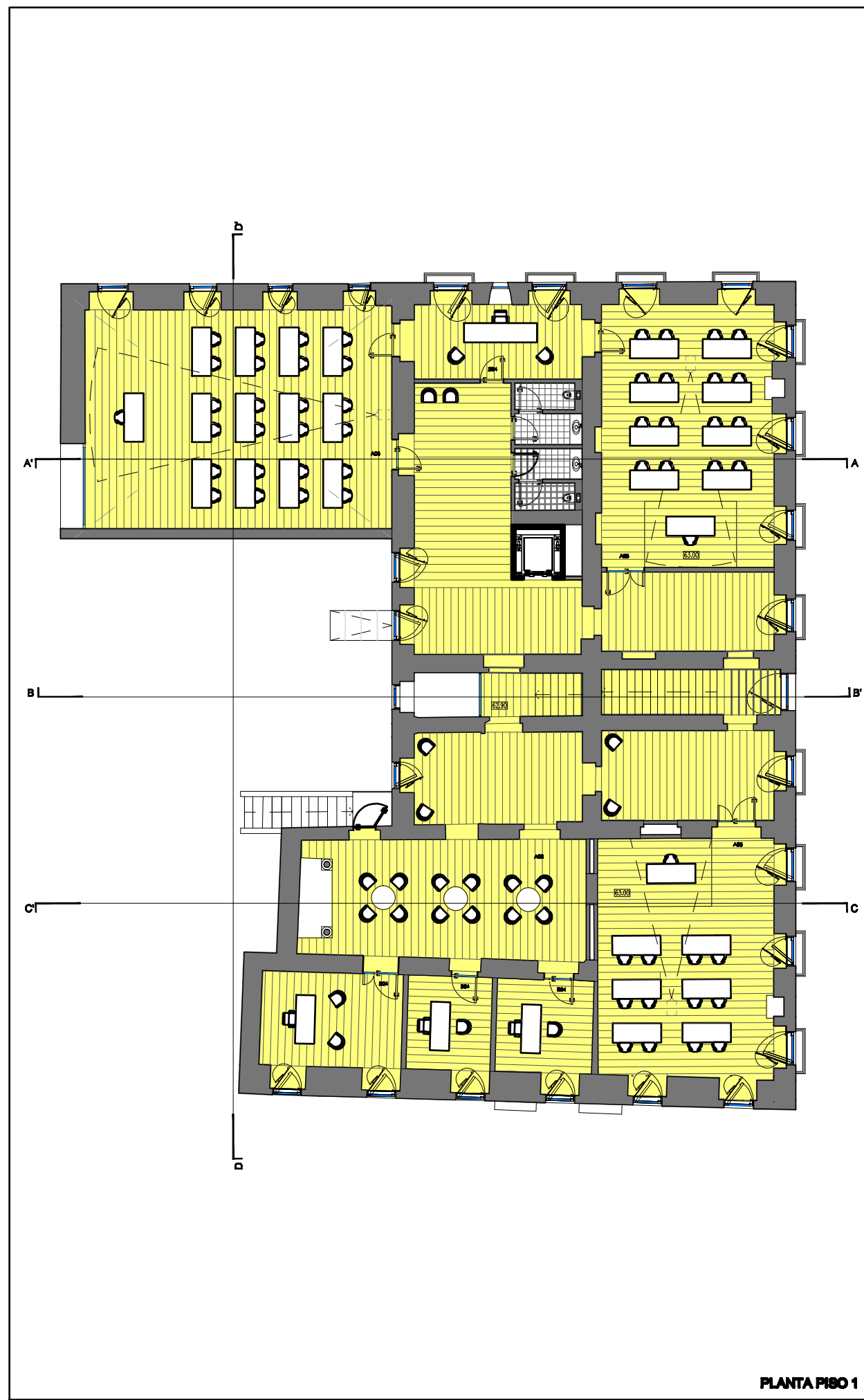
Faculdade de Arquitetura, UFRJ
 Projeto de Habitação Integrada - 2016/2017
 UFRJ DA FUNDAÇÃO LUIZ BRUNHEIRA
 CENTRO UFRJ ARQUITETURA

Coordenador: Filipe Henrique Diniz Marques - 0454
 Orientadores: Prof. Dr. Antônio de Oliveira Filho
 e Prof. Dr. José Duarte Coutinho Joga

ALÇADOS SUL E NASCENTE
 MARÇO 2011



PLANTA PISO 0



PLANTA PISO 1

LEGENDA DE SIGLAS

- AS1 - entrada
- AS2 - recepção
- AS3 - sala de estudo
- AS4 - escritório
- AS5 - sala de aula
- AS6 - sala de reunião
- AS7 - sala
- AS8 - sala

- BS1 - administração
- BS2 - gabinete do diretor
- BS3 - gabinete de presidente
- BS4 - gabinete de docente

- CS1 - La biblioteca
- CS2 - La sala de aula
- CS3 - La sala de reunião
- CS4 - sala

Projeto de Arquitetura, UEL
 Praça do Seminário - 81531-980

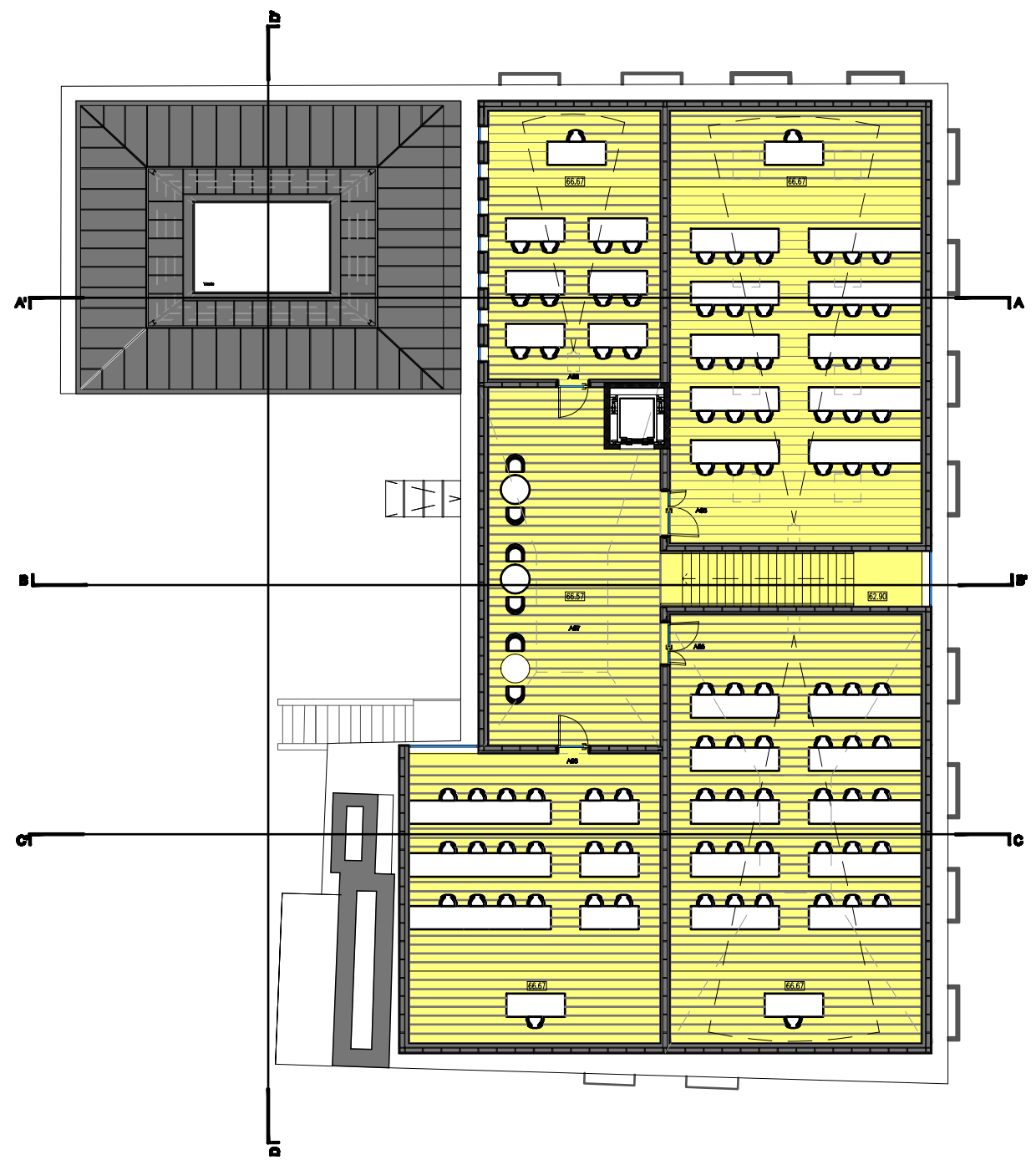
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
 CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS

Coordenador: Prof. Dr. Antônio Carlos de Moraes
 Coordenadora: Prof. Dr. Andréa de Moraes

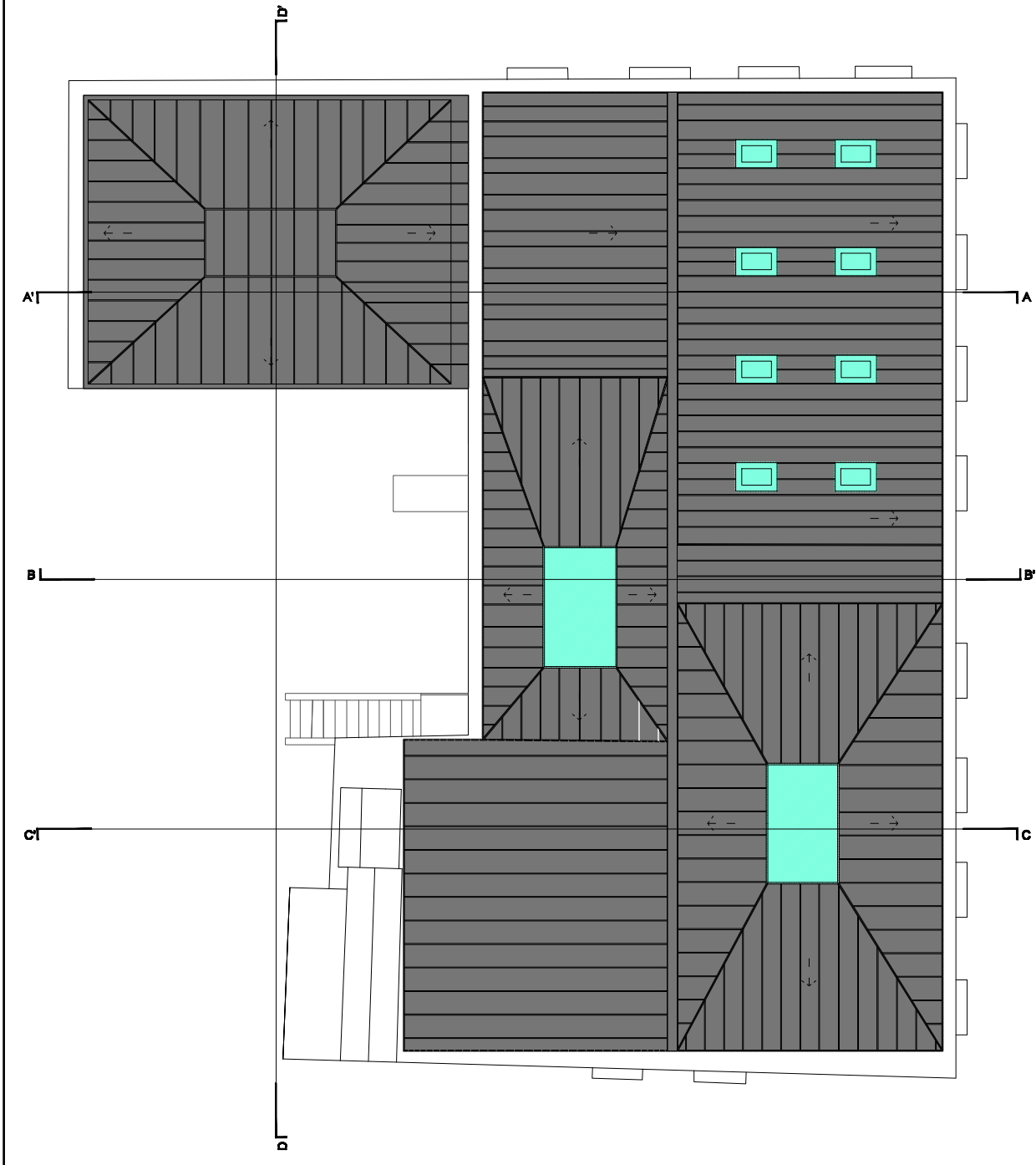
PROJETO DE ARQUITETURA
 MARÇO 2011

PLANTAS DO PISO 0 e 1





PLANTA PISO 2



PLANTA COBERTURA

LEGENDA DE ESPAÇOS

- AE1 - entrada
- AE2 - recepção
- AE3 - sala de estudo
- AE4 - sala de estudo
- AE5 - sala de aula
- AE6 - sala de aula
- AE7 - sala
- AE8 - sala

- BE1 - sala de aula
- BE2 - gabinete de diretor
- BE3 - gabinete de professor
- BE4 - gabinete de docente

- CE1 - La Sanitacion
- CE2 - La sanitacion
- CE3 - La sala de actividades
- CE4 - cocina

Faculdade de Arquitetura, UEL
 Praça do Seminário Itaipava - 81531-970

INSTITUTO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO
 CENTRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO

Coordenador: Felipe Henrique Datta Marques - 0404
 Orientador: Prof. Dr. Antônio de Oliveira Filho
 Assessor: Prof. Dr. José Eduardo Cardoso Jago

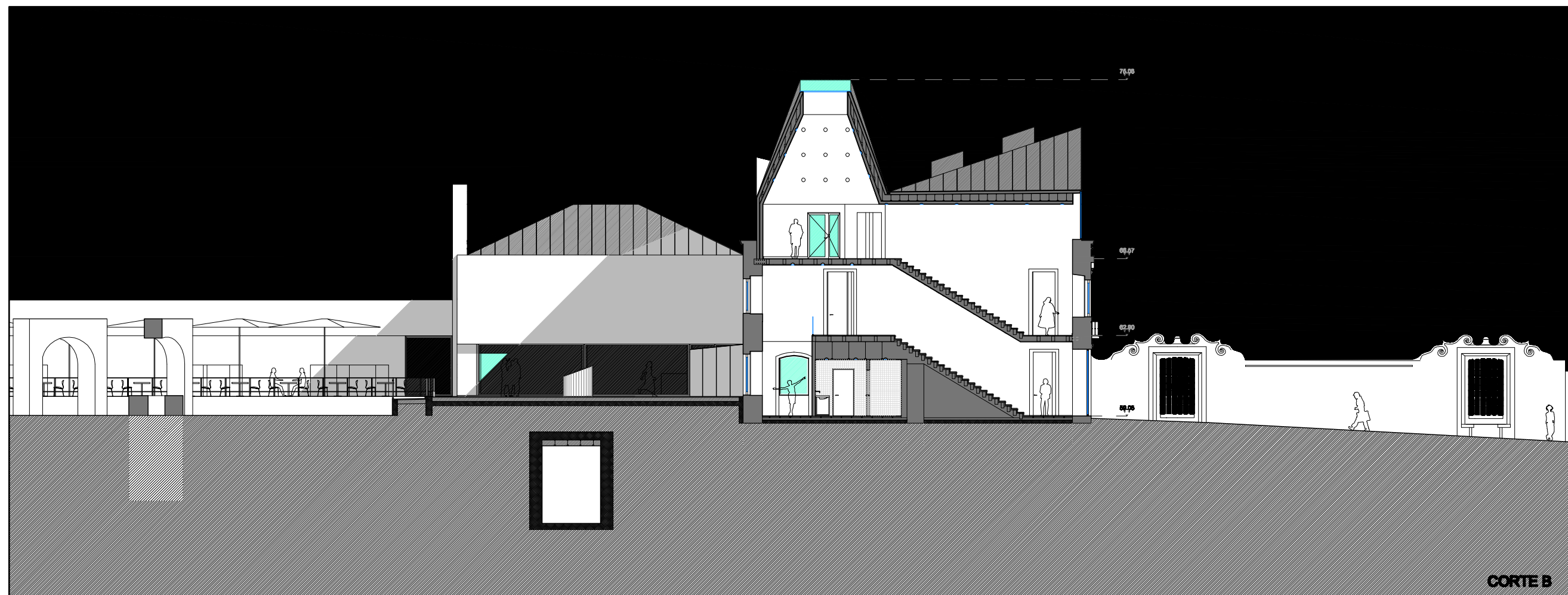
PROJETO DE ARQUITETURA
 MARÇO 2011

PLANTAS DO PISO 2 e COBERTURA





CORTE A



CORTE B

Faculdade de Arquitetura, UFRJ
 Praça do Maracanã, Maracanã - 20131-911
GRUPO DA FUNDAÇÃO LEO CRUZEIRO
 CENTRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO DE PESQUISA
 Rua: Filipe Henriques Silva Marques, 644
 Universidade: Pont. de Aveia de São Paulo
 Avenida: Prof. Dr. José Duarte Coutinho Lago
 13040-970 -
 MARÇO 2011
 CORTE A e B



CORTE C

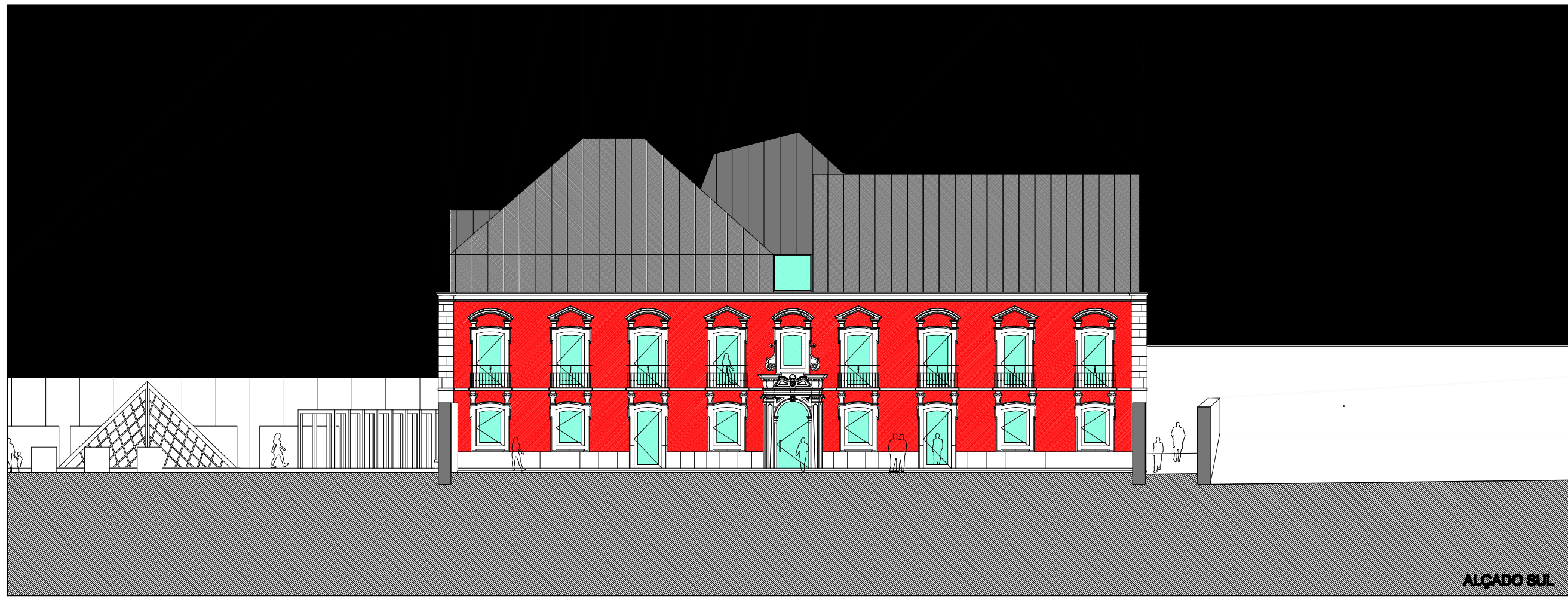


CORTE D

Faculdade de Arquitetura, UFRJ
 Praça do Maracanã - Maracanã - 20131-911
GRUPO DA FUNDAÇÃO LUIZ BRUNHEIRA
 CENTRO DE PROJETOS DE ARQUITETURA

Coordenador: Filipe Henriques Silva Marques - 0404
 Coordenadora: Prof. Dr. Antônio de Oliveira Filho
 Coordenador: Prof. Dr. José Duarte Coutinho Neto

PROJETO DE ARQUITETURA
 MARÇO 2011
 CORTE C e D



ALÇADO SUL



Faculdade de Arquitetura, UEL
Praça do Marquês de São Carlos - 81531-980
CURSO DE ARQUITETURA
CURSO DE LICENCIATURA EM ARQUITETURA
PROFESSOR: FÉLIX HENRIQUE DA SILVA MARQUES - 6454
COORDENADOR: PROF. DR. ANDRÉ DA SILVA PIRES
ASSISTENTE: PROF. DR. JOSÉ EDUARDO COSTA JUNIOR
PROJETO: 2011
MARGO - 2011
ALÇADOS SUL E NASCENTE



perspectiva diurna do pátio tardoz



perspectiva nascente diurna



perspectiva nascente noturna



perspectiva diurna do pátio de hora



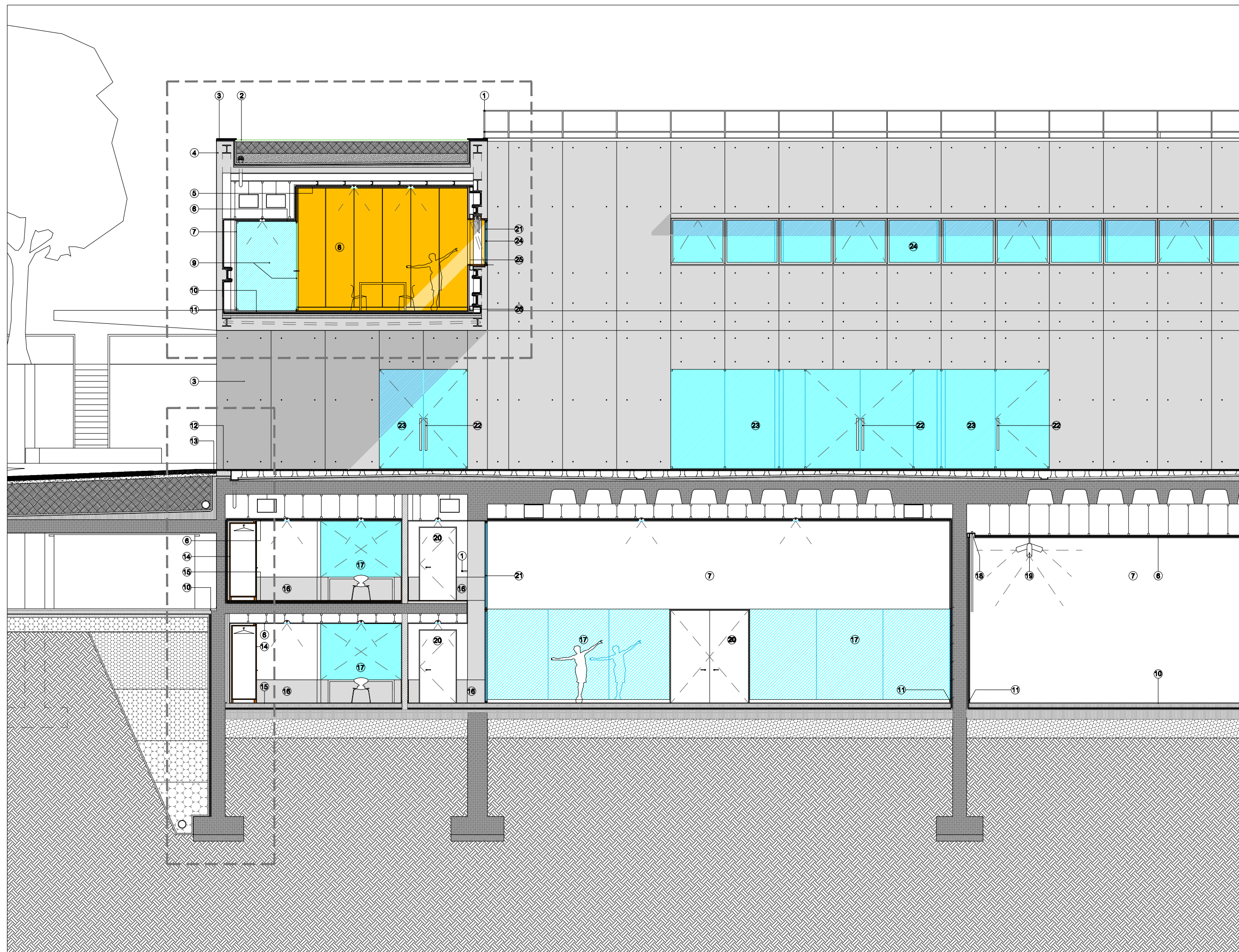
perspectiva noturna do pátio tardoz



perspectiva nascente noturna

Faculdade de Arquitetura, UFRJ
 Praça do Maracanã-Parque - 20131-911
GRUPO DA FUNDAÇÃO LUIZ BRUNHELLA
 CENTRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO
 Orientador: Filipe Henriques Melo Marques - 0404
 Coordenador: Prof. Dr. Antônio de Oliveira Filho
 Coordenador: Prof. Dr. José Duarte Coutinho Lago
 MARGO 2011

ALÇADO POENTE



LEGENDA DE MATERIAS

- 01 - guarda em tubo de aço soldado
- 02 - vegetação rasteira
- 03 - betão branco aparente
- 04 - reveste em pedra marmore azulino de Cascais
- 05 - tecto falso revestido por painel de madeira corveja
- 06 - tecto falso em placa dupla de gesso cartonado tipo knauf
- 07 - parede em placa dupla de gesso cartonado tipo knauf
- 08 - revestimento de parede em painel de madeira corveja
- 09 - vidro interior de vidro simples temperado
- 10 - ripa de pavimento em betão de armadura, não envernizada e serrada nas duas direções
- 11 - roda pé em pinho com acabamento lacado na cor branca
- 12 - pavimento exterior em laje de marmore azulino de Cascais
- 13 - pavé em blocos de basalto
- 14 - armário em madeira de pinho laminada com acabamento lacado na cor branca
- 17 - espelho
- 18 - calha metálica para montagem de exposições
- 19 - iluminação artificial controlável
- 20 - vidro interior em madeira de pinho laminada com acabamento lacado na cor branca
- 21 - vidro com escaletaria de barras de aço soldadas
- 22 - puzadores em aço inox
- 23 - vidro exterior em vidro simples laminado e temperado
- 24 - vidro exterior em vidro duplo temperado e laminado
- 28 - platibanda em madeira laminada corveja
- 28 - roda pé em madeira corveja laminada

Faculdade de Arquitectura, UTL
 Prova de Mestrado Integrado, 2010/2011

SEDE DA FUNDAÇÃO LUSO-BRASILEIRA
 QUARTA DOS AFRITES

Aluno: Filipe Henriques Bicho Marques, 5454

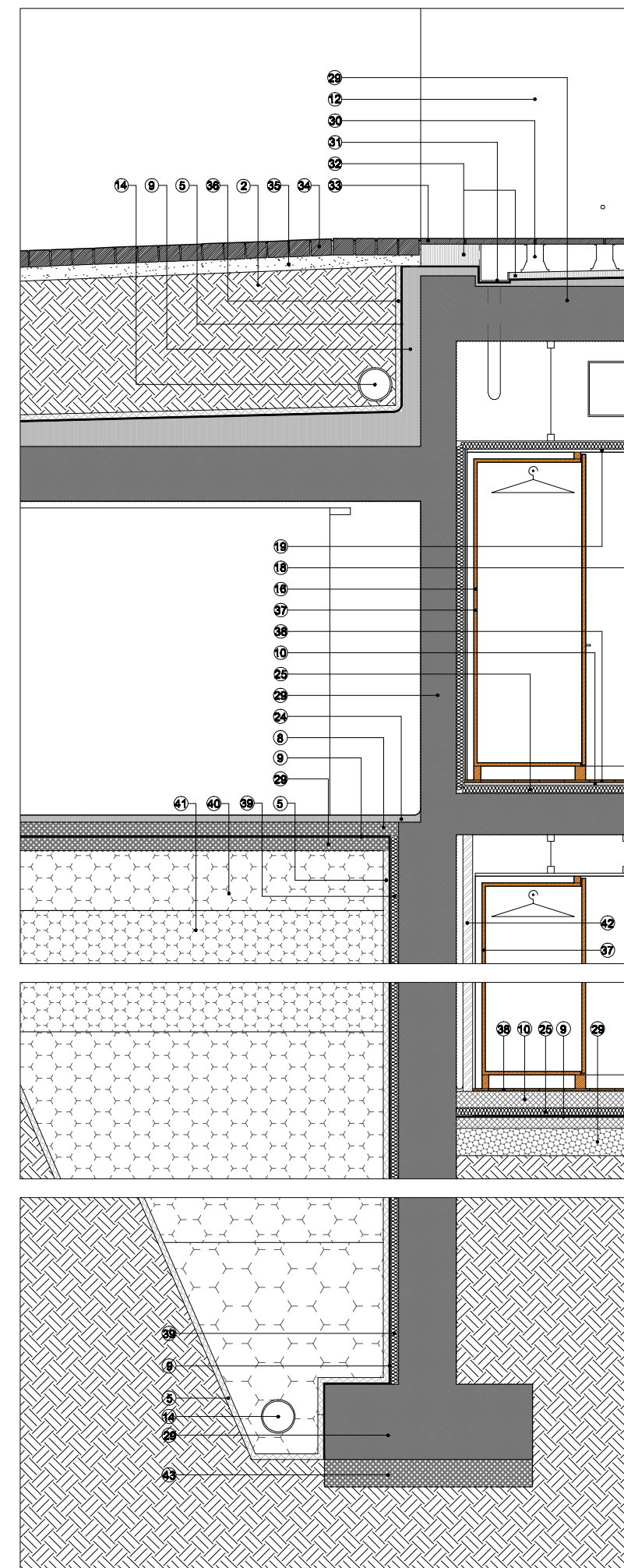
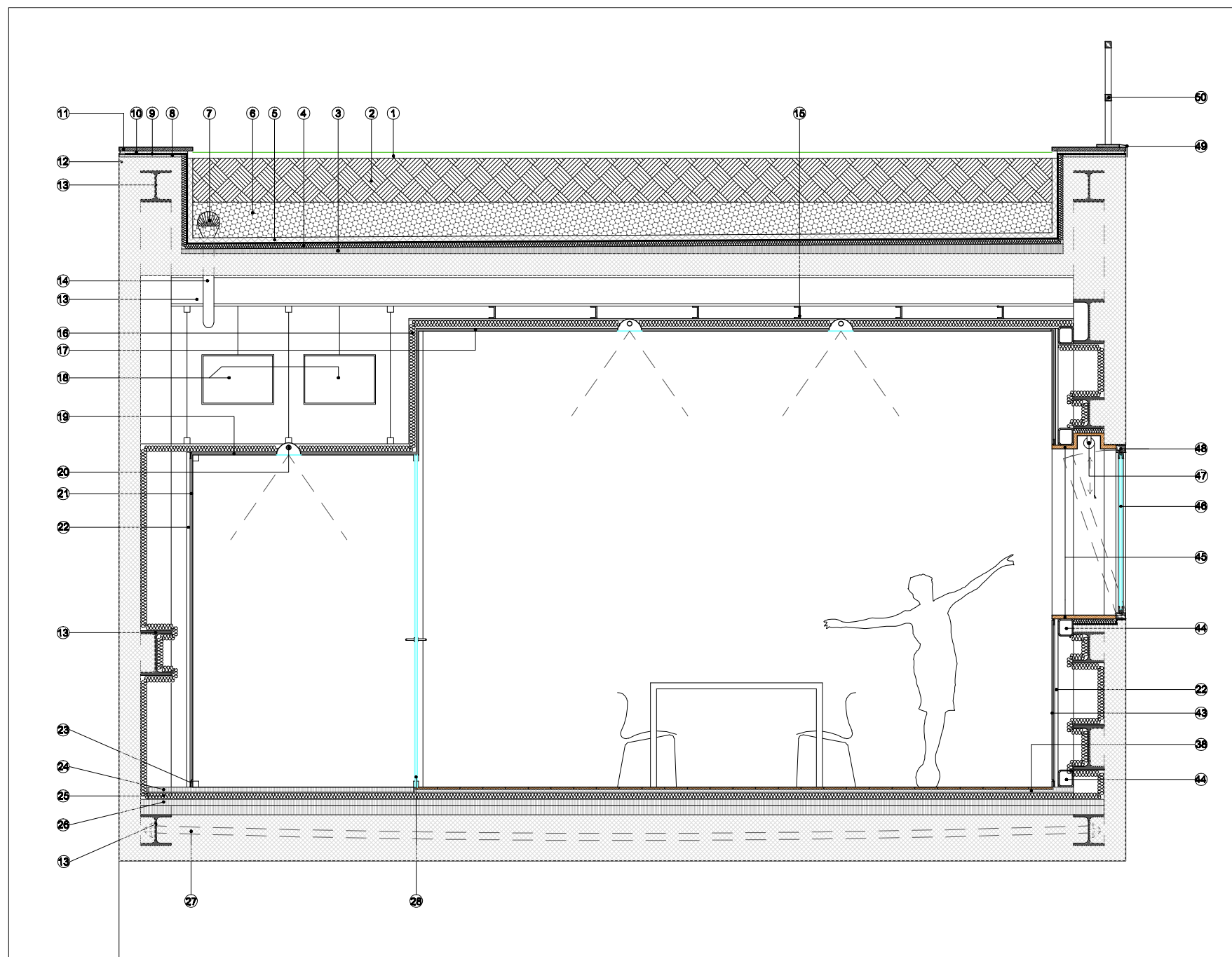
Coordenador: Prof. Dr. Arnóbio de Gil e Pires
 Orientador: Prof. Dr. José Duarte Cardoso Jorge

MARÇO, 2011

CORTE LONGITUDINAL (A)

ESCALA 1/50

20/22



- LEGENDA DE MATERIAS**
- 01 - vegetação rasteira
 - 02 - terra vegetal
 - 03 - formação de pendente 2%
 - 04 - isolamento térmico tipo wallmate
 - 05 - manta geotêxtil
 - 06 - solo rolado
 - 07 - filtro drenante de água pluvial
 - 08 - betoneira de regularização
 - 09 - tela vinílica impermeabilizante
 - 10 - betoneira de assentamento
 - 11 - resina em pedra mármore esculido de Cascais
 - 12 - lajeo branco aparente
 - 13 - perfil HEB 20 com ancoras para betão
 - 14 - dreno de água pluvial
 - 15 - contenteire U de 10 cm por 6 cm
 - 16 - isolamento termo-acústico em III de de rocha com 6 cm
 - 17 - tecto feito em painéis de madeira corajeira
 - 18 - conduta de ar condicionado
 - 19 - tecto falso de gesso cartonado duplo tipo "cross"
 - 20 - iluminação artificial
 - 21 - parede de gesso cartonado tipo "tonal"
 - 22 - perfil de flangia de gesso cartonado
 - 23 - roda pé em pinho lacado na cor laranja
 - 24 - limpo de pavimento em betoneira afogada, não envernizada e armada nas duas direções
 - 25 - isolamento térmico tipo firmamento bern
 - 26 - betoneira de regularização e assentamento
 - 27 - travão contra momento-flexão
 - 28 - vão interior de vidro simples temperado e laminado
 - 29 - estrutura de betão
 - 30 - regularizadores de pavimento
 - 31 - calada em chapa quinada de 3mm
 - 32 - betoneira de assentamento
 - 33 - lajeas de mármore esculido de Cascais
 - 34 - pavê de basalto
 - 35 - areia de assentamento
 - 36 - manta geotêxtil
 - 37 - guarda roupa em madeira de pinho lacado na cor laranja
 - 38 - escafo flutuante em madeira de eucalipto
 - 39 - isolamento térmico tipo wallmate 6 cm
 - 40 - esvaziamento
 - 41 - gravilha
 - 42 - parede em alvenaria de tijolo furado de 7 cm
 - 43 - revestimento em painel de madeira de corajeira
 - 44 - contenteire quadrada de 6 cm por 6 cm
 - 45 - perfil em madeira corajeira laminada
 - 46 - vidro duplo temperado
 - 47 - estora tipo sun-screen
 - 48 - calibração em balsa de aço soldada
 - 49 - chapa quinada com pintura ou lacagem
 - 50 - guarda em aço inox

Faculdade de Arquitectura - UTL
 Prova de Mestrado Integrado - 2010/2011
 SEDE DA FUNDAÇÃO LUSO-BRASILEIRA
 QUINTA DOS ALFÂNDES

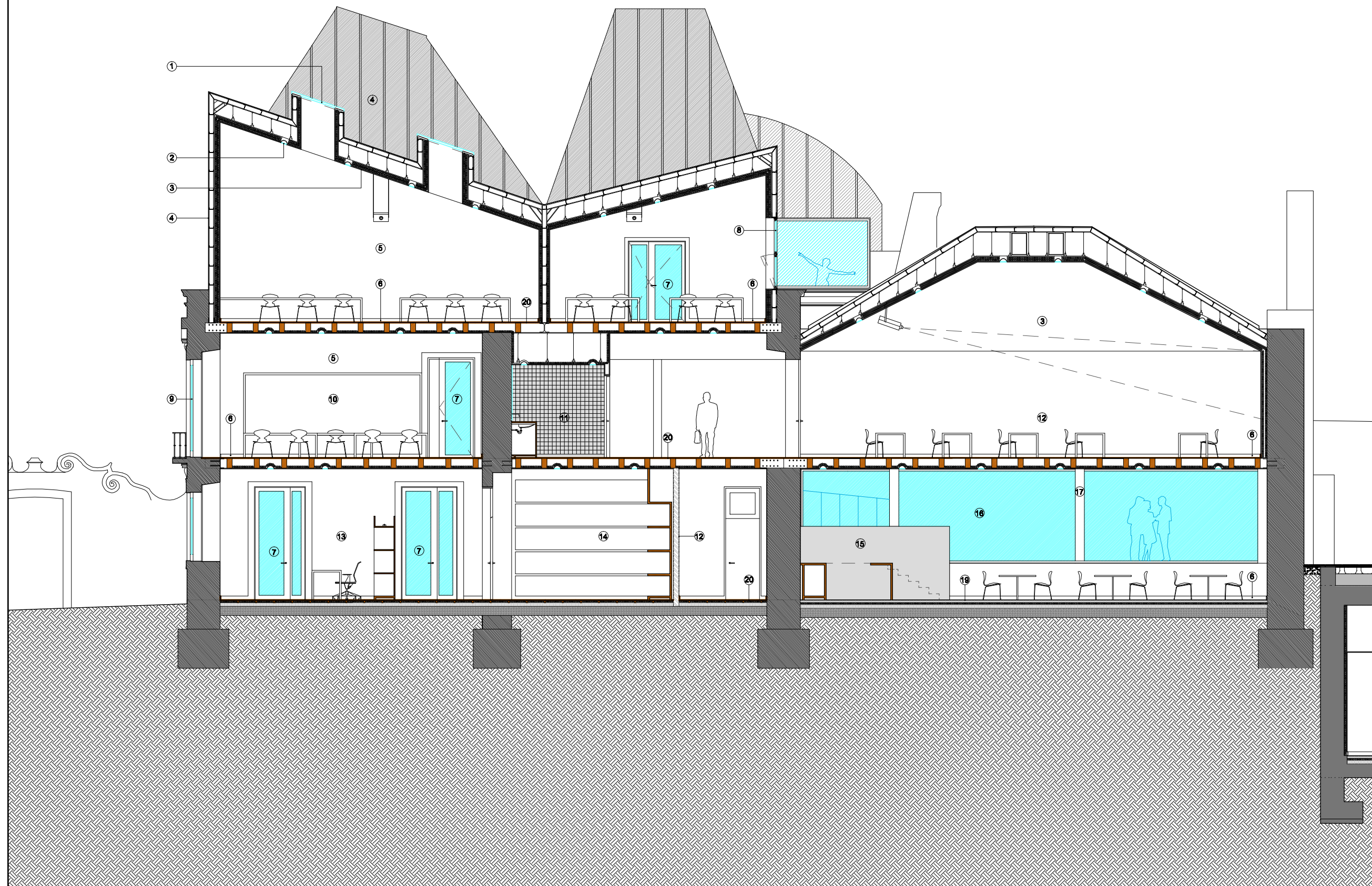
Orçamentista: Filipe Henriques Bicho Marques - 0454
 Coordenador de obra: Prof. Dr. Amílcar de Gil e Pires
 Coordenador de obra: Prof. Dr. José Duarte Cardoso Jorge

MARÇO .2011

CORTE DE FACHADA (A)
 ESCALA 1/20
 21/22

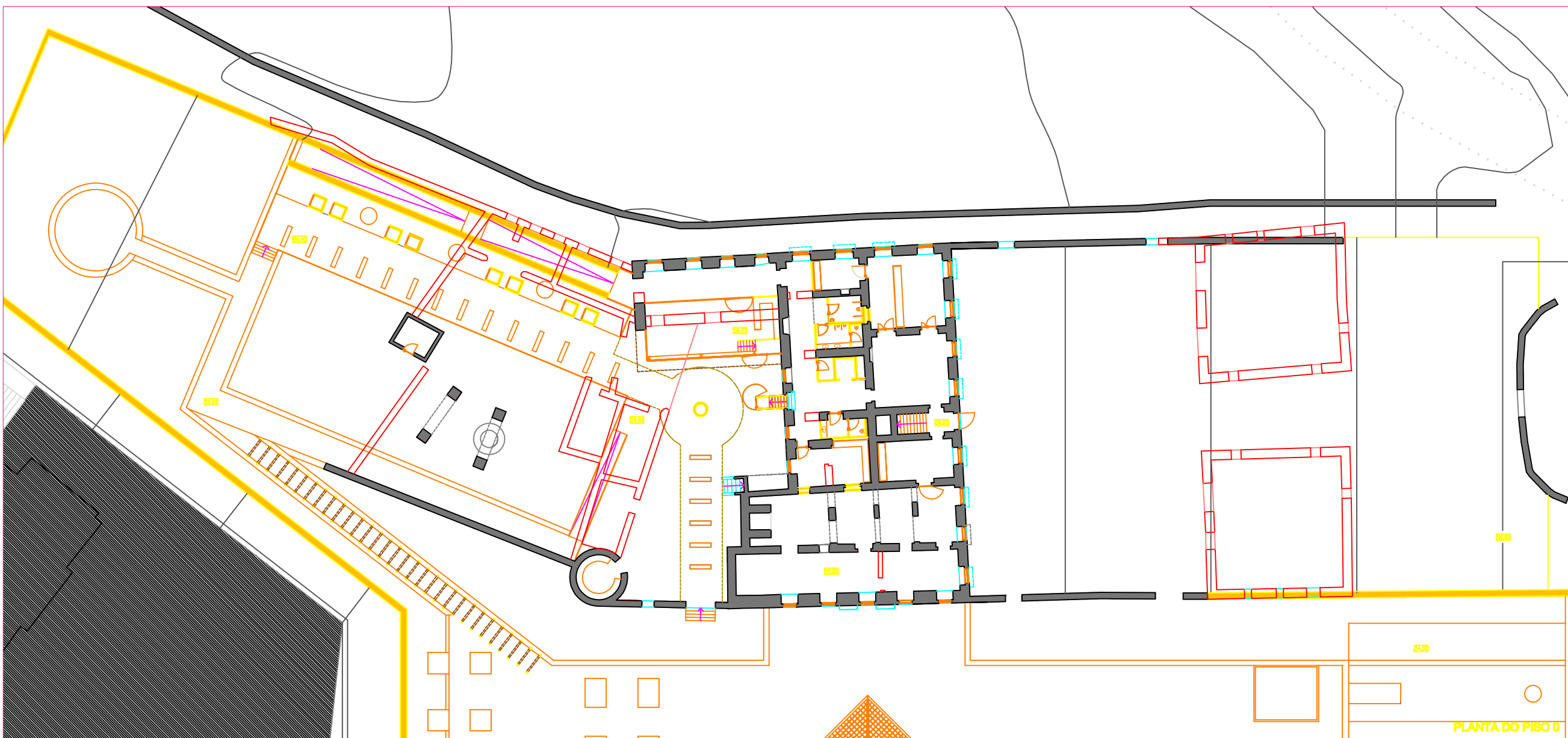
LEGENDA DE MATERIAIS

- 1 - vidro temperado duplo 6 em esp.
- 2 - laminação acrílica
- 3 - teste tubo de gesso cortado
- 4 - revestimento de exterior em alumínio de alto fluxo por extrusão de perfil extrudado laminado a frio
- 5 - parede de gesso cortado
- 6 - rede pó de plinto laçada e lacada
- 7 - porta de plinto laçada e lacada
- 8 - vidro em estrutura de laje de aço esmalta, vidro duplo
- 9 - vidro em estrutura esmalta laçada e testado com vento artificial
- 10 - quadro de acrílico para arte de rua
- 11 - parede de gesso cortado revestido a esmalte azul de 10 cm de esp. ruga
- 12 - guarda de alumínio revestido e plinto a lacada
- 13 - parede pré-castada plinto e lacada
- 14 - estante de plinto laçada e lacada
- 15 - guarda de plinto laçada e ruga
- 16 - vidro duplo temperado
- 17 - perfil extrudado 100x20
- 18 - estufa de betão plinto no ar lacada
- 19 - espaço de pavimento e betão aligeiro, piso esmalta e amada nos dois direções
- 20 - revest. de plinto esmalta

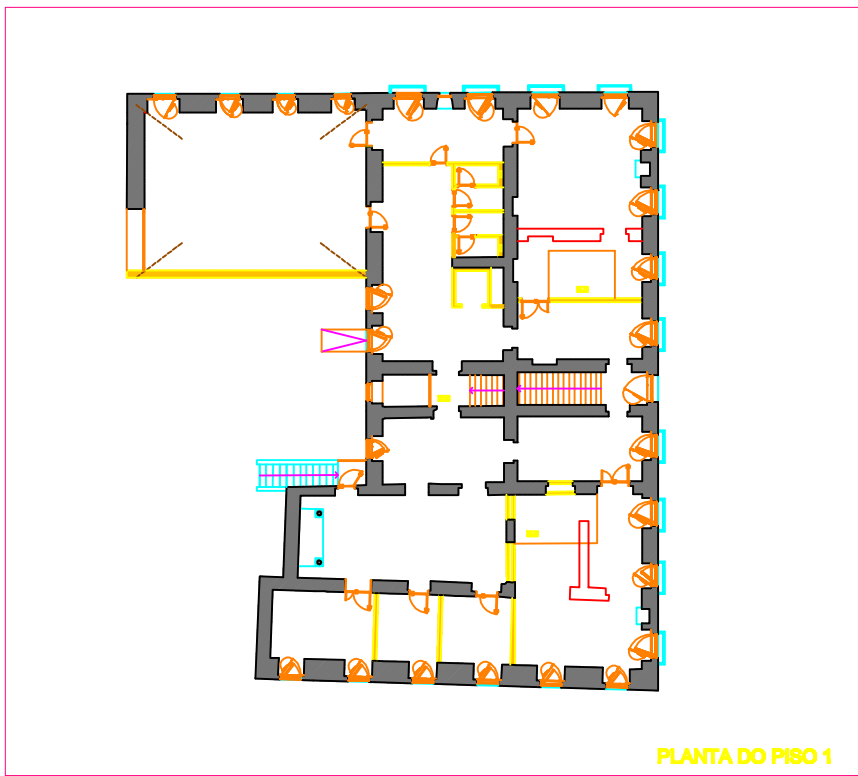


Fundação de Arquitetura, UFRJ
 Praça do Maracanã 20120-911
GRUPO DA FUNDÇÃO LINO GOMES
 CENTRO DE PESQUISA
 Rua: Filipe Henriques 1000 Maracanã - 20131-001
 Coordenador: Prof. Dr. Antônio de Oliveira Paes
 Coordenador: Prof. Dr. José Duarte Castro Jogo
 MARÇO 2011

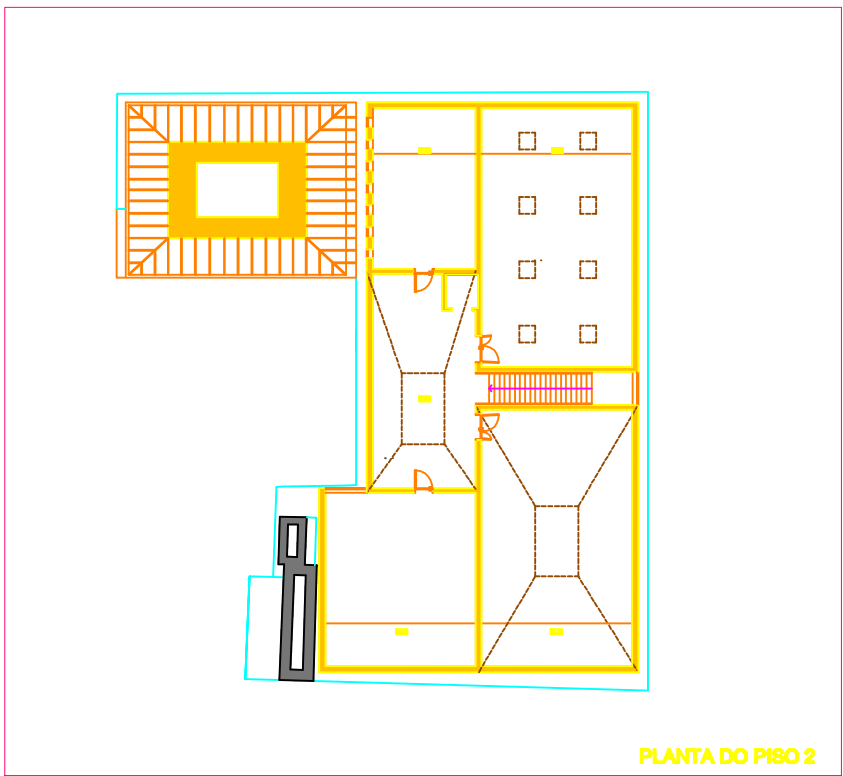
- a demolir
- nível coberturas
- a manter



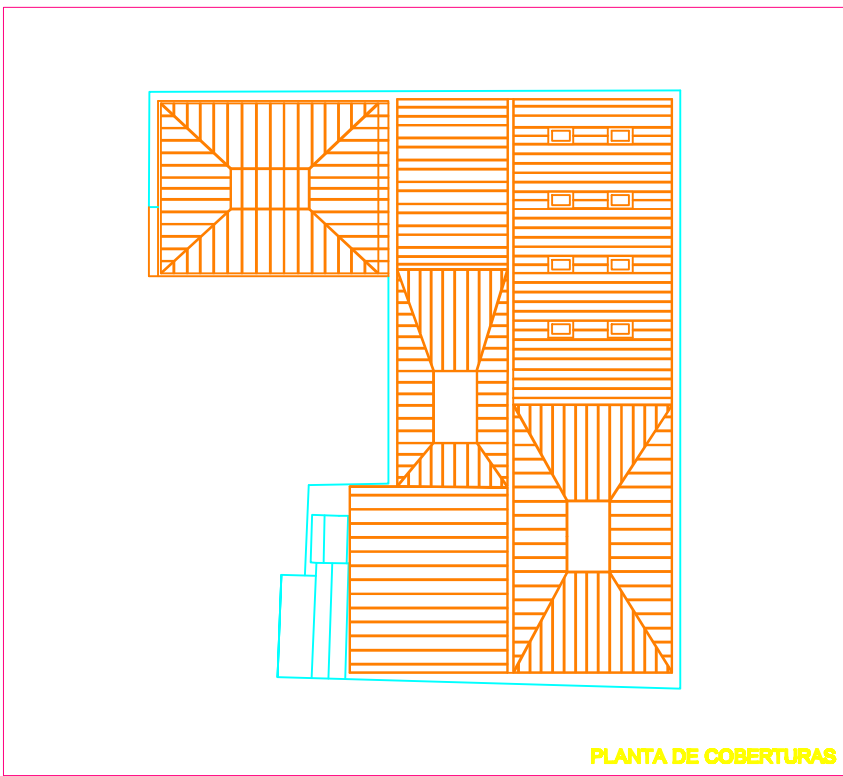
PLANTA DO PISO 0



PLANTA DO PISO 1



PLANTA DO PISO 2



PLANTA DE COBERTURAS

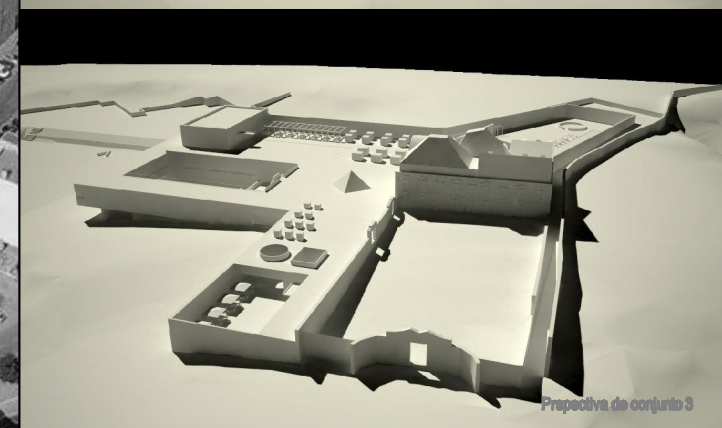
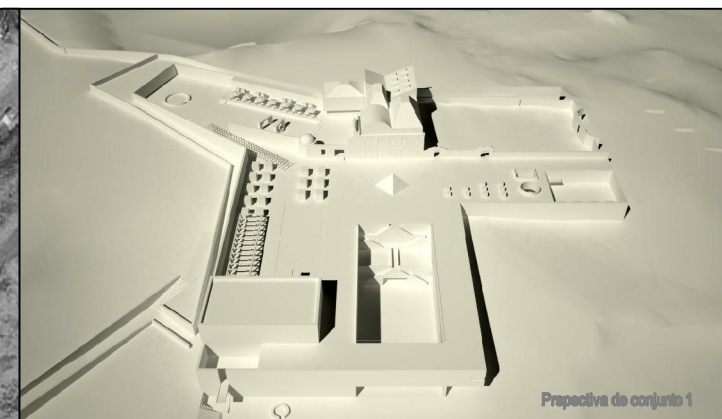
Faculdade de Arquitetura - UFLA
Prova de Habilitação Integrada - 2016/2017

SEDE DA FUNDAÇÃO LUIZ BRANDEIRA
CANTALDO AFFRÉS

Aluno: Filipe Henrique Silva Marques - 0454
Orientador: Prof. Dr. Antônio de Góes Filho
Assessor: Prof. Dr. José Duarte Castro-Jorge

MAIO - 2017

PLANTAS DE DEMOLUÇÕES

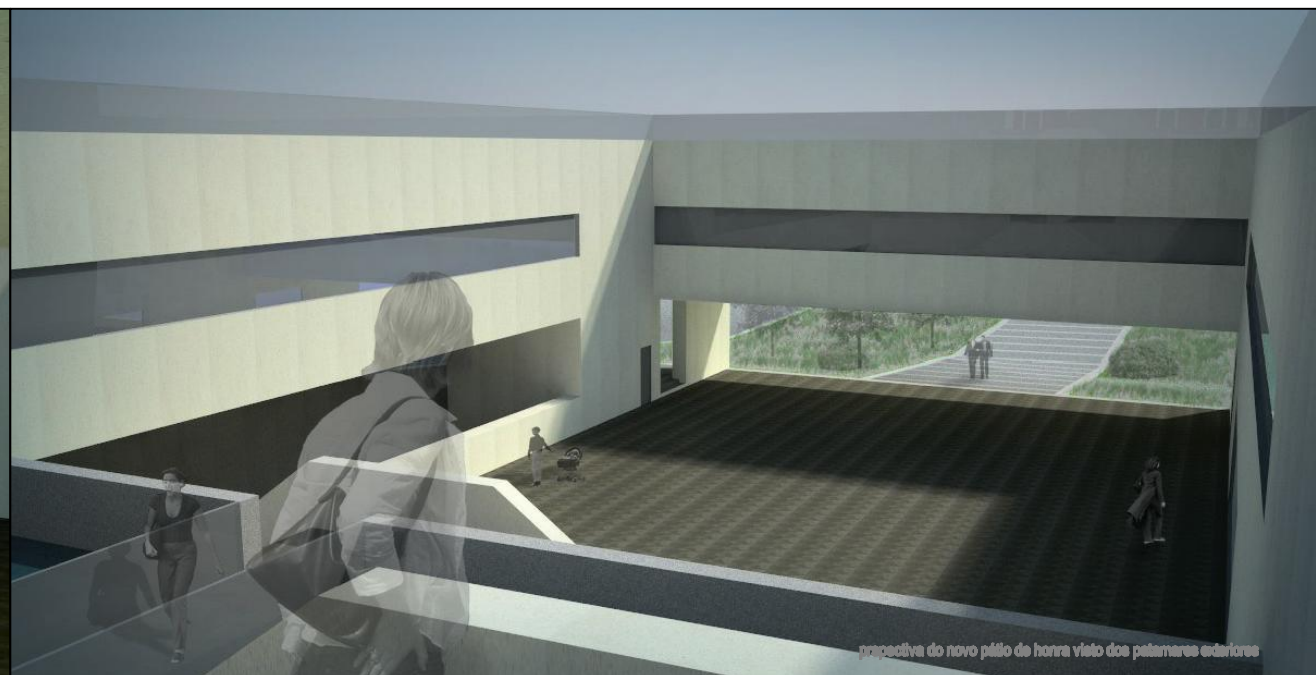


Faculdade de Arquitetura - UFL
 Prova de Mestrado Integrado - 2010/2011
SEDE DA FUNDAÇÃO LUSO-BRASILEIRA
 GUSTAVO ALVES
 Aluno: Filipe Henriques Silva Marques - 0454
 Orientador: Prof. Dr. António de Gó e Pais
 Co-orientador: Prof. Dr. José Duarte Castro-Jorge

MARÇO .2011
 Perspectivas de implantação e conjunto



perspectiva de chegada ao novo pátio de honra



perspectiva do novo pátio de honra visto das palmeiras exteriores



perspectiva da paisagem do edifício da Fundação Luso-Brasileira



perspectiva da relação da sala de exposições com o pátio



perspectiva do pátio do restaurante



perspectiva do pátio de exposições

Faculdade de Arquitetura - UFL
 Prova de Mestrado Integrado - 2010/2011
SEDE DA FUNDAÇÃO LUSO-BRASILEIRA
 GUSTAVO AFREDES
 Aluno: Filipe Henriques Silva Marques - 0454
 Orientador: Prof. Dr. António do Oitavo Pires
 Co-orientador: Prof. Dr. José Duarte Castro-Jorge

MARÇO . 2011
 perspectivas



perspectiva noturna da cobertura do edifício da sede Fundação Luso-Brasileira



aparelhamento do edifício da sede Fundação Luso-Brasileira



perspectiva noturna do novo edifício da Fundação Luso-Brasileira



perspectiva noturna do conjunto



perspectiva noturna do conjunto



perspectiva noturna do conjunto

Faculdade de Arquitetura, UFL
 Prova de Mestrado Integrado, 2010/2011
SEDE DA FUNDAÇÃO LUSO-BRASILEIRA
 GUSTAVO AFREDES
 Aluno: Filipe Henriques Silva Marques, 0454
 Orientador: Prof. Dr. António do Oito Plano
 Co-orientador: Prof. Dr. José Duarte Castro-Jorge

MARÇO, 2011
 perspectivas